



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AMBIENTE E SOCIEDADE
CÂMPUS MORRINHOS

ISABEL CRISTINA VILELA GUERRA

**TURISMO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE DA CIDADE DE CALDAS NOVAS
– GOIÁS:**

Uma abordagem sobre a religiosidade e suas tramas

MORRINHOS

2018

ISABEL CRISTINA VILELA GUERRA

**TURISMO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE DA CIDADE DE CALDAS NOVAS
– GOIÁS:**

Uma abordagem sobre a religiosidade e suas tramas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sociedade.

Área de Concentração: Ciências Ambientais

Linha de Pesquisa: Dinâmica socioeconômica dos ambientes urbanos e rural.

MORRINHOS

2018

ISABEL CRISTINA VILELA GUERRA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TURISMO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE DA CIDADE DE CALDAS NOVAS

– **GOIÁS:** Uma abordagem sobre a religiosidade e suas tramas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sociedade.

Data: 08 de Maio de 2018.

Resultado: _____

Banca Examinadora da Defesa

Prof. Dr. André Luiz Caes
Orientador e Presidente
Universidade Estadual de Goiás – PPGAS

Prof. Dr. Hamilton Afonso de Oliveira
Membro convidado
Universidade Estadual de Goiás – PPGAS

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos
Membro convidado
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Caldas Novas

Morrinhos, 08 de Maio de 2018

Dedico aos meus amados, que sempre tiraram sorrisos para mim quando eu mais precisava: Juliano Guerra, Leonardo Guerra, Lucas Guerra, Dijás e Zazá.

Obrigada! Vocês são anjos em minha vida.

“Quando a gente acha que tem todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas”.

Luis Fernando Veríssimo

AGRADECIMENTOS

Inicialmente não poderia deixar de agradecer ao meu querido orientador, Prof. Dr. André Luiz Caes, pela confiança e pela oportunidade de tê-lo como meu orientador e amigo. Obrigada André por toda paciência e empenho que sempre conduziu este trabalho e acima de tudo, por ser meu incentivador na superação de meus limites, confiando sempre que eu lhe entregaria o melhor de mim... Você foi imprescindível para a conclusão desta pesquisa. Leve de mim e de minha família o nosso respeito e eterna admiração.

Ao Prof. Dr. Hamilton Afonso Oliveira, por aceitar fazer parte deste momento, contribuindo brilhantemente com suas colocações. Obrigada Hamilton por tudo que se dispôs a fazer por mim, nos momentos mais críticos deste mestrado, você é um verdadeiro companheiro de pesquisa e de vida.

Ao Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos, que foi um dos responsáveis pelo caminho que esta pesquisa seguiu. Jean você é um querido amigo, obrigada por todos os livros emprestados, pelos trabalhos conjuntos e oportunidade abertas que sempre teve comigo. Suas observações e contribuições foram essenciais para a finalização desta dissertação.

A todos os professores do mestrado nestes dois anos, vocês nos ensinaram a ir além do que imaginávamos conseguir. Obrigada por cada momento, sempre estarão em meu coração.

A todos os Padres Missionários Saletinos de Caldas Novas pela atenção e disposição e generosidade em fornecer qualquer informação ou material necessário a este trabalho. Em especial, agradeço ao meu eterno amigo Padre Ildfonso e ao meu querido Dom Guilherme Werlang, que sempre se dispuseram a doar seu tempo a qualquer pergunta ou necessidade que tinha, vocês serão eternos neste Santuário.

A todos os funcionários e Padres da Igreja Nossa Senhora das Dores, minha eterna gratidão, já que me meio de muitas dificuldades, passaram o que tinham quando necessitei.

Aos meus muitos colegas de mestrado que se tornaram queridos amigos, e que em muitos momentos tornaram o meu trabalho mais leve. Isabella, Eva, Manuela, Adriana, Alisson, vocês são fantásticos e ficarão eternamente no meu coração.

Aos meus parceiros e amigos da UEG de Caldas Novas que me apoiaram desde o primeiro momento desta dissertação, fazendo o possível para me poupar nos momentos de meus maiores desgastes... Vocês são excepcionais.

A todos que participaram diretamente desta pesquisa, amigos, órgãos públicos, moradores e visitantes de Caldas Novas, meu muito obrigada. Seria difícil nomeá-los aqui, mas agradeço um por um e deixo minha eterna gratidão.

A UEG de Morrinhos pela hospitalidade e gentileza em receber seus eternos alunos, muito obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao meu amor Juliano Guerra, o quanto você é especial. Obrigada amor, pela sua eterna confiança e sua eterna disposição em me ajudar, por perder momentos diários e finais de semana ao meu lado, me fazendo companhia e incentivando que tudo iria dar certo. Tenho em você mais do que podia esperar de um companheiro... Te Amo!

Aos meus filhos Leonardo Guerra e Lucas Guerra que cada um a seu jeitinho, ajudaram a chegar neste momento. Obrigada meus amores, por serem compreensivos e amorosos com a mamãe quando ela nem sempre foi com vocês. Com seus olhares, abraços e carinho minha força e paciência se renovavam. Agradeço a Deus todos os dias por tê-los em minha vida e quero deixar a vocês sempre o melhor de mim... Amo cada um com toda minha alma!

Aos meus pais, Djalma e Elza, o que dizer a vocês? Obrigada por todos os momentos que me proporcionaram fazendo possível para este trabalho acontecer e chegar ao fim, isto só aconteceu graças ao sempre apoio de vocês. Hoje sou a pessoa que sou, pela melhor formação humana que tive, e só posso retribuir sendo a melhor filha que merecem ter. Amo vocês além desta vida!

Por último e não o menos importante, agradeço a Deus e a minha Mãe Maria, pelo amparo em minhas orações. Obrigada por tudo que me permitiram ter nesta vida.

“A regra de ouro consiste em sermos amigos do mundo e em considerarmos como um toda a família humana. Quem faz distinção entre os fiéis da própria religião e os de outra, deseduca os membros da sua religião e abre caminho para o abandono, a irreligião.”

Mahatma Gandhi

RESUMO

O Turismo e a Religiosidade em Caldas Novas, juntamente com a Sustentabilidade e o processo de imersão cultural entre sagrado e profano, ligado com a conservação do patrimônio cultural da cidade e de seus moradores, tornou-se um assunto de muita relevância pela sua potencialidade no momento. O objetivo principal deste presente trabalho, foi verificar como o local que trouxe um legado pelas suas águas termais curativas e milagrosas, desenvolveu um potencial turístico e, também, religioso e cultural muito importante para a região centro-oeste do país. Por outro lado, como os órgãos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cidade criam toda essa sustentabilidade específica em estrutura e manutenção para receber diversos visitantes, não só romeiros, peregrinos, às visitas à Paróquia Nossa Senhora das Dores e ao Santuário de Nossa Senhora da Salette, mas pessoas que vêm apenas para passear, divertir e conhecer as belezas naturais do lugar. Para a realização desses estudos, contou-se com a pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo foi realizada pela pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva, mediante entrevistas semi-estruturadas com questões em aberto. Seus sujeitos foram famílias tradicionais e fundadoras do município, o Bispo da igreja Católica do município de Ipameri, cidade vizinha, Padres e religiosos da Paróquia Nossa Senhora das Dores e Santuário de Nossa Senhora da Salette, o seguimento político em esfera turística e cultural, e parte da população atual da cidade e turistas no âmbito religioso. Os resultados da pesquisa direcionam que a prática do turismo cultural religioso aliado ao turismo de lazer, é totalmente praticável. Ele estabelece espaços de comunhão e solidariedade entre os sujeitos, auxiliando no crescimento pessoal e cultural entre as pessoas. Engloba toda uma vivência espiritual e cultural quer da comunidade local como os múltiplos sujeitos que visitam os lugares sagrados e acima de tudo o fundamental deste segmento, a fé das pessoas.

Palavras-chave: turismo cultural, turismo religioso, sustentabilidade, preservação patrimonial

ABSTRACT

The tourism and the religiosity in Caldas Novas, side by side with the sustainability and the process of cultural immersion between sacred and profane, bonded with the conservation of cultural patrimony of the city and its residents, became a subject of plenty relevance because of its potentiality at the moment. The main goal of this present paperwork, was to verify how the local witch brought a legacy by its healing and miraculous thermal waters developed a touristic potential and, also, religious and cultural very important to the Midwest of the country. On the other hand, as the organs responsible for the growth and development of the city create all this specific sustainability in structure and maintenance to receive several visitors, not only "romeiros", pilgrims, visits to the *Paróquia Nossa Senhora das Dores* and the *Santuário Nossa Senhora da Salete*, but people who come just to hang out, have fun and get to know the natural beauties of the place. For the accomplishment of these studies, we counted on the bibliographical and field research. Field research was carried out by the qualitative research, of an exploratory nature, with analytical-descriptive orientation, through semi-structured interviews with open questions. Its subjects were traditional families and founders of the municipality, the Bishop of the Catholic Church of the county of Ipameri, neighboring city, priests and religious of the *Paróquia Nossa Senhora das Dores* and *Santuário Nossa Senhora da Salete*, the political segment in tourism and cultural sphere, and part of the city's current population and religious tourists. The results of the research point out that the practice of religious cultural tourism together with recreation tourism is totally practicable. It establishes spaces of communion and solidarity between the individuals, helping personal and cultural growth among people. It encompasses a whole spiritual and cultural experience of the local community as well as the multiple subjects who visit the sacred places and above all the fundamental of this segment, people's faith.

Key-words: cultural tourism, religious tourism, sustainability, patrimonial preservation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Essência do Turismo Cultural	27
Figura 2	Esquema utilizado para ilustrar o turismo e suas diferentes perspectivas disciplinares	40
Figura 3	Turismo e Desenvolvimento	41
Figura 4	Dimensões da Sustentabilidade e os seus princípios	50
Figura 5	Foto da paisagem de Caldas Novas cerca de 90 anos atrás, no largo que hoje se chama Praça Mestre Orlando	69
Figura 6	A paisagem de Caldas Novas no ano de 2017, com destaque da Praça Mestre Orlando e a Matriz Nossa Senhora das Dores	70
Figura 7	As cidades e vilarejos vizinhos de Caldas Novas	71
Figura 8	Mapa elucidando a localização de Caldas Novas	72
Figura 9	Foto da Capela Nossa Senhora do Desterro em sua construção no ano de 1850	76
Figura 10	Foto da Capela Nossa Senhora das Dores (1888) antes da segunda Reforma (1920)	76
Figura 11	Foto da Capela Nossa Senhora das Dores após a reforma contendo apenas 01 torre	77
Figura 12	Figura 12: Foto da Praça mestre Orlando hoje, em destaque a fonte construída (centro da foto), o complexo de Bares (à esquerda da foto) e a Matriz Nossa Senhora das Dores (ao fundo da foto)	78
Figura 13	Foto da fonte construída	78
Figura 14	Foto da Capela Nossa Senhora das Dores após a reforma contendo apenas 01 torre	79
Figura 15	Foto da Capela Nossa Senhora das Dores destaques nos invólucros de vidro com as madeiras retiradas na última reforma em 2010	81
Figura 16	Foto do Invólucro de vidro com as madeiras retiradas na última reforma	81
Figura 17	Foto do interior da Paróquia Nossa Senhora das Dores	82
Figura 18	Foto da Paróquia Nossa Senhora das Dores, a secretaria da Paróquia (destaque)	82
Figura 19	Foto externa do Jubileu anexo à Paróquia Nossa Senhora das Dores	82
Figura 20	Foto do interior do Jubileu	82
Figura 21	Foto da Praça Mestre Orlando - Período do carnaval (11/fevereiro/	83

	2018). Em destaque a Paróquia Nossa Senhora das Dores	
Figura 22	Foto da Praça Mestre Orlando no Período do carnaval, dia 11 de fevereiro de 2018 às 19:00 horário missa no Jubileu (em destaque)	83
Figura 23	Foto das crianças Maximino Giraud e Melânia Calvat	87
Figura 24	Figuras da História da Aparição de Nossa Senhora da Salette, colocada em partes e momentos distintos da aparição	88
Figura 25	Imagem de Nossa Senhora da Salette em sua aparição sentada	88
Figura 26	Foto da Imagem de Nossa Senhora da Salette em sua aparição já em pé, no Santuário de Salette na França	88
Figura 27	Foto da fonte de água que nunca mais secou na montanha da Salette na França	90
Figura 28	Foto do Santuário de Nossa Senhora da Salette na França	90
Figura 29	Foto da 1ª Romaria de Nossa Senhora da Salette	94
Figura 30	Foto do primeiro altar no terreno doado para construção do Santuário e realização da 1ª missa na 1ª Romaria	94
Figura 31	Foto do primeiro altar no terreno doado para construção do Santuário e realização da 1ª missa na 1ª Romaria	95
Figura 32	Foto da colocação da Cruz de Nossa Senhora da Salette no Santuário	95
Figura 33	Foto da 1ª missa da 1ª Romaria de Nossa Senhora da Salette, com os padres da esquerda para direita: Bispo Dom Guilherme Werlang e Padre Ático Fassine (MS).....	95
Figura 34	Foto da 2ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette	96
Figura 35	Foto da 2ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette	96
Figura 36	Foto do caminho de via sacra na 2ª Romaria	96
Figura 37	Foto do alto do Morro do Santuário na 2ª Romaria	96
Figura 38	Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Santuário todo fora)	97
Figura 39	Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Por fora)	97
Figura 40	Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Interior parte de cima)	97
Figura 41	Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Por fora os 2 pisos)	97
Figura 42	Foto da 14ª Romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette em procissão dentro da cidade indo para o Santuário	98
Figura 43	Foto da 14ª Romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette em	98

	procissão	
Figura 44	Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário – Antes da Inauguração	99
Figura 45	Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário com as pessoas ainda no altar campal	99
Figura 46	Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário ..	99
Figura 47	Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário ..	99
Figura 48	Foto do Envio do Santuário/2017 - (Inauguração do Santuário)	100
Figura 49	Foto do Envio do Santuário/2017 – No alto o livro tombo do Santuário	100
Figura 50	Foto do Envio do Santuário/2017 - Descerramento da Placa	100
Figura 51	Foto do Envio do Santuário/2017 - Abençoando o Altar – Dom Guilherme	100
Figura 52	Foto do Envio do Santuário/2017 – Interior do Santuário	101
Figura 53	Foto do Envio do Santuário/2017 com todos os Padres presentes ...	101
Figura 54	Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços (2018)	101
Figura 55	Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2018)	102
Figura 56	Foto da Entrada para o Santuário em frente a BR 153	102
Figura 57	Foto da Entrada para o Santuário em frente a BR 153	102
Figura 58	Foto do Santuário de Nossa Senhora da Salete a Imagem de Nossa Senhora da Salete e a fonte inaugurada em 2017	103
Figura 59	Foto da entrada do Santuário de Nossa Senhora da Salete	103
Figura 60	Foto da entrada do Santuário com as fitinhas amarradas pelos visitantes	103
Figura 61	Foto do Subsolo do Santuário	104
Figura 62	Foto das escadarias do Santuário do caminho de Via Sacra e as Imagens de Salete	104
Figura 63	Foto da lagoa de Pirapitinga, que originou o nome do Clube Lagoa Quente de Caldas Novas e ficando em suas dependências	105
Figura 64	Foto da construção da Praça Mestre Orlando nos anos 60	109
Figura 65	Foto da construção da rua Major Vítor (Rua do Banco Itaú)/1960	109
Figura 66	Foto aérea de Caldas Novas com sua transformação do espaço e território.....	109
Figura 67	Foto do Hotel Morada do Sol no centro de Caldas Novas nos anos 80	110

Figura 68	Foto do Hotel Privé nos anos 80	110
Figura 69	Foto do Hotel CTC no centro da cidade,nos anos 80	110
Figura 70	Foto do Hotel Estoril no centro da Cidade, hoje Hospital Nossa Senhora - anos 80	110
Figura 71	Foto inédita do Balneário nos anos de 1950, no centro da Cidade	111
Figura 72	Foto aérea de Caldas Novas com seu crescimento e transformação de seu território em comparação com os anos 50 e 80	111
Figura 73	Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017 – Pessoas de vários Estados do Brasil	116
Figura 74	Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017 – Pessoas de vários Estados do Brasil	116
Figura 75	Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017	117
Figura 76	Foto do Quadro dos Milagres: Fotos e cartas dos milagres realizados a pedidos Feitos no Santuário de Nossa Senhora da Salete	117
Figura 77	Foto dos trenzinhos e ônibus levando os turistas ao Santuário	118
Figura 78	Vista do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2004)	120
Figura 79	Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2017)	121
Figura 80	Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2018)	121
Figura 81	Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas, que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2005)	122
Figura 82	Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas, que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2018)	122
Figura 83	Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas e uma das ruas perpendiculares a Avenida que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2018)	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Legislação e dispositivos legais relacionados ao turismo cultural e dentre eles o Patrimônio Cultural	30
Quadro 2	Cartas e Recomendações Internacionais e Nacionais sobre à Proteção do Patrimônio Cultural e Natural enfocando as Paisagens	33
Quadro 3	Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo Cultural	43
Quadro 4	Classificação do motivo da visita/viagem por divisões	56
Quadro 5	Perfil de pessoas que se deslocam aos santuários e festas católicas	57
Quadro 6	Distância entre Caldas Novas e as principais cidades Brasileiras ...	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SOBRE A PESQUISA E SEUS CAMINHOS	23
1.1 O LUGAR NA CULTURA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E SUAS VERTENTES.....	23
1.1.1 A Cultura como Identidade, Autenticidade e Construção Social	25
1.1.2 Preservação do Patrimônio Cultural: uma dimensão da Sustentabilidade ...	28
CAPÍTULO 2: O TURISMO, SUAS DEFINIÇÕES E DIMENSÕES	37
2.1 SURGIMENTO, EVOLUÇÃO E CONCEITUAÇÃO DE TURISMO	37
2.2. TURISMO CULTURAL	41
2.2.1. Discussão de conceitos, Identidade, Autenticidade e Tradição	41
2.2.2 Impacto do Turismo nas Culturas	45
2.3 TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	47
2.3.1 Planejamento Territorial e Políticas Públicas do Turismo	51
2.4 SINGULARIDADE DO SEGMENTO DO TURISMO CULTURAL-RELIGIOSO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS IMPORTANTES À DISCUSSÃO	53
2.4.1 Reflexão sobre o Espaço Sagrado e Profano	60
CAPÍTULO 3: A INTEGRAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO AO ESPAÇO TURÍSTICO EM CALDAS NOVAS (GO): ESTUDO DE CASO	64
3.1 SOBRE O LOCAL: ÁREA DE ESTUDO	66
3.2.1 Caldas Novas e seu percurso histórico	66
3.2.2. Levantamento dos dois objetos de Estudo	72
1- Igreja Matriz – Nossa Senhora das Dores.....	
2- Santuário de Nossa Senhora da Salete	83
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
APÊNDICES	136
APÊNDICE 1: Questionário aplicado à comunidade local de Caldas Novas	137
APÊNDICE 2: Questionário aplicado aos Visitantes do Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas	141

ANEXOS	144
ANEXO 1 – Jornal Folha de Goiaz de 01 de outubro de 1981 retratando Caldas Novas – A história, de boca em boca – Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores	145
ANEXO 2 – Documento da Pasta de Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores da Igreja Matriz de Caldas Novas	146
ANEXO 3 – Jornal Folha de Goiaz de 29 de setembro de 1981 retratando Caldas Novas – A Demolição da Igreja Revolta a População – Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores	147
ANEXO 4 – Jornal Folha de Goiaz do ano de 1981 retratando Caldas Novas – S.O.S. Para uma Igreja – Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores	148
ANEXO 5 – Jornal Cidades E+ Notícias e Classificados, de 26 de junho de 2017, contendo aprovação da Lei que Inclui a Romaria da Salete no Calendário do Estado de Goiás	149
ANEXO 6 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 19 de outubro de 2004, contendo matéria sobre o início do Turismo Religioso em Caldas Novas, com a primeira Romaria de Nossa Senhora da Salete	150
ANEXO 7 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas	151
ANEXO 8 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e a Consciência Ecológica durante a realização da Romaria	152
ANEXO 9 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas, demonstrando a gratidão de uma moradora da cidade durante a realização da Romaria	153
ANEXO 10 – Projetos de Lei Ordinária da Câmara Municipal de Caldas Novas, alterando nomes das ruas próximas ao Santuário de Nossa Senhora da Salete, no Setor Mansões Recanto da Serra, pelos nomes de Missionários Saletinos.	154

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta dissertação é realizar uma reflexão sobre os aspectos da cidade de Caldas Novas (GO) que se referem à crescente interação entre o turismo de lazer e o turismo cultural e religioso. A perspectiva é compreender como a cidade tem reagido a esse novo contexto, como as mudanças foram vivenciadas por seus moradores mais antigos, cuja vida cultural e religiosa foi invadida e transformada pelo turismo de lazer, e como as atuais condições de expansão do turismo religioso tradicional tem estabelecido um novo significado e uma nova dinâmica ao lugar.

Devido à grande riqueza natural da região, principalmente pelos benefícios de suas águas termais, o turismo de lazer tem prevalecido há algum tempo como o principal foco da economia da cidade, entretanto estamos observando uma alteração nessa dinâmica que, aos poucos, vai abrindo espaço também para o turismo cultural e religioso. A principal mudança se refere às constantes visitas ao município de Caldas Novas de pessoas que são ao mesmo tempo turistas e peregrinos, pois estão também à procura de uma experiência de fé nas principais Igrejas: Paróquia Nossa Senhora das Dores e Santuário de Nossa Senhora da Salette.

Como objetivos mais específicos da pesquisa, buscou-se verificar como um espaço totalmente voltado ao turismo termal/profano pode também se tornar sagrado, a partir da percepção dos visitantes e da atuação dos que defendem a tradição religiosa do lugar. Nessa perspectiva, torna-se necessário refletir sobre o significado do sagrado e investigar a relação que os seres humanos estabelecem com os lugares sagrados. É importante, ainda, conhecer os diferentes sujeitos voltados à religiosidade, apresentando as motivações e devoções que ligam as pessoas ao sagrado, destacando os aspectos históricos e culturais e as principais características que marcam a experiência de busca por esses locais. Por fim, pretende-se verificar como o turismo religioso interfere no desenvolvimento da localidade, se altera efetivamente a imagem turística do local, se colabora com uma perspectiva sustentável de exploração do espaço, se estimula a conservação do patrimônio histórico e se contribui para o bem-estar social e coletivo, uma vez que a atividade atinge o lado emocional e espiritual do indivíduo.

A reflexão que é proposta parte da constatação de que a cidade de Caldas Novas em sua evolução, isto é, ocupação, povoamento e crescimento, teve sua imagem como polo turístico modificada através do tempo, continuando ainda hoje em transformação. Oliveira e Toledo (2014), ilustram bem a primeira fase da história da cidade:

[...] e foi justamente em torno da utilização das águas termais para fins medicinais que a região das águas quentes tornou-se conhecida desde fins do século XVIII até a década de 1960, não pelo lazer e entretenimento, mas, pelo uso das águas termais para fins medicinais e terapêuticos como na atualidade. Portanto, por quase dois séculos, a imagem da cidade e das fontes termais sempre estiveram associadas à cura e a medicina, especialmente, para a população mais pobre e carente. (OLIVEIRA E TOLEDO, 2014, p. 107).

Após esse longo período cujo enfoque principal foi a ação das águas quentes em processos de cura física, o turismo na região de Caldas Novas assimilou outras características que impulsionaram grandemente a economia local, em especial o turismo de lazer, mas também o turismo de negócios e o turismo ligado às atividades próximas à natureza. Na última década, a essas perspectivas do turismo citadas, vê-se crescer o turismo religioso como parte importante da experiência cultural da região.

Tendo em vista esta particularidade da história de Caldas Novas (GO), este estudo busca compreender a complexidade do assunto levantado, observando, explorando e descrevendo os elementos que constituem a dinâmica atual do turismo na cidade, abordando a interação entre esses diversos tipos de atividades turísticas (turismo de lazer, de negócios, turismo cultural, religioso) por meio da pesquisa bibliográfica e por um trabalho de campo direcionado especificamente à essa nova vertente que está alterando novamente a imagem turística da cidade: o turismo religioso.

Na pesquisa bibliográfica foram recolhidas e analisadas informações sobre os temas abordados, utilizando como suporte livros, artigos, dissertações, entre outros. Na pesquisa de campo o enfoque foi na aplicação de entrevistas a pessoas da cidade e dirigentes religiosos, assim como foram tiradas várias fotos que documentam o trabalho “*in loco*”. A escolha da entrevista como opção central do trabalho de campo deve-se ao fato de ser uma conversa orientada, visando recolher dados para a pesquisa, onde a pessoa informante conta com a presença do entrevistador ou seu auxiliar para registrar todas as informações (CERVO, BERVIAN e SILVA, 2007). Por fim, para a coleta de dados e verificação dos resultados, das hipóteses levantadas ao longo do estudo, fez-se a opção por pesquisa com abordagem quantitativa e qualitativa.

Para a análise qualitativa, realizou-se uma pesquisa documental, com levantamento de dados necessários à pesquisa e estudo de caso, uma vez que tais informações foram extremamente necessárias ao bom andamento e fechamento do trabalho. Segundo Severino (2017), a pesquisa qualitativa “trata-se, portanto, de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre o tema, tendo como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”.

O estudo de campo foi realizado na cidade de Caldas Novas (GO), cujos participantes foram pessoas de famílias tradicionais e fundadoras do município, o Bispo da Igreja Católica do município de Ipameri (Diocese a que pertence Caldas Novas), Padres e Religiosos da Paróquia Nossa Senhora das Dores e Santuário de Nossa Senhora da Salette, o segmento político em esfera turística e cultural, e amostra da população atual da cidade que frequenta os templos estudados e turistas no âmbito religioso.

A contribuição deste estudo se insere no campo das reflexões sobre as atividades turísticas em geral, sobretudo sobre a dinâmica e os impactos dessas atividades na sociedade atual. Parte-se do pressuposto de que esses impactos devem ser estudados caso a caso, devido às diferentes características que marcam o turismo nas diversas regiões e locais.

No Estado de Goiás, durante o século XX, o crescimento urbano acompanhou a expansão brasileira em muitos setores como transporte, comunicação, produção agrícola e industrial. O próprio turismo, elemento da economia que começou a obter maior destaque no Brasil nesse período, foi impulsionado nesse momento histórico de urbanização. Desse modo, as localidades que apresentavam algum tipo de atrativo natural, histórico ou religioso ausente nas grandes cidades, passaram a divulgar suas potencialidades e espaços de entretenimento e visitação com infraestrutura para assim atrair pessoas para o descanso e lazer, devoção e, no caso de Caldas Novas, para tratamentos medicinais.

Foi a partir de 1964 que o turismo se estabeleceu com força na região, com o surgimento da Estância Thermas do Rio Quente, que hoje não mais pertence ao município de Caldas Novas. Desse momento em diante toda a região, e especificamente a cidade passou a receber um número crescente de turistas do Brasil e do mundo.

O turismo, portanto, além de ser uma atividade econômica intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento econômico de qualquer lugar que tenha atrações turísticas, trata-se também de uma atividade cultural marcada por múltiplos significados, afetando o campo das representações, estimulando resistências culturais e modificando valores sociais. Como toda atividade econômica que movimenta diversos setores da atividade produtiva, o turismo pode também contribuir para degradação dos espaços naturais e, sobretudo, da cultura, dos valores e das tradições. Dessa forma, quando não pensado e planejado, pode haver a sobreposição dos valores socioculturais dos visitantes sobre os visitados.

De acordo com o estudo realizado por Oliveira (2014):

[...] o turismo deve ser entendido como uma atividade econômica e cultural que é fruto da sociedade industrial capitalista. Paralelamente ao surgimento da(s)

grande(s) metrópole(s) industrial (is), surgiram os espaços da fábrica e do trabalho, bem como a(s) cidade(s) turística(s), tipicamente com espaços destinados a lazer e entretenimento, que se constituem como a principal oferta àquelas pessoas que procuram um local de refúgio e descanso, longe das agitações dos grandes centros urbanos industriais e comerciais de sua vida cotidiana. (OLIVEIRA, 2014, p. 12)

Por suas características de atividade que envolve o fluxo e o encontro de pessoas de origens diversas, o turismo e a cultura da população visitante e da população do local turístico estão interligados. Desse modo, falar de turismo sem falar de cultura é deixar um vácuo conceitual, pois tanto o turismo como a cultura estão ligados à existência de uma população que ocupa um espaço, com seus hábitos e costumes, assim como a uma população que se desloca pelo espaço, também com seus hábitos e costumes.

Por esse motivo, quando falamos de turismo, falamos de cultura, e falando em cultura, falamos de história, de identidade, ou seja, das diferentes formas de manifestação da cultura humana que se englobam a hábitos e comportamentos de uma sociedade. Falamos também da possibilidade da interação entre as pessoas de uma mesma comunidade e sua relação com o mundo exterior, sendo através da cultura que os homens buscam e dão sentido à sua existência. Segundo Dias (2006) foi apresentado no documento final da Conferência Mundial do Icomos, dedicada às Políticas Culturais – *Mundiacult*, realizada em 1982 no México, um conceito sobre cultura, em que:

[...] a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além de artes e letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (DIAS, 2006, p.18).

A relação estreita do turismo com a cultura, parte do pressuposto que o próprio patrimônio cultural, que é uma das partes mais visíveis da memória de uma sociedade, também pode se tornar um atrativo turístico, mas ao contrário, também pode ser menosprezado pelo desconhecimento e desinteresse do povo em cultivar e manter as tradições passadas, dando lugar ao que é “novo” e “moderno”.

A atividade turística diferentemente de várias outras atividades em uma região, envolve toda a comunidade e espaços públicos, ou seja, envolve o todo de um local, e não somente uma parcela de pessoas, como no caso de uma empresa.

Dias (2006) propõe que:

[...] a cultura turística constitui um aspecto da cultura geral da sociedade, está contida na cultura de uma determinada comunidade e apresenta elementos que a distinguem. A ela pertencem todos os hábitos e costumes, conhecimentos e o grau de desenvolvimento científico e tecnológico relacionados com a atividade turística. Em outras palavras, a cultura turística é um conjunto de comportamentos sociais fundamentados em valores que têm por base a hospitalidade. (DIAS, 2006, p. 30)

A cultura, constituída no contexto de uma determinada sociedade, é um elemento de identidade que fornece para o indivíduo uma visão de mundo, seus valores morais e o estilo de vida que irá diferenciá-lo dos demais em um mundo culturalmente pluralizado. Segundo Warnier (2000, p. 23): “a cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Toda expressão cultural é singular e pode ser localizada no interior de uma sociedade ou em determinado espaço geográfico, sua expressão acontece dentro do contexto de uma população com uma linguagem característica e como fator de identificação dos grupos e dos indivíduos, além de possibilitar a diferenciação diante de outros grupos e, mesmo, sociedades.

Como elemento integrante de todas as culturas, a religião é uma manifestação cultural que constitui, dentro de uma sociedade particular, o conjunto de práticas e representações revestidas de caráter sagrado e que se apresenta como sistema simbólico de comunicação e pensamento (TEIXEIRA, 2007, p. 178).

Tal fato é significativo para esta pesquisa, à medida que analisamos o processo de mudança que tem ocorrido no contexto turístico da cidade de Caldas Novas a partir do crescimento do turismo religioso, dentro da perspectiva mais ampla do turismo cultural. Neste sentido a problematização desta pesquisa será direcionada à investigação de como e por quê o espaço sagrado de Caldas Novas nesse momento se torna turístico e vice-versa? Tendo como fundo a reflexão sobre quais os aspectos mais significativos que definem um espaço religioso (sagrado) e um espaço turístico (profano).

Segundo Farias (2013, p. 14), o turismo religioso, que é um dos segmentos do turismo cultural, é uma das modalidades do turismo brasileiro que mais tem se desenvolvido, “isto devido a fatores como a formação histórica do povo brasileiro, ligada diretamente à Igreja Católica, e à diversidade de organizações religiosas católicas que se estabeleceram no país nestes 500 anos”. Quando pessoas se deslocam de seus lugares de origem para uma peregrinação religiosa, vão para o lazer também, conhecer novos costumes e culturas de outro lugar.

Para Aragão (2014, p. 55), esta movimentação dos atores sociais é: “ir a locais tais como santuários e igrejas, além dos aspectos dogmáticos, revela, também, uma forma de conhecimento cultural [...]”. Visitam locais sagrados, museus históricos, artesanatos, teatros, além das celebrações religiosas oferecidas no local. Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 275), apontam que o turismo religioso “tem hoje, como sempre teve no passado, uma enorme

importância que lhe advém do facto de se situar na confluência de dois dos fenómenos socioculturais mais significativos do atual estado da civilização humana: a religião e o turismo”.

Com as perspectivas que apontamos acima, procuramos dividir o conjunto de nossas reflexões em quatro capítulos, buscando discutir os diversos aspectos que compõem a pesquisa e compor o quadro que nos permitiu analisar e interpretar nosso objeto de pesquisa.

No primeiro capítulo são feitas algumas considerações sobre a Cultura, sua construção social e suas vertentes. Aqui dialogamos várias definições relacionadas à cultura durante os tempos e os debates acerca de seus vários conceitos. Nesta perspectiva procuramos refletir a Cultura como identidade, autenticidade e construção social, percorrendo em conjunto a preservação do Patrimônio Cultural e Sustentabilidade. Salienta-se aqui a importância e o respeito às várias particularidades dos sujeitos, seus costumes, atitudes e identidades que traz consigo. A palavra patrimônio é vista aqui, como a manifestação da cultura de todos os seres humanos dentro da singularidade de cada um, levando a uma compreensão da valorização e ideia de preservação do patrimônio, como um conjunto de hábitos, costumes, crenças e maneira de viver dos sujeitos.

No segundo capítulo, foi retratado o turismo, seus conceitos, definições e dimensões. Na primeira parte da discussão retratamos a evolução e conceituação do turismo, donde mencionamos seus fundamentos mais relevantes no passar dos tempos, buscando discutir e refletir suas atividades e aspectos de seu desenvolvimento. Na segunda parte o Turismo Cultural e seus impactos nas culturas, assunto essencial a esta pesquisa foi realizado. Aqui levou-se em conta, a diversidade da cultura na configuração do turismo cultural, sua relevância ao significado do patrimônio histórico cultural, de seus eventos culturais e promoção de bens materiais e imateriais de uma localidade. Salientou-se ainda que o patrimônio histórico e cultural, externam a memória e a identidade dos seus habitantes, com a preservação de seus valores históricos, festas, celebrações, rituais religiosos, dentre outros.

Igualmente no segundo capítulo, foi dialogado sobre o turismo e desenvolvimento sustentável e o planejamento territorial e as políticas públicas do turismo. Neste momento foi ponderado alguns aspectos sociais, culturais e principalmente do meio ambiente, em relação ao crescimento do turismo e suas políticas públicas, relacionados ao seu crescimento desenfreado quanto aos locais que praticam o turismo.

Por último e de extrema importância, inquiriu-se ainda neste capítulo dois, a singularidade do segmento do turismo cultural-religioso, suas definições e conceitos,

simultaneamente a uma reflexão sobre o espaço sagrado e profano. O turismo religioso assunto essencial do trabalho aqui apresentado, é uma das vertentes em potencial do turismo cultural, e tem como base a busca do sagrado. As transformações culturais produzidas pela fé dos indivíduos, suas experiências entre religião, turismo e cultura, são peças fundamentais ao turismo religioso, donde seus significados e transformações culturais são transformados e reconfigurados pelos novos significados e simbolismos que é atribuído a este segmento. Falar de religião, crenças, simbolismos, dualidades, é falar de sagrado e profano, onde um se opõe ao outro e ao mesmo tempo relacionam-se entre si, e é nesta vertente que estes conceitos são traçados nesta pesquisa.

No capítulo três foi abordado brevemente sobre os rumos metodológicos da pesquisa, destacando a cidade de Caldas Novas e a integração do turismo religioso ao seu espaço turístico. Neste momento pensou-se Caldas Novas e seu percurso histórico e o levantamento dos dois objetos de estudo deste trabalho, a Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores e o Santuário de Nossa Senhora da Salette. Caldas Novas pode ser considerada um mosaico de encontros e desencontros, e seu crescimento histórico nos leva a um caminho de encontro ao sagrado que se mostra desde o seu início na cidade, e a partir daí traçamos a cidade e suas transformações culturais/espaciais e territoriais.

A Matriz foi o início de toda sua existência como cidade e religião, onde a formação do município se faz em seu entorno e pela curiosidade da cura das águas quentes. Demonstra-se aqui o resgate dessa religiosidade na cidade de Caldas Novas e o início de um turismo religioso com a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salette, reestruturando esta religião que se mostrou presente desde sua fundação e aliando o Turismo de Lazer ao Turismo Cultural religioso. A utilização de imagens ilustram bem a argumentação aqui proposta.

Po fim, foi abordado as análises e os resultados obtidos desta pesquisa e as considerações finais a serem descritas. Utilizou-se neste momento as pesquisas realizadas como já exposta na metodologia deste trabalho, e através destes dados tecemos as prováveis conclusões deste trabalho, explorando as vertentes que nos foram sendo apresentadas e as possíveis discussões a se fazer.

CAPÍTULO 1: SOBRE A PESQUISA E SEUS CAMINHOS

A cultura de um dado local constitui a maior herança de uma população, pois seus hábitos culturais relembram suas raízes, proporcionam a força de sua identidade e ajudam a fortalecer os laços sociais que representam a base para a existência de uma comunidade local ou regional, capaz de se impor aos avanços da cultura globalizada que é também definida como *fast food*, ou seja, cultura de consumo sem resguardar o que tem significado para o contexto local.

Por esse motivo, dentro dos objetivos desta pesquisa, é fundamental refletir sobre a cultura e sobre a importância do lugar no contexto da atual civilização global.

1.1. O LUGAR DA CULTURA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E SUAS VERTENTES

A definição de cultura gerou muitos debates durante todo o século XX. Etimologicamente falando, é um conceito derivado da natureza, sendo que um dos seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, o cultivo que cresce naturalmente. É a partir dessa antiga definição que se desenvolve posteriormente a ideia de cultivar a mente, de que a cultura é o produto do cultivo da criatividade e da inteligência humana.

O amplo debate acerca da cultura levou à formulação de vários conceitos. Barreto (2007), por exemplo, cita que Edward B. Tylor¹, em 1871, condensa os dois conceitos no vocábulo inglês *culture*, reiterando que a cultura é “esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 1999, p. 25, *apud* BARRETTO, 2007, p. 16). Ainda na reflexão de Barreto (2007) encontramos a proposição de que no início do século XX, Max Weber estabeleceu a cultura como “o legado de uma parcela finita da infinidade de fatos do mundo sem significado, que tem significado e importância do ponto de vista dos seres humanos” (KUPER, 2002, p. 59 *apud* BARRETTO, 2007, p. 17).

Essas proposições evidenciam que a cultura contém tudo que tem significado para os seres humanos e também tudo que os seres humanos desenvolveram nas mais diversas

¹ Foi um antropólogo britânico. [Era irmão do geólogo Alfred Tylor. Tylor filia-se à escola antropológica do evolucionismo social. Considerado o pai do conceito moderno de cultura, Tylor vê, porém, a cultura humana como única, pois defende que os diferentes povos sofreriam convergência de suas práticas culturais ao longo de seu desenvolvimento, ideia que não é consenso hoje em dia. Sua principal obra é *Primitive Culture* (1871). Fonte: Google (notícias, livros e acadêmico).

áreas de conhecimento e produção desde os primórdios. Nesse sentido, as culturas humanas não podem ser hierarquizadas, ou seja, na sua diversidade todas as culturas são manifestações da criatividade e inteligência humana dentro de contextos e condições históricas e geográficas específicas.

Essa reflexão levou a um novo direcionamento do debate sobre a cultura, constituindo a proposta do multiculturalismo, ou seja, o direito à manifestação de todas as culturas considerando-as parte da cultura da humanidade e as respeitando, processo que foi marcado por importantes discussões acadêmicas.

Esses debates sobre qual a melhor definição de cultura e qual a forma correta de enxergar a diversidade cultural teve o efeito de destacar a importância e influência que a cultura possui na construção e desenvolvimento de cada sociedade. Assim, a interpretação ampla de cultura se generalizou levando à noção de que é possível falar em muitas subdivisões da cultura, como cultura política, cultura organizacional, cultura local, patrimônio cultural, etc. Por todos estes aspectos citados acima BARRETTO (2007), pontua de maneira aberta os seguintes dizeres:

A cultura é parque de diversões e mercadoria, é o refinado e profundo e o mundano e extremo. Está cruzada, simultaneamente, pela identidade, pela tradição e pela mudança; é recurso, muralha, disputa. É a canção de ninar e a sinfonia em CD, assim como o olhar de um usuário de drogas quando se injeta. É a coleção de tigelas e painéis... e todo o mencionado está à venda. É o que nos faz humanos [...] não é algo separado da política, do comércio, da religião ou do ódio [...] que é cultura também (HUNTNYK 2006, p. 357 *apud* BARRETTO 2007, p. 19).

A reflexão sobre a palavra cultura, leva Eagleton (2011) a considerá-la, ao mesmo tempo demasiada e restrita, à medida que seu sentido engloba tudo a começar de estilos de penteados e hábitos de bebidas, incluindo a indústria, a mídia, a criação de patos de borracha e até as formas de fazer amor e a própria diversão. Assim em seus dizeres, a “cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. (EAGLETON, 2011, p. 55).

Um novo elemento passou a interferir na reflexão e no entendimento sobre a cultura a partir do século XX, sendo visto como uma “revolução cultural”, no sentido prático da palavra. O fenômeno da globalização, alavancado pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, possibilitou que as mídias ampliassem a velocidade com que as notícias e imagens chegam aos indivíduos em todo o planeta, sendo que esta cultura globalizada passou a causar um impacto direto na consciência das pessoas, modificando seu modo de viver, no sentido que dão a vida, aspirações do futuro, em suma conflitando muitos aspectos de sua cultura local sob a influência da cultura global.

Cabe destacar que muitos padrões e tradições culturais pertencentes aos lugares, estão ficando encobertos pelo avanço dessa onda chamada globalização que tange soberanamente na mudança cultural como um todo. Assim vale dizer, que o choque entre culturas não é mais mera discussão de definições, passa a ser uma questão de política real e não somente acadêmica, é um choque na política mundial do novo milênio, sendo um dos elementos mais dinâmicos e imprevisíveis (EAGLETON, 2011).

1.1.1. A Cultura como Identidade, Autenticidade e Construção Social

Nessa variedade de sociedades, representações e culturas, as diacronias e universos emblemáticos precisam ser compreendidos de forma que todos procurem interpretar as identidades culturais praticando um exercício de democracia e alteridade. Segundo SILVA (2012), falar de cultura é recordar como foram construídas as muitas dimensões da vida em sociedade, as representações que as populações construíram sobre sua própria existência e as diversas formações culturais que surgiram no tempo histórico e no espaço geográfico.

Há diversos autores que mantêm posicionamento oportuno à preservação e reconhecimento das identidades culturais locais. Dentre eles, CANCLINI (1998) se refere claramente a que os traços locais da cultura locais ou regionais são mais importantes para os indivíduos que seus valores nacionais. O mesmo releva a existência de muitas culturas que estão edificadas pela memória e imaginário comum, com todas as simbologias, imagens, signos e mitos que as fazem únicas e autênticas.

BRANDÃO (1998), faz a seguinte análise, deixando um desafio para estas questões relevantes a estes significados:

A cultura poderia ser *lida* como o processo que tece “o fio mítico da história, a mística guerreira e sagrada de um povo, e o que enreda entre a lira e o verso e é a fala que funda uma consciência coletiva de nós que se partilha, porque juntos se recorda” constituindo, assim, um todo fragmentado, mas não dissolúvel. (BRANDÃO 1998 *apud* SILVA, 2012, p. 69)

Vale salientar a importância do fato de que cada lugar possui seu conhecimento e diversidade, onde as pessoas se relacionam no contexto de desigualdades sociais, econômicas e intelectuais, defrontando-se também pela visão de mundo hegemônica em sua sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário destacar que subsistem nas sociedades várias formas culturais diferentes com particularidades múltiplas de igual experiência humana, nos levando a analisar a bagagem do sujeito ou da comunidade buscando apreender seus hábitos, jeitos que trazem

de seus lugares, uma vez que cada indivíduo possui sua visão de mundo, suas atitudes são manifestadas através desta identidade que traz consigo.

Essa percepção sobre a diversidade das culturas humanas e dos costumes e visões de mundo, foi ampliada de forma extraordinária com o crescimento do turismo. As atividades turísticas proporcionaram à humanidade uma experiência completamente nova em relação à riqueza das manifestações da criatividade humana. Pode-se dizer que o aumento da procura pelo turismo cultural é notório e junto a ele as reflexões e críticas da sua importância nas suas várias vertentes.

É nesta perspectiva que caminhamos para justificar este estudo, uma vez que a cidade de Caldas Novas se fundamenta em seu espaço e território nesta ótica do turismo. Nas palavras de ANDRADE (2002b, p. 55), a cultura no âmbito de desenvolvimento turístico é ter a compreensão que “a relação entre turismo e cultura é intrínseca, desde que consideremos que a prática turística é, em última instância, um ato ou uma prática cultural. Assim, toda e qualquer modalidade ou motivação turística implica em algum elemento cultural”.

Sancho (2001), discorre quanto ao turismo descaracterizar o perfil cultural local. Sobre o mesmo tema, Carvalho (2005, p. 53) argumenta que isto se dá visto que “[...] o turista não consegue abstrair-se, por mais que tente, do seu cotidiano [...]”, onde a cultura visitada irá se empenhar a recriar o ambiente de origem através do acatamento dos padrões internacionais, ou seja, a massificação da cultura.

É possível ainda pensar que o turismo movido pela massificação modifica também o lugar, descaracterizando as experiências de vida local, alterando o uso dos espaços conformando-se ao comércio e ao consumo, desmontando os significados que formam a identidade local, podendo até destruí-los.

O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; nesse sentido é o espaço do vazio [...]. Isso porque o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. O lugar é o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se relacionam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e de sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele [...]. (COSTA, 2002, p. 28-29).

Por essa razão a autenticidade local é colocada em questionamento pelos estudiosos, podendo se tornar como um rótulo para esta identidade. Nessa perspectiva, Barreto (2007), citando Meenthan (2003), refere como autêntico unicamente aquilo que não

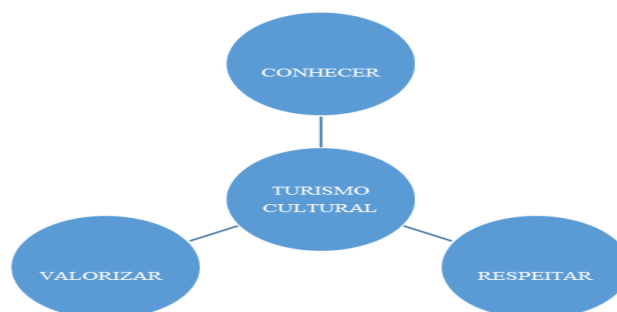
corre o risco de ser contaminado pelas relações comerciais. Caminhando no sentido de um local turístico ser considerado autêntico, Barretto (2007, p. 100-101), afirma que para isto acontecer esta localidade turística deve continuar com os mesmos rituais, os mesmos costumes, as mesmas ferramentas e a mesma linguagem, ou seja, um sinônimo de congelamento onde está associada a não comercialização. Por outro lado, alguns autores afirmam que é um conceito tão fluído que pode ter inúmeras formas, até mesmo contraditórias, sendo no caso dos turistas a autenticidade tem a ver com peculiaridade, originalidade, trabalho manual, integridade histórica e uso turístico.

Hoje não restam dúvidas de que há turistas que procuram o que seria a aura dos objetos reais e outros que desfrutam de representações, cópias e réplicas, sempre que estas sejam de qualidade. Tampouco há dúvidas de que a autenticidade não é tão relevante quanto a legitimidade do patrimônio turístico, que está dada por sua capacidade de responder às necessidades de identificação dos turistas como uma história coerente contada de forma amena, mas fidedigna. (BARRETTO, 2007, p. 104).

Essas reflexões críticas sobre identidade e autenticidade trazem consigo a questão da tradição que é ameaçada pela homogeneização da cultura e a falta de cuidado com o Patrimônio Cultural. Neste âmbito imaterial o turismo pode favorecer o fortalecimento dos saberes e fazeres populares e das tradições, tanto pelo acréscimo da visibilidade dos produtores culturais, quanto pelo engrandecimento das manifestações artísticas do local. A busca para este equilíbrio é a interação da manifestação social e cultural, onde toda tradição é inventada em algum momento, e todas elas mudam com o tempo, adaptando-se a novas circunstâncias. É dessa evolução constante e reflexão crítica do cotidiano e costumes, que se renovam os conceitos e as próprias tradições (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010).

De uma maneira ou de outra, o que proporciona, promove e marca a importância do turismo cultural é a recuperação das tradições e à procura pelas raízes e pelos ancestrais, propiciando a reformulação da história pelos próprios habitantes, como bem figurado abaixo:

Figura 1: Essência do Turismo Cultural



Fonte: Elaboração da autora, adaptado do MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010.

1.1.2. Preservação do Patrimônio Cultural: uma dimensão da Sustentabilidade.

Desde as últimas décadas do século XX o conceito de patrimônio cultural ganhou destaque exaltando a importância de preservar as características das culturas produzidas pela humanidade. Essa valorização surgiu pelo fato de, em muitos casos e em todo o mundo, estar ocorrendo a imposição de costumes globalizados e o esquecimento das histórias locais. Foi percebida uma intensa demanda por áreas históricas mediante os interesses dos turistas, podendo ser derivado dos conjuntos de acontecimentos como o processo de internacionalização e homogeneização da cultura, que trouxe consigo uma sensação melancólica de perda da memória e como resultado, sentimentos intensos de aproximar a história do lugar que vive ao próprio passado (BARRETTO, 2007). Ainda para o autor, “o turismo cultural pode ser encontrado com a denominação de *heritage tourism*, ou seja, ‘turismo patrimonial’, em razão de atribuir tudo que é relacionado ao patrimônio histórico e a os monumentos” (BARRETTO, 2007, p. 109).

Choay (2006), enfatiza que a palavra patrimônio é diretamente ligada às bases familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade sólida, enraizada no espaço e no tempo, podendo ser reconhecida também como uma herança dos pais que é transferida aos filhos. Na busca e necessidade de entender e classificar alguns parâmetros do patrimônio cultural que era sinônimo de obras de arte, seu conceito vem sendo estruturado por vários autores. Dentre eles Gonçalves (2003), entende que a palavra patrimônio é uma das expressões mais utilizadas no nosso cotidiano, ela está relacionada quando se fala de patrimônios econômico, mobiliário, financeiro, familiares, bem como conceitos de patrimônios históricos, artísticos, ecológicos, naturais dentre outros.

Afonso (2003), refere-se ao patrimônio como manifestações da cultura e de todos esses "dados" que os seres humanos estão deixando em toda sua trajetória na terra, donde Barretto (2007, p. 111) diz que o “patrimônio passou a ser considerado um mediador entre passado e presente, a âncora capaz de dar a sensação de continuidade com o passado, e de ser um referencial de identificação com a nação”.

[...] Patrimonio es aquello que identifica a los grupos humanos, aquello por lo que se diferencia a los individuos pertenecientes a distintas etnias, e incluye aspectos tan dispares como la arquitectura, las leyendas, los útiles de labranza, los textos históricos o los que nos hablan de tecnología actual; también la música, la poesía o el vestido, así como los conocimientos que se tienen sobre las formas de producir. (AFONSO, 2003, p. 100).

Dentre os principais conceitos de patrimônio, entende-se que é um recurso fundamental para o desenvolvimento. Pode ser considerado como um fator que se enquadra no modelo do desenvolvimento sustentável, isto é, não exclui a população local, tampouco compromete habilidades das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades. Nesta visão de sociedade sustentável suficientemente flexível e sábia, não colocando em risco seus sistemas de suporte físicos ou sociais, Cittadin (2010) abrange o seguinte conceito:

Patrimônio, portanto, é um resultado de uma dialética entre o ser humano e seu meio, entre a comunidade e seu território. Patrimônio não é apenas constituído pelos objetos do passado que são oficialmente reconhecidos, mas também por tudo que nos liga ao nosso passado. O conceito integrado de patrimônio engloba tanto o território quanto seus habitantes, seu objetivo final sendo uma qualidade de vida resultante de uma economia sustentável e de um crescimento social, sua metodologia representa uma administração integrada dos recursos de herança baseados nas estratégias territoriais. (CITTADIN, 2010, p. 36).

Mediante não somente a história, mas a antropologia "passou-se a entender que os seres humanos produzem não apenas arte, mas também ciência, técnica, saberes, [...], história, costumes, [...], e que tudo constitui o legado cultural, a herança que nos deixaram e que deixaremos" (BARRETTO, 2007, p.114). Essa compreensão ampla do patrimônio produziu a modificação da visão tradicional sobre o mesmo, alterando o entendimento de todos os elementos que merecem ser preservados e valorizados pelas sociedades: "[...] A ideia de patrimônio ser definido por prédios de impérios e esculturas, passou a ser olhado como um agregado de hábitos, costumes, crenças e maneira de viver das pessoas incluindo seu passado e presente" (BARRETTO, 2007, p. 114). Esta mesma visão prevalecia na academia quanto à conceituação de patrimônio e era aceita com unanimidade por todos deste segmento, porém, como citado por CHOAY (2006, p. 77), "[...] oficialmente ainda predominava no meio acadêmico, a identificação do patrimônio com monumentos e manifestações da cultura material, os denominados bens tangíveis [...], que privilegiavam a cultura material e não tradição cultural descrita".

Dentre as várias percepções acerca ao patrimônio, Barretto (2007) aponta que, por patrimônio, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) entende "nosso legado do passado, no qual vivemos e que vamos passar para as futuras gerações [...] fontes insubstituíveis de vida e inspiração", esclarecendo que o conceito de Patrimônio da Humanidade é universal [...]" (BARRETTO, 2007, p. 115). Neste ínterim, a Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 216, determina algumas diretrizes quanto à constituição do patrimônio Cultural Brasileiro:

[...] o patrimônio cultural brasileiro, constitui-se dos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente e em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, sendo compostos também por seus respectivos instrumentos, tais como inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, remetendo à lei definir a punição por danos e ameaças a sua integridade (BRASIL, 2010, p. 44).

Num campo de debate e na esfera do Turismo Cultural, surgem algumas legislações das quais são relevantes, contudo, destaca-se que os Estados e Municípios dispõem de leis de apoio e incentivo à cultura que são particulares a eles, às quais vale a pena serem olhadas e observadas. Abaixo segue o quadro mostrando os dispositivos legais relacionados ao Turismo cultural, com suas legislações, instrumentos legais e escopo regulamentando oficialmente às atividades assim relacionadas.

Quadro 1: Legislação e dispositivos legais relacionados ao turismo cultural e dentre eles o Patrimônio Cultural

Legislação	Principais instrumentos legais	Escopo
Legislação Turística	Lei no 11.771, de 17 de Setembro de 2008, regulamentada pelo Decreto no 7.381, de 2 de dezembro de 2010	Política Nacional de Turismo - define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, tendo como um de seus objetivos a conservação do patrimônio natural, cultural e turístico brasileiro, passando a apoiar, portanto, outros órgãos do Governo Federal no tocante à preservação do patrimônio cultural brasileiro de interesse turístico, conforme estabelecido no Art. 3, parágrafo único.
Legislação Turística	Lei no 11.771, de 17 de Setembro de 2008,59 regulamentada pelo Decreto no 7.381, de 2 de dezembro de 2010.	A Política Nacional do Turismo estabelecida pela Lei propõe, ainda, que o MTur atue na preservação da identidade cultural das comunidades e populações tradicionais eventualmente afetadas pela atividade turística, refletindo no ordenamento e desenvolvimento do segmento de Turismo Cultural na medida em que dá um tratamento de importância a preservação da cultura brasileira, explícita no inciso IX do Art. 5 da Lei do Turismo. No que concerne ao Plano Nacional de Turismo, a preservação do patrimônio deverá ser incorporada aos objetivos da Política de Turismo, sempre quando realizar sua atualização (que ocorre de 4 em 4 anos), definindo políticas e programas que se integrem a outros setores das áreas pública e privada em favor do patrimônio cultural do País.

Legislação correlata	Decreto no 80.978, de 12 de dezembro de 1977	Promulga a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972.
	Lei no 8.394, de 30 de dezembro de 1991.	Declara os acervos documentais dos presidentes da República pertencentes ao Patrimônio Cultural brasileiro, dispondo sobre a preservação, organização e proteção dos acervos documentais privados dos Presidentes da República, e dá outras providências.
	Decreto no 6.844, de 7 de maio de 2009	Aprova a Estrutura Regimental do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
	Lei no 8.313 de 23 de dezembro de 1991	Conhecida por Lei Rouanet, institui políticas públicas para a cultural nacional, como o Programa Nacional de Apoio a Cultura (PRONAC) e restabelece princípios da Lei no 7.505/86. O PRONAC tem como finalidade captar e canalizar recursos para a cultura, sendo destinados a projetos culturais que visem a exibição, utilização e circulação públicas dos bens culturais.
	Lei no 8.313 de 23 de dezembro de 1991	Está em tramitação no Congresso Nacional um Projeto de Lei (PL 6722/2010), que tem por objetivo suprir as lacunas existentes na Lei no 8.318/91 ao instituir o Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura – Pro Cultura. O Projeto de Lei visa sanar as distorções que provocam a concentração regional do financiamento e baixo apoio a atividades culturais em áreas, por exemplo, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)
Legislação Correlata	Decreto no 5.761, de 27 de abril de 2006	Regulamenta a Lei no 8.318/91, estabelece a sistemática de execução do PRONAC e dá outras providências. Ressalta-se que o apoio a projetos culturais, seja pelo Fundo Nacional de Cultura, seja pelo Mecenato ou pelo Fundo de Investimento Cultural e Artístico, terá interesse à atividade turística, principalmente, quando voltados ao fomento à produção cultural e artística 61 e à preservação e difusão do patrimônio artístico, cultural e histórico.
	Patrimônio Cultural Material	Decreto-Lei no 25, de 30 de novembro de 1937

		dispõe sobre o tombamento.
	Lei no 3.924, de 26 de julho de 1961	Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, sua proteção, posse e salvaguarda.
Patrimônio Cultural Imaterial	Decreto no 3.551, de 4 de agosto de 2000	Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.
	Resolução no 001 de 2006	Regulamenta Decreto no 3.551/00 - Determina os procedimentos a serem observados na instauração e instrução do processo administrativo de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.

Fonte: MINISTÉRIO DO TURISMO (2010 p. 33-34)

Em termos gerais passou a ser compreendido e a considerar patrimônio, os bens de um povo, os conjuntos de bens naturais e culturais, bens material e imaterial e recentemente as paisagens culturais. A partir daí se admite o uso da expressão ‘diversidade do patrimônio cultural e natural’, ocasionando assim o início da sua proteção garantida por estatutos e legislações. Interessa aqui, mostrar que patrimônio natural “não representa apenas os testemunhos de uma vegetação nativa, intocada [...], na medida em que faz parte da memória social, ele incorpora, sobretudo, paisagens que são objeto de uma ação cultural pela qual a vida humana se produz e se reproduz”. (SCIFONI, 2006, p. 16).

Numa perspectiva geral, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e sua valorização por parte da população. Os processos de qualificação e discussão sobre a trajetória da importância do patrimônio é desigual e muitas vezes se restringe a demanda de mercado; para inovar e permitir o entendimento da natureza como parte da vida humana e memória coletiva, será necessário superar a visão de patrimônio como monumento, grandioso, intocável. Essa discussão sobre patrimônio natural evidencia que “a sua proteção pode ser compreendida, também, como uma nova necessidade social, pois ela surge como um produto de lutas e de uma conquista social, uma natureza reivindicada”. (SCIFONI, 2006, p. 271-272).

A preocupação com a definição de políticas de proteção ao patrimônio cultural iniciou-se no Direito Português por Alvará de 28.08.1721, onde Silva (1981, *apud* CITTADIN, 2010, p. 42), afirma que D. João V proibiu mutilação ou destruição de qualquer edifício ou monumento que tivesse esculpido figuras ou letreiros que mostrassem ser dos tempos dos Fenícios, Gregos, Romanos, Godos ou Arábicos. Impostos pela Ordenação do

Liv. 5, tít. 12, inc. 5, os infratores estavam sujeitos a normas que foram impostas naquela época. Durante os séculos foram sendo instituídas várias associações de classes internacionais e nacionais preocupadas com a salvaguarda do patrimônio cultural (CURY, 2004, *apud* CITTADIN, 2010, p. 42).

Cittadin (2010, p. 42-43), bem situa sobre este momento, transcorrendo que em 1945, a UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), é apontada como autoridade promotora da restauração. Advindas do momento surgem também o ICOM (Conselho Internacional de Museus), o ICC (Instituto Internacional para a Conservação de Trabalhos Históricos e Artísticos), o ICROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração da Propriedade Cultural). A *posteriori*, na cidade de Paris surge o ICOMOS (*International Council on Monuments and Sites*), uma instituição não governamental direcionada à conservação dos monumentos e sítios históricos do mundo. Ainda na visão da Cittadin (2010), em 1960, a proteção ao meio ambiente é inserida neste contexto e precisamente 20 anos após, em 1980, percebe-se que o patrimônio natural está diretamente ligado ao cultural. Em meados de 2000, a cultura popular e o patrimônio imaterial também são tratados com frequência em vários encontros.

Ademais, foi desenvolvido um quadro (3) listando documentos e recomendações nacionais e internacionais relacionados à proteção da paisagem, descrevendo procedimentos e normas relacionados à proteção do patrimônio cultural e natural.

Quadro 2: Cartas e Recomendações Internacionais e Nacionais sobre à Proteção do Patrimônio Cultural e Natural enfocando as Paisagens

Ano	Documento	Especificado
1931	(Primeira) Carta de Atenas	Cooperação técnica entre nações para conservação do patrimônio artístico e arqueológico
1933	(Segunda) Carta de Atenas	Diretrizes de caráter universal para proteção do patrimônio histórico através da salvaguarda de edifícios isolados ou conjuntos urbanos que constituísse expressão de uma cultura anterior
1959	Recomendação de Nova Delhi	Estabelece critérios e diretrizes para realização de escavação, pesquisa e comercialização de bens arqueológicos
1962	Recomendação de Paris	Relativa à Salvaguarda da Beleza e Caráter das Paisagens e Sítios
1964	Carta de Veneza	Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauo de Monumentos e Sítios
1965	Diploma Europeu de Áreas Protegidas	Prêmio internacional para a proteção das zonas de especial importância para a preservação da natureza biológica, geológica e diversidade paisagística
1967	Normas de Quito	Sobre a Preservação e Utilização dos

		Monumentos e Sítios de Valor Histórico.
1970	Compromisso de Brasília	Orienta a necessidade e importância de cursos superiores na área cultural. Preconiza a política de proteção aos bens naturais e culturais, como: paisagens, parques, praias, acervos arqueológicos, conjuntos urbanos, documentos.
1971	Programa Homem e Biosfera	Programa de cooperação científica internacional sobre as interações entre o homem e o ambiente
1971	Compromisso de Salvador 2	Necessidade de recursos financeiros direcionadas às atividades de manutenção física do patrimônio nacional, especialmente protegidos por lei.
1971	Convenção Ramsar	Sobre as Zonas úmidas.
1972	Convenção de Paris	Para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural
1972	Declaração de Estocolmo	Sobre Ambiente Humano
1975	Declaração de Amsterdã	A conservação do monumento deve estar relacionada à preservação de sua ambiência. Conservação integrada entre o planejamento do uso do solo e o planejamento urbano regional.
1976	Recomendação de Nairóbi	Salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea. Amplia o conceito de proteção, conservação e interação entre edifício e ambiência
1977	Carta de Machu Picchu	Confere ao patrimônio importância cultural e social, além de seu caráter histórico.
1978	Carta de Pelotas	Documento marco na preservação do patrimônio cultural no Rio Grande do Sul
1980	Carta de Burra	Preocupação com a descaracterização do entorno, a conservação de um bem exige a manutenção do entorno visual apropriado, no plano das formas, escala, cores, textura, dos materiais entre outros.
1981	Carta de Florença	Carta relativa à salvaguarda dos jardins históricos
1982	Declaração de Nairóbi	Sobre a proteção ambiental
1983	Carta de Torremolinos	Princípios para as políticas nacionais e europeias de ordenamento do território
1983	Declaração de Roma	Para a conservação integrada do patrimônio cultural
1989	Carta de Cabo Frio	Salvaguarda do patrimônio natural e cultural da América Latina em suas diversas manifestações
1992	Carta do Rio	Sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente
1992	Carta Urbana Européia (Carta de Estrasburgo)	Princípios Orientadores para o Desenvolvimento Territorial Sustentável do Continente Europeu
1992	Agenda 21	Agenda de Desenvolvimento Sustentável, predomina uma proposta que rompe com o planejamento com enfoque econômico e destaca o ambiente natural.
1992	As Conferências sobre as Mudanças Climáticas	Discutiu medidas de redução das emissões de gases na camada de ozônio e a mitigação do seu impacto no planeta.

1994	Conferência de Nara	Sobre autenticidade em relação a convenção do Patrimônio Mundial
1994	Carta de Aalborg (Carta da Sustentabilidade das Cidades Europeias)	Compromisso político para com os objetivos do desenvolvimento sustentável: participação da comunidade local, economia urbana, equidade social, correto ordenamento do território, mobilidade urbana, clima mundial e da natureza.
1995	Recomendação nº R (95) 9	Sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas
1995	Carta Europeia de Turismo Sustentável	Sobre o desenvolvimento do turismo nas áreas protegidas
1997	Conferência de Kyoto	Redução e combate ao aquecimento global, países industrializados terão que reduzir em 4 anos 5,2% das emissões mundiais de gases responsáveis pelo aquecimento global.
1998	Nova Carta de Atenas - Carta de Lisboa	Normas do Conselho Europeu de Urbanistas para o planejamento de cidades
1998	Declaração de Estocolmo	Sobre patrimônio cultural
1999	Carta Internacional do Turismo Cultural (México)	Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial
1981	Carta de Burra	Sobre a Conservação de Lugares de Significado Cultural
2000	Declaração do Milênio	Objetivo de Desenvolvimento do Milênio
2000	Convenção Europeia da Paisagem	Sobre a proteção, a gestão e o ordenamento das paisagens europeias
2003	Nova Carta de Atenas (Carta de Lisboa) (Revisão)	Normas do Conselho Europeu de Urbanistas para o planejamento de cidades
2005	Declaração de Xi' An (China)	Princípios e recomendações para a proteção e conservação das edificações, dos sítios e das áreas de patrimônio cultural do mundo e seus respectivos entorno.
2005	Declaração de Paris	Declaração para a Conservação das Paisagens Históricas Urbanas
2005	Convenção de Faro	Valor do Patrimônio Cultural para a Sociedade
2005	As Conferências sobre as Mudanças Climáticas	Discuti medidas de redução das emissões de gases na camada de ozônio e a mitigação do seu impacto no planeta.
2006	Declaração de Lisboa	Redes para o desenvolvimento territorial sustentável do continente europeu
2007	Relatório de Olinda	Sobre as Paisagens Históricas Urbanas nas Américas
2007	Carta de Bagé	Defesa das paisagens culturais em geral, do território dos Pampas, da fronteira
2007	Carta Europeia de Turismo Sustentável (Revisão)	Sobre o desenvolvimento do turismo nas áreas protegidas
2008	Carta dos Itinerários Culturais	Investigação, salvaguarda, conservação e desenvolvimento dos Itinerários Culturais
2008	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento	Conferência baseada em três princípios: análise da totalidade do ciclo de vida dos materiais, desenvolvimento do uso de matérias-primas e energias renováveis e a reciclagem de resíduos.

Fonte: CITTADIN, 2010, p. 45. Elaborado pela autora a partir de CURY, 2004 e SANCHES, 2008.

Uma das ferramentas utilizadas com o intuito de proteção legal do patrimônio cultural no Brasil é o tombamento, o qual se interpreta como proteger, preservar, colocar à guarda do poder público, para a conservação de bens materiais e imateriais, os quais impeçam sua destruição e alteração. Em um sentido mais amplo preservação assume um conceito díspar de tombamento, onde o preservar tem uma definição mais abrangente visando a proteção, conservação, proteção de algum dano, enquanto tombamento significa o ato do poder público guardar um patrimônio cultural e natural do país (CITTADIN, 2010).

Assim sendo e na visão de Simão (2017), a proteção do patrimônio cultural ultrapassa atualmente os muros do Estado e passa a implicar também a sociedade, onde seu papel extrapola a fronteira da história e da memória. Nesta perspectiva, Tomaz (2010), salienta as reais razões que justifiquem a preservação de bens patrimoniais, sua real finalidade e objetivações onde saliente os seguintes dizeres:

A preservação de bens patrimoniais deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, cotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinada época, pois o que tende a ser conservado sempre será o objeto considerado valioso, seja pelo valor do material de que é composto, seja por uma herança histórica ligada a uma personalidade ilustre e por isso mesmo dominadora. A conservação de bens patrimoniais deve ter por objeto edificações que tenham um significado coletivo para determinada comunidade, pois se perpetua a memória de uma sociedade preservando-se os espaços utilizados por ela na construção de sua história. (TOMAZ, 2010, p. 5).

Desta forma, analisar a preservação cultural e acima de tudo assimilar seu significado e importância “é atrelar que as coisas do passado precisam estar amplamente claras e disseminadas na população local para que consigam reaver o orgulho por algo que lhes pertence e que é valorizado” (SANTOS, 2013, p. 45).

CAPÍTULO 2: O TURISMO, SUAS DEFINIÇÕES E DIMENSÕES

O turismo se tornou uma das mais lucrativas atividades econômicas globais durante o transcorrer do século XX, alcançando um número extraordinário de envolvimento de países, culturas e populações neste século XXI. Além do aumento das atividades turísticas aconteceu a diversificação e valorização de novas formas de turismo, incrementando ainda mais esse negócio que realmente transforma os indivíduos que realizam as viagens em cidadãos cada vez mais sintonizados com sua região, país ou a civilização global, tornando-se conhecedores da riqueza natural, cultural e material da humanidade.

Por essa condição do turismo como atividade humana essencial na atualidade, e por este trabalho focar uma das importantes perspectivas do turismo, é necessário compreender aspectos da história e do desenvolvimento dessa atividade, para contextualizar o tema central destas reflexões.

2.1. SURGIMENTO, EVOLUÇÃO E CONCEITUAÇÃO DE TURISMO

Os motivos de viajar são alheios ao turismo, porém, os fundamentos mais relevantes de cada uma das definições empregadas são o tempo de permanência, sua condição não lucrativa e o total deleite dos turistas e sua livre escolha (BARRETTO, 2003). A conceptualização do turismo dá-se na Inglaterra em pleno século XVII, e é atribuído a uma forma particular de viagem; no qual a própria palavra *tour* tem o significado de volta em francês, *turn* em inglês e *tornare* em latim. Entende-se que o fenômeno turístico é alusivo a viagens e historicamente teve seu início quando o homem começou a comercializar objetos e tão importante quanto isto, a viajar pelos oceanos. Para alguns autores, o turismo teve seu início no séc. XVII com o crescimento industrial e o aumento do poder aquisitivo das pessoas, estimulando a cultura e o conceito que viajar era uma forma de educação.

Badaró (2003), menciona outro fato mais antigo: o aumento das peregrinações religiosas no decurso dos séculos II e III e seguintes, em que a peregrinação à Jerusalém, à Igreja do Santo Sepulcro, e o crescimento do Cristianismo, intensificaram-se grandemente. A partir do século VI com o aumento do fluxo de viajantes a Roma, esses mesmos peregrinos conhecidos como palmeiros, passaram a ser conhecidos com o nome romeiros. A Europa no século XIII como aponta Barretto (2003), foi beneficiada pelas Cruzadas, onde muitos viajantes entre eles peregrinos, soldados e mercadores, transformaram as pousadas que tinham

caráter voltado à caridade, para fins lucrativos. Foi também a partir da Idade Média que a Itália começou o intercâmbio entre professores e alunos nas universidades europeias, donde as famílias nobres começaram a enviar seus filhos.

O desenvolvimento do turismo está intimamente ligado ao desenvolvimento econômico, e a cada período que passa acelera os processos de urbanização da própria humanidade. Os momentos históricos vão engendrando uma cultura de adaptação às novas concepções, as antigas recuam e dão lugar a outras, “que por sua vez, detêm por algum período o cetro dos costumes e moldam a opinião segundo novos modelos”. (SILVA, 2012, p. 71).

No final do século XX, o turismo ficou apontado pela nova motivação que gerava o prazer do descanso e a contemplação das paisagens da montanha, adquirindo cada vez mais adeptos em busca de uma melhor qualidade de vida. E neste contexto cabe aqui a discussão apresentada nesta pesquisa, com a finalidade de analisar o turismo cultural e religioso de Caldas Novas e seus mosaicos de relações que circundam a cidade e os sujeitos.

Donald Ludberg (1974, p. 25 *apud* BARRETTO, 2003, p. 12) chega próximo ao que se vive hoje em termos de turismo, e o interpreta como sendo uma atividade de transporte, cuidado, alimentação e entretenimento do turista; enfatiza o seu poder econômico e suas implicações sociais, salientando o estímulo e o interesse no passado, na arquitetura e na arte.

Quem interpreta o turismo como um problema de transporte, confunde este com o tráfego de turistas. O turismo começa onde o tráfego termina no porto de turismo, no lugar de hospedagem. O tráfego de viajantes conduz ao turismo, porém, não é o turismo propriamente, nem sequer em parte. Turismo é a soma das relações existentes entre pessoas que se encontram temporariamente num lugar e os naturais deste local (BARRETTO, 2003, p. 10).

Mais tarde, outros estudos, deram origem a outras descrições, e a definição de turismo admitida formalmente foi dada pela Organização Mundial do Turismo (OMT), segundo De La Torres (1992, pág. 19, *apud* Barretto, 2003, p. 12), onde turismo é a “Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”. Posteriori e fora da escola berlinesa, aconteceram outras definições, dentre elas uma das mais recentes trazidas por Oscar De La Torres (*apud* BARRETTO, 2003):

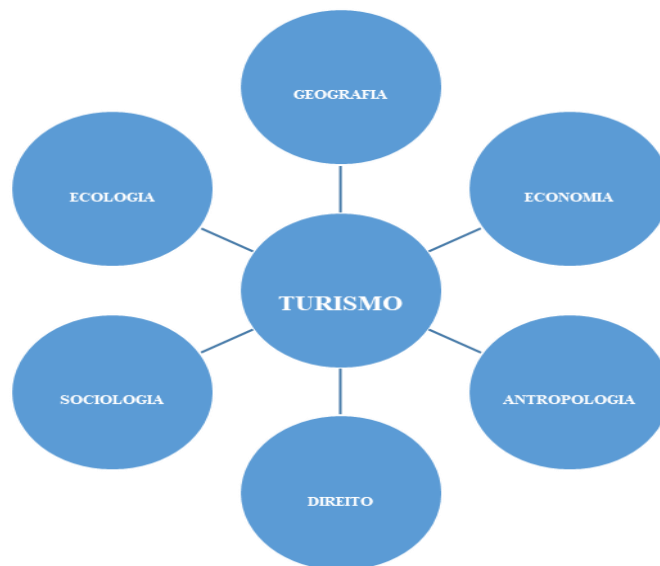
O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRES 1992, *apud* BARRETTO, 2003, p. 13).

A atividade turística contemporânea é o maior agente do fluxo de homens e mulheres do planeta. Nesse ínterim, reagiu como uma indústria onde não eram atribuídos a ela os impactos negativos, na ótica cultural, social e ambiental. Conjuntamente a isto se apontou o turismo como uma maravilha da economia e altamente dinâmico uma vez que envolve diversos setores (sendo considerado, em certos casos, a economia nacional como em alguns países tropicais), desempenhando um papel de enorme relevância no desenvolvimento econômico e social (ALMEIDA, 2003).

Barretto (2003) considera que a emergência do turismo no formato que o conhecemos atualmente não foi de forma isolada, esteve sempre próximo ao modo de produção e ao avanço tecnológico, onde o modo de produção estabelece quem viaja, e a evolução tecnológica estabelece como efetivar. Por esses motivos há a necessidade de buscar compreender esse fenômeno por diferentes perspectivas.

Sob o ponto de vista da antropologia, por exemplo, o turismo é eminentemente um desafio, onde Tribe (1997, *apud* PÉREZ, 2009, p. 4), designa que o “turismo é uma atividade complexa e mutável, multifacetada e multidimensional que não deve ser reduzida exclusivamente a negócio, atividade industrial, marketing ou gestão de produtos”, levando alguns atores definir o turismo como uma vertente interdisciplinar. Neste complexo de ideias, insere-se o conceito de Carvajal (1992, *apud* PÉREZ, p. 4) que descreve “o turismo como um fenômeno sociocultural que pode ser abordado de distintos pontos de vista e com diferentes perspectivas disciplinares”, como bem colocado no esboço abaixo:

Figura 2: Esquema utilizado para ilustrar o turismo e suas diferentes perspectivas disciplinares



Fonte: Pérez, 2009, p. 4.

Para Péres (2009) cada perspectiva disciplinar tem a sua influência na perspectiva que se percebe no turismo. Na Economia, o turismo é pautado na indústria de serviços, analisando os fatores custo-lucro; na Geografia é o deslocamento de pessoas de um lugar para o outro, estudando a locomoção de turistas no espaço, além da transformação do espaço a partir da presença do turismo; no Direito observa-se o direito à liberdade de ir e vir das pessoas e a legislação das atividades turísticas; na Sociologia vê-se como uma prática social incluída no tempo de lazer do turista; na Antropologia olha-se o turismo como um fenômeno sociocultural complexo que possibilita o turista e o cidadão a viverem o distinto e por final na ecologia direcionando o turismo enquanto atividade humana em um ambiente específico, a qual afeta o lugar e as pessoas.

No século XX, entre 1939 e 1940, o turismo permaneceu estático com a ocorrência da Segunda Guerra Mundial. A partir desse evento, no qual houve grandes progressos na tecnologia do transporte aéreo, a busca pela eficiência emergiu constituindo a IATA (*Internacional Air of Transport Association*) que regula o direito aéreo, e o turismo entrou na era do avião. No ano de 1949, aconteceu a venda do primeiro pacote aéreo e a contar de 1957, o turismo aéreo começou a ser mais querido ao turismo de cruzeiro devido ao tempo de deslocamento. Ainda de acordo com Barreto (2003), por volta de 1960 surgiram as operadoras turísticas que ofereciam pacotes de viagens, e no final deste ano o *allinclusive tour*², passou a ser responsável pela maior parcela do movimento turístico.

Ignarra (2003) elucida bem este crescimento do turismo e o aparecimento das novas possibilidades de inserção social em áreas de interesse do turismo:

Outra etapa do desenvolvimento do turismo deu-se no período entre as duas grandes guerras mundiais, no qual se desenvolveram as rodovias e o transporte aéreo. O turismo social surge nessa época com o aparecimento dos *campings*, albergues da juventude e das colônias de férias. O advento da aviação é que deu o impulso definitivo para o desenvolvimento do turismo. A aviação em menos de um século evoluiu rapidamente, tornando as viagens cada vez mais rápidas e baratas, possibilitando assim, um grande intercâmbio turístico (IGNARRA, 2003, p. 6).

Alguns aspectos são indispensáveis a fim de propiciar ao turismo uma oportunidade estratégica na evolução do desenvolvimento. Os lugares que pensam em potencializar a atividade turística devem revisar as condições essenciais deste processo para que seu desenvolvimento ocorra adequadamente, sejam estas questões sociais, culturais,

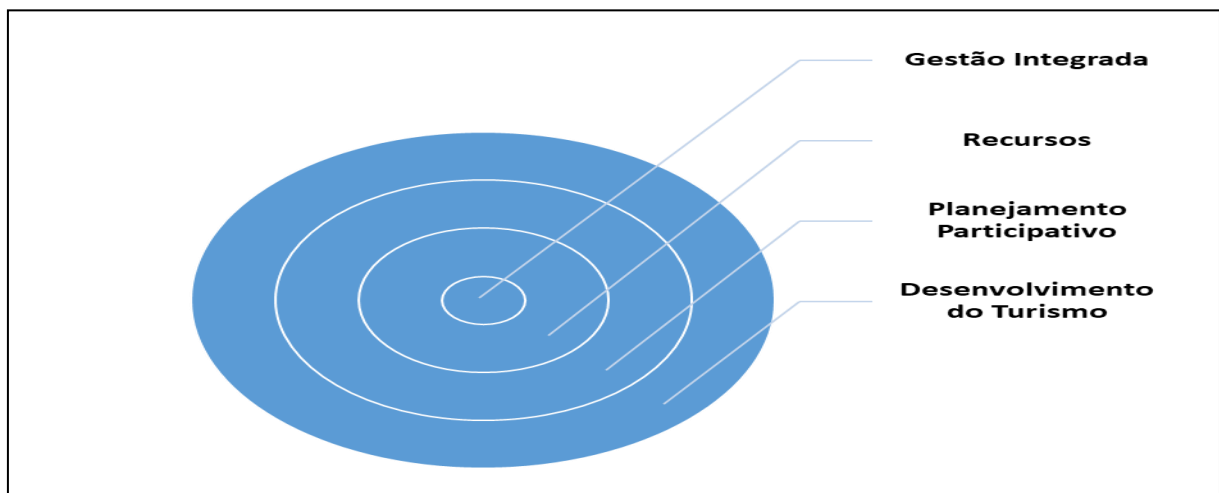
² O *all inclusive* é uma modalidade de diária nos hotéis e resorts em que todas as refeições e bebidas estão inclusas. O pacote varia de acordo com cada hotel/resort, mas em geral permite o consumo livre de café da manhã, almoço, lanche e jantar, itens de frigobar e bebidas (alcoólicas ou não-alcoólicas) ao longo do dia. Fonte: modaameumodo.com.br/afinal-o-que-e-all-inclusive/

econômicas, políticas e ambientais, entretanto, em uma direção que tenha participação social e através de um planejamento participativo diário (PÉREZ, 2009, p. 49).

O turismo se devidamente planejado pode trazer inúmeras vantagens à sociedade, caso contrário pode acarretar custos sociais, econômicos e ambientais ao local. O desenvolvimento regional necessita, portanto, “da junção de políticas de desenvolvimento e de objetivos locais específicos, sendo necessária a organização social como fator facilitador do desenvolvimento com a busca por minimizar os efeitos negativos” (PÉREZ, 2009, p. 50).

Para tanto, conforme Pérez (2009), o desenvolvimento turístico e regional requer um crescimento, onde a sociedade tenha a competência de gerar recursos econômicos conforme as peculiaridades e potencialidades do local, usando devidamente o planejamento específico da região e suas junções políticas, como ilustrado na figura (2) abaixo:

Figura 3 – Turismo e Desenvolvimento



Fonte: adaptado da autora Farias, 2012, p. 51

2.2. TURISMO CULTURAL

2.2.1. Discussão de conceitos, Identidade, Autenticidade e Tradição

A cultura a todo o momento fez parte do cotidiano do indivíduo figurando vários moldes e formas do turismo, e com o desenvolver dos tempos e a integração das pessoas e culturas, o Turismo Cultural abraça novas formas, aumentando suas reflexões e debates. Barretto (2007) faz a seguinte conceituação: “Turismo cultural é todo turismo no qual o principal atrativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a

história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura” (BARRETTO, 2007, p. 87).

A diversidade da cultura e do turismo configura Turismo Cultural, como aquele marcado pela motivação do turista em dirigir-se a outro local, com o propósito de experimentar outras culturas peculiares de sua estadia. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). Nos últimos tempos tem se tornado uma área de grande avanço no que tange o turismo global, elevando sua compreensão e facilidade na interpretação dos bens culturais do país, anteriormente limitado ao patrimônio edificado e festas tradicionais.

Segundo Santos e Silva (2015), o turismo cultural para cidades que praticam o turismo, é uma alternativa socioeconômica no aspecto da criação de empregos, cidadania, melhoria do avanço econômico e cultural em aspectos local e regional e na preservação de recursos.

Ainda nesta perspectiva, os autores demonstram um enquadramento da teoria dirigida ao turismo cultural em um sentido mais amplo, considerando-o “como um fenômeno civilizacional suportado por cultura, história, povos, língua, trabalho artesanal e um sistema de símbolos e valores, mas que, em suas contradições, envolve a produção de consumo” (SILVA E SANTOS, 2010, p. 936).

O turismo em si é uma atividade tamanha para o desenvolvimento sócio-econômico, com o qual não se pode afirmar se interfere positivamente ou não nos locais turísticos e dentre ele as pessoas que ali chegam e que ali residem. O indivíduo se ajusta a um contexto histórico e social próprio, neste contexto elabora formas diversas de agir enquanto parte de um corpo social, ou seja, passa a expressar seu estilo de vida. Assim, sendo designadas normas, costumes, hábitos, padrões comportamentais que atestam seu modo de pensar, agir em sociedade. Neste sentido, Carneiro; Oliveira e Carvalho (2010) traçam uma ligação do significado da cultura, suas dimensões simbólicas e representativas do homem e citam que:

Da mesma forma, ao deter o controle da natureza, os agentes sociais, através do uso de tecnologias, puderam cristalizar o seu estilo de vida em artefatos materiais, os quais dotados de uma dimensão simbólica e de uma representatividade permitem aprender a forma singular ou a estrutura que condiciona a existência empírica dos contemporâneos: a cultura (CARNEIRO; OLIVEIRA E CARVALHO, 2010, p. 7).

Porém, de acordo com o Ministério do Turismo (2010), a importância e a disseminação do conceito de Turismo Cultural vêm ganhando cada vez mais força e sendo discutida há algum tempo, isso atesta a complexidade de efetuar generalizações do entendimento a ele. A partir de 1980 que o segmento de mercado dá crédito ao segmento do

turismo cultural e Köhler e Durand (2007) o distingue em dois grupos: a partir da demanda e da oferta. Sob o prisma da demanda, o turismo cultural enfatiza as motivações, percepções e experiências pessoais dos indivíduos, podendo ser classificada como cultural as interpretações pessoais e não os objetos. Do ponto de vista da oferta, destaca o usufruto com equipamentos e atrações culturais voltadas ao consumo turístico elaborado por políticas públicas do local.

Nesta perspectiva, o Ministério do Turismo (2006, p. 16) conceitua o turismo cultural, definindo as atrações que são classificadas como culturais das localidades e acrescentando que o “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

No sentido de simplificar a percepção das particularidades essenciais atribuídas ao Turismo cultural, instituíram-se alguns aspectos que devem ser observados e que envolvem o seu significado. Algumas destas singularidades são as atividades turísticas, que compreendem os serviços que o turista utiliza e as atividades turísticas que realiza (transporte, hospedagem, alimentação, eventos, recreação e entretenimento, etc.). A vivência que são experiências positivas do turista quanto ao patrimônio histórico cultural e alguns eventos culturais que participou, contribuem para a sua preservação. O patrimônio histórico e cultural e eventos culturais que envolvem os bens de natureza material e imaterial, externam ou demonstram a memória e a identidade dos habitantes e do município (valor histórico, artístico, científico, simbólico, ruínas, museus, festas, celebrações, eventos gastronômicos, religiosos, artesanato, entre outros) e estes são a base desta pesquisa.

Assim, o Ministério do Turismo (2010, p. 33-34), desenvolve alguns exemplos de atividades e serviços que podem facilitar no desenvolvimento e fortalecimento de segmento turístico do mercado da região turística, de acordo com sua vocação e elementos significativos, como visto no quadro (1) abaixo:

Quadro 3: Exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo Cultural

Atividade	Descrição
Visitas a comunidades tradicionais e/ou étnicas	Visitas a comunidades tradicionais ou grupos étnicos (comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres), que permite a interação ou acompanhamento de atividades cotidianas ou eventos tradicionais de comunidades locais.
Visitas a sítios históricos	Visitas a lugares de interesse histórico-cultural que representam

	testemunhas do cultural nacional, regional ou local.
Visitas a sítios arqueológicos e/ou paleontológicos	Visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos com relevância histórico-cultural.
Visitas a Espaços e Eventos Religiosos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionada às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica. Ex.: Peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação e espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso.
Visita a lugares místicos e esotéricos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Ex.: Caminhadas de cunho espiritual e místico, práticas de energização.
Atividade	Descrição
Visita a monumentos e celebrações cívicas	Visitas motivadas pelo conhecimento de monumentos, acompanhar ou rememorar fatos, observar ou participar em eventos cívicos, que representem a situação presente ou da memória política e histórica de determinados locais
Visita a Museus e Casas de cultura	Visitas a locais destinados à apresentação, guarda e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Ex.: Museu da Cachaça, Museu do Folclore etc.
Visitas Gastronômicas	Realização de passeios cujas essências sejam a visitação de roteiros, rotas e circuitos gastronômicos, a participação em eventos gastronômicos, a visitação aos bares, restaurantes e similares de um destino que represente as tradições culinárias da região.
Passeios para festas, festivais, celebrações locais e manifestações populares	Realização de passeios para festas e festivais locais, para apresentações de formas de expressões culturais com fins de informação cultural ou recreação; para acontecimentos ou formas de expressão relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé. Ex.: rodas de viola, folia-de-reis, crenças, rezas, novenas.
Passeios para cinemas e teatros	Realização de passeios culturais para teatros e cinemas, conforme programação local.

Fonte: MINISTÉRIO DO TURISMO (2010 p. 33-34)

Ressalta-se que existem outras questões relativas ao turismo cultural referindo à comercialização da cultura, onde para determinados autores, transforma-se o patrimônio em mercadoria; isso deriva do fato da imposição aos lugares turísticos a produzirem um novo “produto cultural”, com o objetivo de ter maior competitividade no mercado e trazendo à tona a invenção de tradições e identidades (BARRETTO, 2007, p. 91).

Os impactos negativos oriundos da atividade turística, entre os setores de cultura e turismo, mostram o desafio do diálogo entre estes dois setores. Santos (2012) chama a atenção para o entendimento em aprimorar e desenvolver este diálogo e cita:

Desta maneira, entende-se a real necessidade de aprimorar e desenvolver o diálogo entre os setores de turismo e cultura, para que passe a haver um equilíbrio na distribuição dos lucros gerados pelo turismo favorecendo os produtores culturais e a comunidade local, que é a parte integrante do contexto regional para que as manifestações culturais artísticas da região façam história e possam ser objeto de atração para o turismo (SANTOS, 2012, p. 77).

Posto que os turistas requeiram um reencontro com o passado e com as tradições e costumes, aquilo que aparentava ser um *feedback*³ ao processo de globalização da cultura, cria múltiplos conceitos e valores e dentre estes releva a noção de identidade. Esta reflexão sobre o conceito de identidade, reflete a necessidade que os indivíduos possuem de pertencerem e se sentirem integrados à uma cultura, e na medida em que o tempo passa e a globalização se impõe, introduz uma imagem mais flexível, onde a construção da identidade aponta para o fato desta ser uma construção social, marcada por diversos fatores, mas bastante ligada ao que se vive em cada local. Assim, no processo de entendimento da identidade cultural de uma região, é crucial o acesso da população à educação, ampliando suas possibilidades de questionamentos e interpretação, igualmente à diversidade cultural, tradições e diferenças (KASHIMOTO; MARINHO E RUSSEF, 2002, p. 41).

Por fim, a experiência de fato cultural, envolve a comunidade como processo de recuperação da memória, se fazendo como dimensão da preservação e interpretação dos bens culturais e traduzindo seu real sentido e valor, às pessoas que ali passam. Oferecer à população residente do local turístico a oportunidade de conhecer e valorizar seu patrimônio, cultura, identidade, tradição, é abrir novas formas de olhar e respeitar onde residem e desse modo consolidar o envolvimento da população na identidade e cidadania para a preservação de sua herança cultural.

2.2.2. Impacto do Turismo nas Culturas

O turismo nasceu de uma movimentação econômica organizada no século XIX, sem intenção alguma de reordenar o território, porém, hoje ele passa a ser um agente

³ *Feedback* é uma palavra inglesa que significa realimentar ou dar resposta a um determinado pedido ou acontecimento. O termo é utilizado em áreas como Administração de Empresas, Psicologia ou Engenharia Elétrica. Fonte: <https://www.significados.com.br/feedback/>

condicionador de seu (re) ordenamento. Seus índices de crescimento em volume de capital negociado superaram os da indústria bélica nos últimos anos do século XX. Nesta perspectiva de impactos socioculturais, estatísticas oficiais mostram que a atividade turística refletiu diretamente e expressivamente nos deslocamentos de fluxos, mão-de-obra empregada, geração de renda, etc. (CRUZ, 2001).

Numa primeira abordagem sobre o turismo, Barretto (2007) julga que a pessoa que pratica o turismo, o turista, primeiramente interage com os prestadores de serviços, estes se relacionam com vários elementos da sociedade e com outros turistas e o inter-relacionamento entre estes vários membros da sociedade torna-se uma ferramenta inesgotável de relações pessoais revestidos de múltiplas peculiaridades. Pires (2001) afirma que “[...] o turismo é sempre um ato cultural, seja ele de que tipo for, pois o ato de viajar, é sempre um entrar em um universo do outro” (PIRES, 2001, p. 12).

Para efeito de prática turística, pode-se assegurar que ela é substancialmente do ser humano e um fenômeno social que hoje engloba o mundo inteiro, posto que o próprio homem que o faz, organiza e modifica seus lugares. Antes de tudo é um ato social comum que engloba procedimentos distintos de relação ao espaço, à identidade e ao outro, criando e recriando valores de uso e de troca através de seus turistas (PIRES, 2001, p. 11).

Do ponto de vista do modelo econômico vigente, o turismo possui alguns componentes em sua estrutura, sendo de um lado o turista, os consumidores de acordo com a demanda do produto (local), e de outro os que firmam as atrações em companhia dos prestadores de serviço, ou seja, a oferta. Ainda nas palavras de Barretto (2007; p. 11), “o turismo não tem um tronco principal; é um entremeado no qual circulam múltiplos atores que se relacionam em mútua dependência”, e isto se deve ao fato dos turistas provocarem efeitos na cultura e na sociedade, exercendo influências e provocando impactos e deixando novas marcas. Na presente pesquisa buscou-se analisar a continuidade ao desenvolvimento do turismo e seu crescimento de forma sustentável e integrada, e a investigação desta mudança de lugar e espaço, moldada pela cultura que se remodela através das construções humanas. Silva (2012, p. 71), nesse sentido, diz que “o tempo em que a ‘cultura’ é moldada e reelaborada diferencia-se em relação ao lugar (espaço físico e geográfico) e pelas diferenças estruturais da área (espaço produtivo e cultural) [...] que se configuram como *liga* (cola)”.

Nesta perspectiva Brow (1998, *apud* BARRETTO, 2007, p. 35), define impactos socioculturais do turismo como os impactos nos indivíduos, na sua qualidade de vida, em seus valores, costumes, crenças e concomitante a isto provoca inúmeras influências nos lugares

que são visitados. Para o caso específico do turismo, estudos efetuados nos dias de hoje, indicam que alguns cenários voltados à preservação de áreas históricas ou naturais para atrair turistas, seu legado está sendo positivo. Dentre estes Tulik (1990, p. 68), bem cita outros benefícios que atribuem ao fortalecimento do turismo, como o incentivo à reabilitação dos sítios históricos, construções de monumentos e revitalização de atividades tradicionais de áreas em decadência.

Esta mesma base de raciocínio que sustenta a seguinte passagem:

Atualmente, o turismo com base cultural [...] indiretamente ajuda a cumprir as metas de recuperação e afirmação cultural [...]. As comunidades têm orgulho das novas instalações, das oportunidades de emprego e capacitação [...]. O profissionalismo de um entalhador em madeira ou um gerente de negócio local dá um sentido moderno à distinção cultural (NORRIS NICHOLSON 1997, p. 128 *apud* BARRETTO 2007, p. 38).

Por sua vez Champers (2000, *apud* BARRETTO, 2007, p. 39) indica outra visão dos múltiplos impactos que o turismo pode produzir em relação à cultura material, que é a perda do valor cultural em decorrência da descontextualização. Isto posto pelas infinitas influências dos elementos de outra cultura, uma vez que a competitividade advinda da sociedade da informação impõe novos procedimentos mercadológicos para o setor de turismo. Morin (1990), aponta para o agravamento deste quadro, quando cogita o fato deste se condicionar à comunicação de massa que estabelece “padrões culturais” uniformes, e como exemplo disto, cita o cinema americano e sua “fantasia” do mundo cowboy, trajando a calça jeans e a camisa de algodão.

As discussões em torno do turismo, tomam forma de uma ideia que ele é como qualquer atividade, todas tem o seu lado positivo e negativo consoante as suas determinadas conjunturas históricas e sociais. Brow (1998, *apud* BARRETTO, 2007, p. 74) segue uma base de raciocínio onde sustenta que “o turismo gera impactos sim, mas ao mesmo tempo afeta outros fatores que condicionam o tipo e forma destes impactos”. Atesta que as inovações originadas pelo turismo podem ter olhares diferentes quanto ao seu uso e consequência e evidencia que: “[...] a propensão do turismo em gerar impactos bons ou ruins depende em grande medida de quem vai para onde e dos fatores – econômicos, políticos e culturais – que influenciam as decisões no destino” (BROW (1998, *apud* BARRETTO, 2007, p. 78).

2.3. TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O turismo vem crescendo consideravelmente em diferentes partes do globo e apresenta-se em uma posição de grande destaque neste contexto atual da internacionalização da economia. Sob um ponto de vista até certo ponto cético, porém crítico às formas de como as práticas de desenvolvimento do turismo vêm se fazendo no Brasil, é indispensável advertir quanto aos aspectos sociais, culturais e de meio ambiente estarem sendo negligenciados em favor da busca única de benefícios econômicos. Assim nas palavras de Spilanis e Vayanni (2003, *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 27), verifica-se que usualmente no Brasil, o avanço súbito e desenfreado dos locais destinados ao turismo, vivenciam um crescimento sem infraestrutura mínima e sem preservação do que possuem como atrativo, e esta baixa qualidade dos serviços contribuem consideravelmente quanto ao déficit econômico relativos ao turismo do país. Para o autor os “impactos negativos do turismo são oriundos da atividade turística e advêm de um tipo de exploração que tem em vista unicamente o resultado a curto prazo. Isto leva o turismo a permanecer desvinculado dos esforços para a manutenção da própria fonte” (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

Segundo SILVEIRA (2002):

A expansão e diversificação do turismo antes enfatizado vêm conferindo uma importância cada vez maior desta atividade para alavancar o desenvolvimento econômico de países e regiões. Por outro lado, com a emergência da questão ambiental a partir dos anos 1980, que suscitou o debate sobre os problemas de degradação do meio ambiente, o crescimento do turismo passou também a ser questionado por conta dos impactos negativos que pode ocasionar nos espaços de destino. Desde então, passou-se a perceber com maior clareza que o turismo não é portador só de benefícios e vantagens. Isto é verdadeiro apenas em parte, pois diversos estudos demonstram que o desenvolvimento turístico também pode causar uma série de danos às regiões receptoras, ou melhor dito, que este desenvolvimento pode não ser completamente positivo, visto que implica, muitas vezes, em consequências socioculturais e ambientais adversas. (SILVEIRA, 2002, p. 4):

Partindo desses debates oriundos dos problemas de degradação do meio ambiente, a expansão do turismo passou também a ser questionada por conta dos impactos negativos que pode gerar nos espaços de destino. Identifica-se como preocupação mundial os impactos causados pelo turismo, e é consoante a esta precaução dos danos deste turismo que Marujo e Carvalho (2010), apontam que este desenvolvimento pode não ser completamente positivo, visto que implica, muitas vezes em consequências socioculturais e ambientais adversas.

Alguns investigadores (BARRETTO, 2005; COSTA, 2001; RUSCHMANN, 2008) reconhecem que a atividade turística tem, de facto, uma importância relevante na economia das áreas receptoras, mas também admitem que ela provoca muitas vezes uma degradação ambiental nessas áreas. Esta questão, levou à adoção de novas formas de turismo como o designado turismo sustentável entendido, pela OMT (2003), como aquele que satisfaz as necessidades dos turistas, das regiões receptoras ao mesmo tempo que protege e potencia novas oportunidades para o futuro. (MARUJO E CARVALHO, 2010, p. 148).

Ainda que fora da questão da política econômica internacional, a abrangência e a magnitude do problema ecológico passou a exigir dos locais turísticos uma postura mais preocupada com os impactos ambientais a longo prazo. Conforme Nascimento (2005) dispõe em sua produção, foi a partir da Conferência de Estocolmo em 1972, que “tornou-se corrente a ideia de ecodesenvolvimento em resposta ao modelo economicista. Esta ideia de ecodesenvolvimento foi sendo substituída gradativamente por desenvolvimento sustentável, onde cita as palavras de Carvalho (2005), “a expressão [...] surgiu em 1980 no documento *Word Conservation Strateg* [...], por solicitação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente”. Em linhas gerais, a noção de desenvolvimento sustentável parte do pressuposto de que “conservar e aproveitar a natureza não são antagônicos” (NASCIMENTO, 2005, p. 31).

Marujo e Carvalho (2010) descrevem as seguintes conceituações de desenvolvimento sustentável do turismo, segundo alguns autores:

Inskeep (1991, p. 461) o desenvolvimento sustentável do turismo pode ser percebido como “uma forma de conhecer e satisfazer as necessidades presentes dos turistas e das regiões receptoras, protegendo e garantindo as oportunidades futuras [...]”. Beni (1997) também defende que o turismo sustentável deve pressupor a viabilidade econômica e social, privilegiando simultaneamente a cultura local e o ambiente. Portanto, e segundo a OMT (2003), a noção de turismo sustentável deve levar em conta um modelo de desenvolvimento econômico que permita: melhorar a qualidade de vida das comunidades anfitriãs; melhorar a qualidade de vida com benefícios econômicos e sociais não só para os residentes, mas também para as empresas; promover uma qualidade elevada na experiência do visitante; manter a qualidade do ambiente da qual depende não só a comunidade anfitriã, mas também o visitante; assegurar uma distribuição equitativa tanto dos benefícios como dos custos; encorajar a compreensão dos impactos do turismo no ambiente cultural, humano e material; melhorar as infraestruturas sociais e de cuidados de saúde. (MARUJO E CARVALHO, 2010, p. 149-150).

Não obstante as autoras citam SACHS (1993), o qual diz “que o desenvolvimento sustentável deve ser implementado por metodologia de planejamento de forma a ser um espaço de aprendizagem social e que possa refletir uma síntese pedagógica” (SACHS, 1993, *apud* MARUJO E CARVALHO, 2010, p. 150). Seguindo as ideias do autor, o turismo sustentável deve ser embasado nos seguintes princípios de sustentabilidade, dos quais cita:

- a) Sustentabilidade social: fundamentada no estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, com uma redução das atuais diferenças sociais;
- b) Sustentabilidade cultural: consolidada na necessidade de procurar soluções de âmbito local através das potencialidades das culturas específicas, levando em consideração a identidade cultural e o modo de vida local, bem como a participação da população nos processos de decisão e na formulação de planos de desenvolvimento turístico;
- c) Sustentabilidade ecológica: apoiada na teoria de que o desenvolvimento turístico deve limitar o consumo dos recursos naturais, e provocar poucos danos aos sistemas de sustentação da vida;

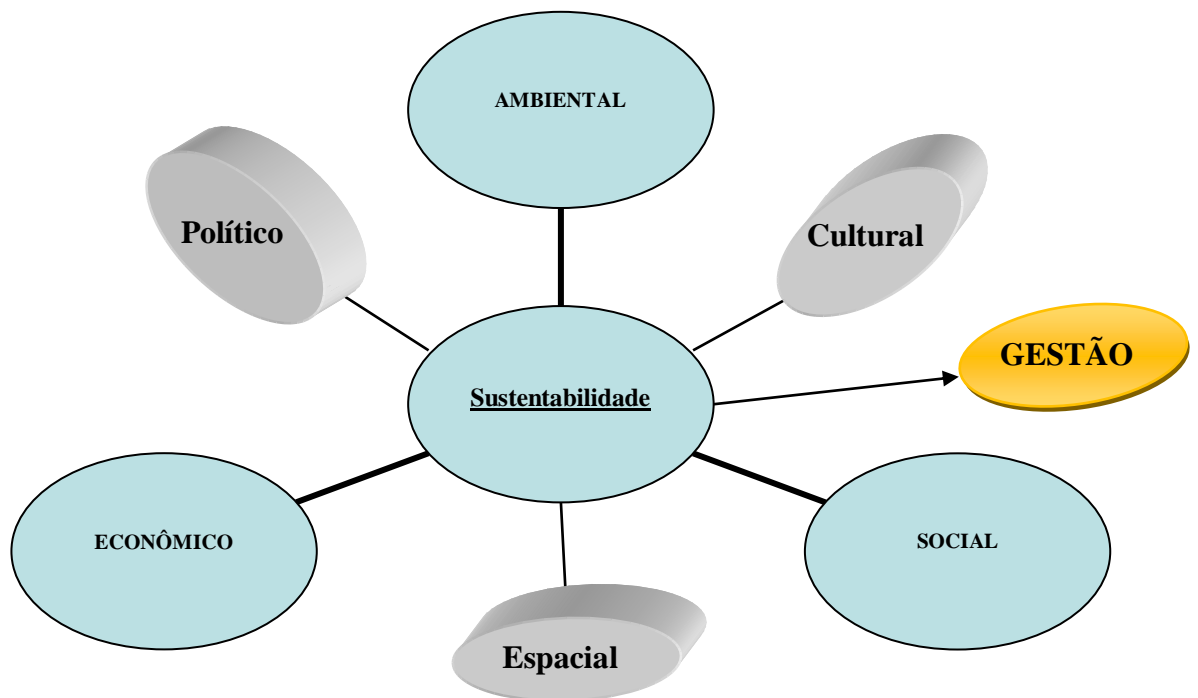
- d) Sustentabilidade económica: possibilitar o crescimento económico para as gerações atuais, bem como o manuseamento responsável dos recursos naturais que deverão ter o papel de satisfazer as necessidades das gerações futuras;
- e) Sustentabilidade espacial: baseada na distribuição geográfica mais equilibrada dos assentamentos turísticos de forma a evitar exceder a capacidade de carga;
- f) Sustentabilidade política: alicerçada na negociação da diversidade de interesses envolvidos em questões fundamentais que vão do âmbito local ao global. (MARUJO e CARVALHO, 2010, p. 150).

Por todos esses aspectos, o conceito de desenvolvimento sustentável recebe críticas no tocante a sua viabilidade, onde Corrêa (2004, *apud* SANTOS, 2013, p. 28), expõe que o “termo se refere a um modelo de desenvolvimento “desejável” e hipotético, que não apresenta alternativas viáveis à operacionalização”. Nesta perspectiva o autor diz que se faz necessário destacar que:

[...] o desenvolvimento sustentável não recusa o crescimento, mas se refere à necessidade de mudar e/ou reorganizar a maneira como ocorre esse crescimento, levando em consideração, portanto, os princípios de sustentabilidade que são o equilíbrio, a equidade e complementaridade entre as dimensões da sustentabilidade [...] (MARUJO E CARVALHO, 2010, p. 149-150).

Estes elementos abaixo estão acrescentados da área da Gestão, uma vez que ela é o uso planejado de todos os princípios aqui colocados, como o ambiente, o social e o econômico e como se verifica na figura abaixo (SANTOS, 2013, p. 50):

Figura 04 – Dimensões da Sustentabilidade e os seus princípios



Fonte: Adaptado de (SANTOS, 2013, p. 29)

Diante de todos estes aspectos, Marujo e Carvalho (2010), a partir dos pressupostos definidos por SACHS (1993), afirmam que a sustentabilidade só será capaz de ser impulsionada por meio de um⁴ planeamento favorecer cada uma de suas dimensões. Tomando como base tal conceito, a integração dos princípios da sustentabilidade nas atividades turísticas só será possível se desenvolverem um planejamento, organização e uma gestão do próprio turismo.

2.3.1. Planejamento Territorial e Políticas Públicas do Turismo

O turismo é um elemento relevante na vida social e econômica de uma região, suas atividades retratam os desejos, sonhos das pessoas de conhecer novos lugares, culturas diferentes, descansar. Entretanto, também constitui um fator de importantes alterações no modo de vida dos locais visitados, pois “representa bom exemplo da relação fundamental existente entre o desenvolvimento econômico e o ambiente, com todos os benefícios, tensões e conflitos potenciais associados” (BENI, 1999 p. 13). O autor ainda ressalta que, “se forem bem planejados e geridos, o turismo, o desenvolvimento regional e a proteção do ambiente podem evoluir paralelamente. O respeito pela natureza e pelo ambiente [...], pode fazer do turismo uma atividade lucrativa e duradoura” (BENI, 1999 p. 13).

Segundo as palavras de Carvalho (2009, p. 1421), “o planeamento do turismo é uma ferramenta estruturante da política de desenvolvimento sustentável e por isso ocupa um lugar decisivo no processo de concepção de estratégias de desenvolvimento”. Vieira (2007) já “considera este planeamento um objeto do poder, dado que, quem planeia prevê o futuro, avalia e aconselha”, ou seja, o planejamento pode ser entendido de uma forma geral, como uma soma de atividades que “envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos. Ele tem por objetivo o provisionamento de facilidades e serviços para que uma comunidade atenda aos seus desejos e necessidades” (RUSCHMANN 2008, p. 83 *apud* MARUJO E CARVALHO, 2010, p. 151).

O turismo veio a ganhar importância entre as políticas públicas setoriais somente em 1990, “apesar de, desde a década de 1960, ter sido criado um aparato institucional para a

⁴ O vocábulo planeamento é usado em sentido genérico, muitas vezes em referência à elaboração de planos governamentais. No português do Brasil, o termo registrado em dicionário é planejamento, derivado do verbo planejar. Fonte: planeamento turístico – ciberdúvida da língua portuguesa.

gestão da atividade em todo o território Brasileiro”, como bem aclarado por CRUZ (2001, p. 10). O autor ainda esclarece que dentre os principais atores sociais, o governo mostra ações convincentes quanto a efetivação do turismo sustentável, posto que compete a ele regular e fomentar a atividade turística, de forma a se converter em um desenvolvimento econômico, ambiental e social equilibrado.

Segundo o Plano Nacional de Turismo – PNT 2007/2010, uma viagem de inclusão é um instrumento de planejamento e gestão, que coloca o turismo como indutor do desenvolvimento e da geração de emprego e renda do País.

O plano é fruto do consenso de todos os segmentos turísticos envolvidos no objetivo comum de transformar a atividade em um importante mecanismo de melhoria do Brasil e fazer do turismo um importante indutor da inclusão social. Uma inclusão que pode ser alcançada por duas vias: a da produção, por meio da criação de novos postos de trabalho, ocupação e renda, e a do consumo, com a absorção de novos turistas no mercado interno (PNT, 2007/2010, p. 11).

Entretanto, Cruz (2001) alerta para as seguintes alegações:

Uma digressão histórica sobre políticas Nacionais de turismo no país mostra que nem sempre essas políticas foram claramente explicitadas, além de terem se reduzido a aspectos parciais de atividade. Isso repercutiu, negativamente, sobre as políticas públicas para o setor, estabelecidas em outras escalas de gestão (regional, estadual e municipal), pois sem a referência de uma política nacional, políticas e planos de turismo – considerando-se essas diferentes escalas – ignoraram a possibilidade de concatenação entre si e com outras políticas setoriais. (CRUZ, 2001, p. 9).

No decorrer dos anos o “mito” da natureza como recurso infinito prevaleceu no modelo capitalista, onde a bandeira do consumo desenfreado era aclamada como a solução dos males que afligiam as nações desenvolvidas e acima de tudo, acreditava-se na renovação dos recursos naturais. Na atual conjuntura é imprescindível assegurar a conservação dos recursos necessários à vida no planeta e para que isto aconteça, é necessária mudança de atitudes quanto ao uso dos recursos naturais. Viertler (1999), ressalta a importância de que a “ideia de “desenvolvimento sustentável” não é um conceito de natureza científica, mas antes, uma condição desejada e equilibrada de equilíbrios sociais”. Alerta ainda que após pesquisas de cientistas sobre condições biológicas e culturais, depararam-se com a difícil tarefa de resguardar da deterioração e do empobrecimento os últimos recursos vitais existentes ao ser humano e a tarefa árdua quanto ao entendimento que ele próprio tem com o meio ambiente.

A relação homem-ambiente só pode ser compreendida de forma adequada se for aceito primeiro que os representantes da espécie humana como um todo criam parte do seu ambiente ao mesmo tempo em que este, tomado no sentido de ambiente físico ou “habitat”, limita a criatividade de homem. Em segundo lugar, é preciso reiterar que, na interação dinâmica entre homem e ambiente, existe a atuação de um referencial da maior importância metodológica, a “Cultura” do grupo humano

focalizado, usualmente pouco considerado nas discussões quando estas se propõem a enveredar por uma abordagem científica. (VIERTLER, 1999, p. 18).

Viertler (1999), inicia a ideia de sustentabilidade cultural, partindo da suposição de que ela tenha sido “inspirada na analogia entre “cultura” definida enquanto “patrimônio constituído pelos bens culturais”, e patrimônio de recursos materiais do meio ambiente”. Para a autora, falar de “sustentabilidade cultural, significa conferir uma conotação reificante a referenciais que não existem por si, enquanto realidades autônomas, mas que, para sua essência, dependem da vontade e da criatividade humanas” (VIERTLER, 1999, pg. 20). Para ela, “admitir a sustentabilidade das culturas humanas reduzindo-as a um rol de traços e padrões fixos representa, desprover a cultura da sua essência, o movimento e a fluidez” (VIERTLER, 1999, pg. 21).

Sustentabilidade sim. Mas sustentabilidade que não perca de vista a política do respeito tanto à etnodiversidade quanto à biodiversidade. Sustentabilidade que se não perca na traiçoeira rede dos jogos de poder a que estão expostos todos os que com ele convive. Isso implica a confluência da ação política com o enfoque interdisciplinar como alavancas para a conquista de uma ação norteada pela ética da consciência, da dignidade inerente às variadas manifestações culturais no espaço global. (AMORIM, 1999, p. 39)

Por fim, Nascimento (2005) disserta que a cultura por sua vez busca no íntimo de sua identidade, a preservação e o cuidado com o patrimônio, com os recursos naturais e o respeito aos habitantes originários de cada região. Ressalta a importância da participação das pessoas locais na construção e/ou adaptação das diretrizes da sustentabilidade, por entender que estes propiciam a legitimidade, a eficiência e a transparência dos mesmos. Diante disto, estabelece que a sustentabilidade cultural só ganha “efetivamente sua visibilidade” a partir da ampliação das dimensões da sustentabilidade, desde que visualize o respeito às diferentes histórias dos indivíduos, às necessidades e realidades de cada território e suas diversidades tanto culturais, sociais, econômicas e ecológicas.

2.4. SINGULARIDADE DO SEGMENTO DO TURISMO CULTURAL-RELIGIOSO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS IMPORTANTES À DISCUSSÃO

Cada uma das vertentes do Patrimônio Cultural de cidades turísticas, tem se tornado gradativamente em recurso para o turismo e conseqüentemente, são convertidas também em fatores decisivos para a dinamização de estratégias e planos de desenvolvimento regional e local. Nesse aspecto, o patrimônio cultural das cidades é apontado como um aglomerado de bens, elementos e manifestações materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis

produzidos e reproduzidos pelas sociedades que os tomam como referência da sua identidade, singularidade e diferenciação. O turismo religioso surge aqui como uma dessas vertentes, constituindo-se em viagens motivadas pela busca do sagrado, transformando-a em um potencial e rico segmento de mercado e algumas localidades até em importantes lugares turísticos.

Neste contexto atual de transformações culturais e movimentações produzidas pela fé das pessoas, é que as experiências entre religião, turismo e cultura popular são valorizadas emergindo assim a categoria do “turismo religioso”. Segundo Silveira (2007, p. 38), “ao se naturalizar o termo “turismo religioso”, operou-se um deslocamento etimológico no significado das palavras/termos, o que permite inferir as transformações operadas no eixo religião/política/turismo/cultura.”

A principal das vertentes pesquisadas neste trabalho, o turismo religioso, está intimamente ligada ao turismo cultural e a peregrinação é uma forma de viagem religiosa, embora não seja a única, pois durante a sua estadia as pessoas poderão focar visitas histórico-artísticas, patrimônios culturais, entretenimentos locais, além destes espaços sagrados. (GONZALO, 2006). Na visão de Ribeiro (2002, *apud* CHRISTOFFOLI, 2007), o turismo religioso é percebido por alguns fatores e relações, por sua vez, é caracterizado por constantes alterações onde sua compreensão é uma constante prática, ligada à difundir uma doutrina de várias formas.

[...] é compreendido como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários, ligados à evangelização (RIBEIRO, 2002, p. 4, *apud* CHRISTOFFOLI, 2007, p. 52).

De acordo com Pinto (2002, *apud* FARIAS, 2013), faz-se importante analisar a incorporação do consumo ao modelo tradicional de peregrinação e suas diferentes vertentes. Assim, quanto ao turismo religioso, afirma:

[...] é um segmento do mercado turístico e envolve negócios, empreendimentos e lucros, gerando empregos e renda, criando opções de lazer, lançando cidades como rotas turísticas e impulsionando uma expectativa de melhora da qualidade de vida da própria localidade e sua população quando bem trabalhado (PINTO, 2002, *apud* FARIAS, 2013, p. 54).

Nas palavras de Teixeira e Junior (2011, p. 3), “a evolução desse segmento, bem como a predominância desse setor como principal atividade a ser desenvolvida em algumas cidades [...], vem a se tornar um instrumento de grande impulso para o crescimento

econômico, na medida em que oferece lucratividade”. Desta maneira é viável dizer que a viagem destas pessoas podem provocar alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais, trazendo consigo aspectos positivos e negativos. Sendo assim, os autores são categóricos em afirmar que o turismo religioso se destaca bastante na economia, uma vez que seus peregrinos são consumidores em potencial, ainda que este caráter de compra não o afaste do religioso, e por ser um fenômeno espontâneo, as peregrinações também são movidas pelo profano (TEIXEIRA E JUNIOR, 2011, p. 4).

É necessário encarar este fenômeno do turismo religioso como um aprofundamento da relação entre turismo e identidade cultural uma vez que o ato cultural “é sempre por definição, um intercâmbio, uma troca de ideias e de conhecimento, num enriquecimento mútuo em que todos são emissores e receptores” (VILAÇA, 2008, p. 27). As significações culturais apresentam e representam os traços do espaço, apontando suas fragilidades e potencialidades “e o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e dotamos de valor” (SILVA, 2012, p. 72).

Neste sentido, Calvelli (2009, *apud* FARIAS, 2013) direciona que o turismo religioso, estaria apontando para uma emergência de uma forma religiosa, onde a mediação para o sagrado no sentido de incorporar o consumo ao modelo tradicional de peregrinação, busca da experiência religiosa além do ambiente cotidiano, a articulação entre o turismo religioso e o consumo na peregrinação. A organização frente ao território e as modificações da paisagem do local, ganha relevância sobre a identificação destes ambientes cotidianos modificados pelos sujeitos, onde Souza (2015, p. 57) apresenta “a paisagem como parte integrante do meio ambiente que ao ser apropriado e transformado pelo homem, reconfigura o lugar, que passa a possuir seus próprios significados e simbolismos”.

[...] o espaço é formado por dois componentes interativos essenciais, a saber: (a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação do homem, através de sucessivos ‘sistemas de engenharia’; (b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento (SANTOS, 1996, p. 111, *apud* PEREIRA E CARRIERI, 2005, P. 36).

Atualmente é inegável a relevância do turismo religioso, uma vez que seu crescimento é incontestável estando presente em várias cidades do mundo. Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 275) apontam que o turismo religioso “tem hoje, como sempre teve no passado, uma enorme importância que lhe advém do facto de se situar na confluência de dois dos fenômenos socioculturais mais significativos do atual estado da civilização humana: a religião e o turismo”.

Para Andrade (2002, p. 79), o turismo religioso “[...] assume o papel de agente cultural pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades.” Nesta vertente, Aragão (2014, p. 55), aponta que conforme alguns estudos feitos no Brasil (2008), o turismo religioso pertence ao segmento voltado ao turismo cultural, “visto que ir a locais tais como santuários e igrejas, além dos aspectos dogmáticos, revela, também, uma forma de conhecimento cultural [...]”.

No quadro 4, abaixo, é possível visualizar que este segmento de turismo é hoje um dos grandes impulsos para o crescimento econômico, já que os peregrinos consumidores de bens e serviços possuem um deslocamento praticamente ininterrupto.

Quadro 4: Classificação do motivo da visita/viagem por divisões.

Classificação do motivo da visita (ou viagem) por divisões, para turismo receptor, emissor interno.
1. Lazer, recreação e férias.
2. Visitas a parentes e amigos
3. Negócios e motivos profissionais
4. Tratamento de saúde
5. Religião/ peregrinações
6. Outros motivos

Fonte: Dias e Silveira, 2003, p.14 apud Teixeira e Junior, 2011, p. 4)

Em essência, a comunicação entre a cultura dos povos é um encontro que ocorre em todos os segmentos do turismo, e a religião do ponto de vista tradicional, tem seu papel de aproximar pessoas através das suas “manifestações de fé e devoção, levando o indivíduo a diminuir nos locais que consideram sagrados, as suas diferenças sociais, convivendo melhor e com mais respeito entre os habitantes de fora e do local”. (CHRISTOFFOLI, PEREIRA e SILVA, 2012, p. 599). Por sua vez, um dos aspectos fundamentais da cultura e sua sustentabilidade é a relação entre os homens, seus costumes, tradições e a continuidade destes. Segundo Gonzalo (2006, p. 110), “quando você perde sua memória, você perde sua identidade e esquece o que aprendeu. Talvez, portanto, os povos se apeguem fortemente às suas tradições; para continuar a existir e evitar o risco de sofrer uma Alzheimer cultural”.

Como se pode observar pelo direcionamento de alguns autores, Aragão (2014) argumenta quanto à religião no Brasil:

No Brasil, mesmo com o catolicismo perdendo espaço gradativamente para outras religiões, como a protestante, a pentecostal, bem como as de matriz africana (BURITY, 1997; FERNADES, 1982; STEIL, 2001), apresenta-se como país católico, de tradição ressignificada imposta pelo ideal colonizador português, mantendo vivos ritos e práticas católicas em espaços sagrados. [...] é possível perceber a devoção aos santos, beatos e padroeiros das cidades, com sua procissão anual e capelinhas que atraem a população urbana e rural para o ritual de adoração, havendo uma infinidade de círculos locais em torno de santuários e vilas que possuem seus santos padroeiros no país [...] (ARAGÃO, 2014, p. 56-57).

O turismo cultural como já citado, inclui o fluxo de indivíduos do turismo religioso, e entre as principais manifestações realizadas neste segmento religioso, estão as relacionadas às igrejas e templos, as cerimônias durante a semana santa e os eventos de festivais de músicas religiosas. Como ilustração, Aragão (2014) elabora alguns informes constando as principais categorias de turismo religioso e suas prováveis características do perfil das pessoas que vão aos santuários e festas católicas.

Quadro 5: Perfil de pessoas que se deslocam aos santuários e festas católicas

Categoria	Características
Romeiro	Viaja aos santuários e festas sagradas, quase sempre em grupo, esperando alguma forma de recompensa.
Devoto	Viaja aos santuários e festas sagradas do seu santo/padroeiro de devoção.
Peregrino	Viaja aos santuários e festas sagradas da sua própria religião, na maioria das vezes, sozinho.
Promesseiro	Viaja aos santuários e festas sagradas para pedir uma graça, seja material, de cura física ou espiritual.
Penitente	Viaja aos santuários ou festas sagradas espontaneamente ou por indicação de líderes religiosos para redimir-se de suas culpas, expiação dos seus pecados, entrega de ex-voto e para cumprir o pagamento de uma promessa
Turista Cultural-religioso	Viaja aos santuários ou festas sagradas pelo prazer de viajar, por enriquecimento cultural, curiosidade e observação.

Fonte: ARAGÃO, 2014, p. 57 - Dados da pesquisa adaptado de Andrade (2002).

Para Alves (2005), as festas religiosas são constituídas de ambientes naturais de um grupo e de suas expressões e rituais, onde agradecer, venerar e homenagear são expressões que se unem ao ato de festejar, sustentando viva a memória de um povo, revelando solidariedade, união e acolhimento. Na nossa percepção, Caldas Novas apresenta tais aspectos referentes ao Santuário de Nossa Senhora da Salete, um dos objetos de pesquisa deste estudo.

Por conseguinte, Jurkevics (2005) coloca as festas religiosas como sendo um fenômeno cultural que vai além do que pode ser visível e percebido, e revela crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. Entender esse campo religioso frente ao que representa para o homem, é o que Jurkevics (2005), configura:

[...] no campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural (JURKEVICS, 2005, p. 74).

Nessa mesma trilha, Jurkevics (2005, p. 76) direciona as palavras de Maria Clara T. Machado (2000), em sua obra: “Pela fé, a representação de tantas histórias”, onde ela esclarece que a festa enquanto ritual religioso constituía-se em um intervalo do trabalho árduo diário, sendo considerados momentos especiais que fugiam do corriqueiro e tornando peculiar a renovação de forças para o recomeçar festivo, já que aliavam o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e a dança, as solidariedades e os (re) encontros que integram um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças alcançadas.

Segundo Ferretti (2001, *apud* CHRISTOFFOLI, 2007, p.16), Durkheim tinha uma visão que “as festas teriam surgido da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos”, e também “pela necessidade de separar no tempo, dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas”. Christoffoli (2007) em sua explanação sobre a importância da religião, suas tramas e múltiplos sinônimos na vida, usa bem as palavras de Durkheim:

[...] os fenômenos religiosos caracterizam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos, sendo que as primeiras são os estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento [...] “todas as crenças religiosas conhecidas [...] supõem uma classificação das coisas reais ou ideais [...] em duas classes [...] que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem” (DURKHEIM, 1996, p. 19 *apud* CHRISTOFFOLI, 2007, p. 18).

A maior parte dos indivíduos possui certa ideia do que seja religião, diante disto, costuma-se pensar como explicação de seu conceito, que a religião seja uma crença em Deus, espíritos, seres sobrenaturais, ou na vida após a morte, sendo ainda admissível pensar nesta definição, consoante às grandes religiões mundiais das quais se destacam o cristianismo,

budismo ou islamismo, (SILVA, 2004, p. 3). Para a autora o conceito de religião, “indica um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de manifestação que contemporaneamente, entendemos como religiosas”.

Ainda dentro das convicções de Silva (2004), acrescenta-se a isto, que se é estabelecido que a ‘religião’ é delineada como sagrada, a pergunta vem no sentido em compreender o que vem a ser o seu oposto, o profano. Diante de tantas colocações conceituais, a definição mais reconhecida pelos teóricos transcorre dos seguintes princípios:

[...] religião é um sistema comum de crenças, práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos. Religiões, religiosidades, experiências religiosas se expressam em linguagem e formas simbólicas. Saber o que foi experimentado, vivido e como isso pode ser compreendido exige a capacidade de identificar coisas, pessoas, acontecimentos através da nomeação, descrição e interpretação, envolvendo conceitos apropriados e linguagem. Atualmente, os estudos sobre religião e religiosidade valorizam os fenômenos religiosos de forma diversificada. Há o reconhecimento de que as questões religiosas permeiam a vida cotidiana como religiosidade popular, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringe ao domínio das igrejas organizadas e institucionais. (SILVA, 2004, p. 4-5).

Na visão de Bernardi e Castilho (2016), deve-se estabelecer que cultura e religião tanto desenvolvem como influenciam uma a outra, no entanto, no sentido do enfoque da religião, o elementar é a fé, crer em alguma coisa sobrenatural e sagrada. Nessa continuidade e em conformidade com as linhas de pensamento, Sanches (2010, *apud* BERNARDI e CASTILHO, 2016, p. 751), demonstra que, “com elementos da fé não se tem como ter controle pleno, além disso, eles exigem que se tome posição, não sendo possível ficar inerte frente às situações que a vida impõe”.

Ademais, para a religião, o feito de dar sentido em suas ações, conceitos e emoções que se entrelaçam para formar e nortear reflexões sobre a construção do comportamento religioso em um local, leva a verificar que o comportamento religioso é direcionado pelo imaginário intuitivo e pelo sentimento religioso emocional, revelando-se como sagrado. O ser humano religioso sente a necessidade de “viver em um espaço sagrado e conviver com coisas sagradas, por isso, constrói lugares e coloca objetos que sacralizam sua fé, no qual se evidencia que a religião é uma manifestação exclusivamente humana”. (BERNARDI e CASTILHO, 2014, p. 753-754). Em outras palavras, sob o ponto de vista de Silva (2004):

A variedade de abordagens e pluralidade das tradições religiosas não só enriqueceram os estudos e investigações das religiões como são um desafio a uma

compreensão mais adequada da história e do significado contemporâneo das religiões. Estabelecer um diálogo entre o “familiar” e o “estranho” representa um esforço de trazer antigas questões para novos caminhos, novos objetos e novas abordagens, promovendo um diálogo entre os estudos de religião, com a História, a Antropologia, a Sociologia, a Política e a Arte. (SILVA, 2004, p. 9).

O turismo religioso, portanto, envolve muito mais do que as expectativas naturais da visita turística – o lazer, o prazer, o descanso, entre outros –, envolve expectativas que são carregadas no íntimo das pessoas, sua fé, suas crenças, suas necessidades espirituais. Mesmo sendo tratado como mais uma vertente das movimentações turísticas ligadas ao turismo cultural, o turismo religioso mantém elementos que transcendem as expectativas do consumo cultural e do lazer. Por esse motivo é fundamental pensar como o sagrado e o profano estão relacionados nos espaços onde ocorrem as visitas e nos períodos em que a visita ao lugar sagrado é mais propício, consignando também um tempo sagrado e um tempo profano.

2.4.1. Reflexão sobre o Espaço Sagrado e Profano

A primeira definição que se pode atribuir ao Sagrado é que ele se opõe ao Profano, ou seja, falar de sagrado e profano é falar de religião, mitos, crenças, diversidades, simbolismos e dualidades. Para Eliade (1992):

[...] o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano; transparece que o mundo de alguma forma está entranhado nos indivíduos quanto aos valores religiosos, e tendem a viver a maior parte do tempo no sagrado ou em conjunto das coisas consagradas. Atribui a sua história em um número considerável de hierofanias⁵, no qual exemplos disto, podem ser dados quando há uma manifestação do sagrado ante um objeto, como em uma pedra ou árvore e a hierofania suprema, no qual para os cristãos é a encarnação de Deus em Jesus Cristo. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. (ELIADE, 1992, p.13).

Uma das primeiras condições no entendimento real de sagrado e profano é considerar que o ser humano é, sobretudo, um ser religioso, no qual “Deus não é uma ideia, uma noção abstrata, uma alegoria moral e sim um poder terrível que pode se manifestar” (MORENO, 2008, p. 3). Apoiada nestas ideias, a autora complementa que “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo do tempo”, portanto, “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano” (MORENO, 2008, p. 3).

⁵ A palavra hierofania vem de duas palavras gregas: “hierós” (santo, sagrado) e “fanein” (manifestar). Hierofania é então toda e qualquer manifestação do Sagrado.

As pessoas em suas experiências religiosas vivenciam novas crenças ou novas relações entre crenças. Em busca deste entendimento de espaços sagrados e profanos, Eliade (1992), propõe uma não homogeneidade destes espaços como um início para a interpretação dessas diferenças e assim cita:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa” (Êxodo, 3: 5). Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17).

Com base nas ideias de Wernet⁶, Jurkevics (2005), diz que o caráter dos costumes religiosos é uma estreita interação das festas religiosas que são a materialidade da fé, e este caráter destas práticas religiosas emitem uma ligação direta entre o convívio da religião com a vida social e pública, além do sagrado e do profano. Trilhando este caminho das manifestações religiosas, estabelece os seguintes ditos:

A religião era o núcleo firme de convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir (JURKEVICS, 2005, p. 76).

Borges (2010, p. 89-91) em sua obra⁷, “Os Errantes do Sagrado”, usa como base para elucidar as diferenças entre o sagrado e profano o fato destes acontecerem no mesmo espaço e tempo, no caso específico analisado pelo autor, as festas populares da região dos Ribeirinhos que é uma forma de manifestação do catolicismo popular da cidade de São Romão. A cidadezinha é bastante conhecida na região principalmente pelo lado religioso que possui, mas também é permeada de ingredientes profanos que marcam historicamente a sua identidade cultural, através de suas barracas, apresentações artísticas, forrós, dança e cachaça. Verifica-se que homem religioso, adora por meio de sua religião os seus próprios valores e visão de mundo, onde o sentimento do sagrado teria origem na própria vida social. Aqui o

⁶ WERNET, A. A Igreja Paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861. São Paulo: Ática, 1987. P. 24-25- (citado por JURKEVICS, 2005, p. 76)

⁹ Os errantes do sagrado é uma dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal de Uberlândia – Concentração em Geografia. É um trabalho sobre a geantropologia dos tempos e espaços da cultura popular na região de ribeirinha do São Francisco, no norte de Minas Gerais, com ênfase na cidade de São Romão. Fonte: Borges, Maristela Corrêa, 2010.

sagrado e o profano andam juntos e servem como dito acima por Jurkevics (2005), “oportunidades para o povo se distrair e se divertir”.

Esses elementos do sagrado e profano podem ser observados neste exemplo também citado por Borges (2010):

Quando chega a uma casa, o ritual da Folia de Reis é marcado por uma forte dimensão religiosa. É fácil perceber uma atmosfera de respeito e devoção entre todos os presentes. Durante a “reza”, constituída do canto sequente das “tabelas” que contam uma história baseada em narrações bíblicas do nascimento de Jesus e da visita dos Três Reis Magos, todas as pessoas, desde os foliões aos donos da casa e visitantes, assumem uma atitude de oração e respeito à “reza”. São momentos demorados e quase todos estão de pé ou ajoelhados. Ao final deste momento os instrumentos não param, continuam, em outros ritmos e com outras finalidades. É o momento da descontração, como diz nosso entrevistado. Entendo estes momentos como profanos, pois ao lado da dança e do animado, em que as letras falam de coisas totalmente diversas das que foram cantadas anteriormente, é também o momento de servir aos presentes refrescos, licor e cachaça. Algumas mulheres entram na roda dos foliões e acompanham a dança mais de perto. [...] São momentos em que o sagrado e o profano parecem interagir e mesclar-se, pois acontecem muito próximos, no tempo e no espaço (BORGES, 2010, p. 89-90).

Nos dizeres de Alves (2007, p. 9), “nenhum fato, coisa ou gesto é encontrado já com as marcas do sagrado. O sagrado não é uma eficácia inerte às coisas. Ao contrário, coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os balizam como tais”, e é neste sentido que os indivíduos através de suas experiências se encontram com o sagrado. Alves (2007) entende que:

[...] dentro dos limites do profano tratamos de coisas concretas e visíveis. Assim, discutimos pessoas, contas, custo de vida, atos dos políticos [...]. Quando entramos no mundo sagrado, descobrimos que uma transformação se processou. Porque agora a linguagem se refere às coisas invisíveis” [...] (ALVES, 2007, PG. 10)

E esta explicação só é entendida porque olhamos com os olhos da fé, que são situações que acontecem além dos nossos sentidos comuns. Para o autor, o sagrado se estabelece em virtude do invisível, e que a linguagem religiosa entende ao reportar-se nas profundezas da alma, altura dos céus, desespero do inferno, fluídos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus.

Diante dos diferentes caminhos percorridos, várias conceituações e compreensões sobre sagrado e profano foram escritas; dentre elas, Rosendahl (1999, *apud* Borges, 2010) define claramente estas diferenças:

Podemos definir espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Assim o espaço sagrado reflete a percepção do grupo religioso envolvido. Na realidade, o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses (ROSENDAHL, 1999, 233-234 *apud* BORGES, 2010, p. 93).

Destarte a isto Marchi (2005) remete para o campo do sagrado tudo aquilo que se considera importante para a reprodução social, das quais as representações coletivas exprimem as típicas realidades coletivas. Lembra ainda que apesar de contrários, separados e dissociados, sagrado e profano não são excludentes. Gilberto Safra⁸, referindo a Durkheim nas palavras de Marchi (2005), destaca:

[...] o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos, trata-se de um sentido que se define pela oposição ao profano. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa. As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições, e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo. O sagrado seria um anseio de potência, de uma energia que agiria sobre o profano. Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais (MARCHI, 2005, p. 38).

Ainda para o autor “sob diferentes formas de manifestação, pode-se considerar que o sagrado está presente no cotidiano das sociedades independentemente da sua aceitação ou das crenças individuais” (MARCHI, 2005, p. 47). O sagrado é tal qual um sentimento religioso que surge e gera numerosos sentimentos, inferindo uma re(ligação) com o universo, é um estágio intrínseco à estrutura da subjetividade humana. No centro de todas estas reflexões utilizadas, está impreterivelmente a religiosidade, a religião e o lugar, e neste caminho ambos percorrem verticalmente a sociedade, sem considerar se as pessoas são pobres ou ricas, analfabetos ou escolarizados. Assim:

Essa religiosidade capaz de gerar identidades e inserções sociais também aproximava altar e salão, rito e mito, oração e riso, fé e festa, devoção e favor, doação e pedido, tudo num grande cenário de encontros, de alegrias, de choros, de esperanças e de pedidos de novas graças. Vivência do sagrado, interesses materiais, festejos coletivos, dramaticidades espiritualizadas, divertimentos públicos e realizações pessoais traduziam momentos de intimidade e reciprocidade entre a religião e a pessoa. A fantasia e a realidade, o delírio e o sentimento, a representação e a transgressão, a liberdade e a doação, a identidade cultural e a afirmação de valores construíam uma linguagem que não necessitava de explicações e de regras porque era absolutamente familiar àqueles que participavam desse grande cerimonial religioso-profano (MARCHI, 2005, p. 52).

Nas reflexões que encontramos nos autores acima utilizados, percebemos as diversas dimensões da relação sagrado / profano, o fato dos seres humanos poderem passar de um espaço profano para um espaço sagrado (e vice-versa) a partir das crenças, da fé, dos

⁸ É um psicanalista brasileiro. Destaca-se na atualidade por uma abordagem que vai além da própria psicanálise na integração de várias áreas do saber, tendo contribuído no diálogo entre disciplinas tais como a psicologia, literatura, filosofia, antropologia e teologia. Safra desloca o pensamento inicial da psicanálise edipiana para as questões fundamentais da constituição do Humano. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Safra

valores pessoais e sociais, do reconhecimento da continuidade entre esses espaços, os quais se harmonizam no território da localidade.

Na experiência do turismo religioso, mesmo num local principalmente voltado para o turismo de lazer como Caldas Novas, há essa forma de integração entre o sagrado e o profano até com maior evidência, pelo fato do turismo religioso ocupar um espaço no interior de uma estrutura voltada para o profano, voltada para a diversão.

No caso de Caldas Novas, nesta última década, como veremos nas próximas páginas, turismo, cultura, religiosidade, sustentabilidade, participam de um processo de integração e debate sobre as possibilidades, problemas e perspectivas que a expansão do turismo produz no local turístico.

Neste estudo focalizaremos o surgimento, desenvolvimento e crescimento do turismo religioso no contexto de um espaço turístico já consagrado ao lazer, procurando refletir sobre a complexidade dessas transformações que Caldas Novas vem vivendo em seu cotidiano de localidade dedicada quase integralmente às atividades turísticas e afins.

CAPÍTULO 3: A INTEGRAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO AO ESPAÇO TURÍSTICO EM CALDAS NOVAS (GO): ESTUDO DE CASO

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Caldas Novas, localizada na região de planejamento sul do estado de Goiás, distante aproximadamente há 180 km da capital do estado, Goiânia. Seus municípios limítrofes são Morrinhos, Marzagão, Piracanjuba, Corumbáiba, Rio Quente, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Pires do Rio. Pelo censo de 2017, possui uma população estimada de 84.900 habitantes⁹ e área territorial de 1.595,966 km².

A cidade de Caldas Novas, é conhecida internacionalmente por ser a maior estância hidrotermal do mundo, e destaca-se por ser o maior polo turístico do estado, sendo considerado um dos maiores do país, devido ao fato de explorar economicamente um recurso natural disponível no subsolo local, as águas termais.

O recorte que demarcou este estudo pediu uma abordagem qualitativa e quantitativa. Buscou compreender a complexidade do assunto levantado, observando, explorando e descrevendo o objeto de estudo: Turismo e suas simbologias, Turismo cultural, Sustentabilidade cultural e religiosidade na cidade de Caldas Novas (sendo duas as igrejas

⁹ Estimativa IBGE (2017).

envolvidas: Matriz de Nossa Senhora das Dores e Santuário de Nossa Senhora da Salete).

Segundo Guerra (2014), citando Denzin, Lincoln et al (2006) a pesquisa qualitativa contempla muitos temas ligados à cidadania, já que está profundamente ligado a questões de qualidade:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (DENZIN; LINCOLN. et al. 2006, p. 17 apud GUERRA, 2014, p. 13).

O embasamento teórico utilizado segundo essa perspectiva é a pesquisa bibliográfica, que é o ponto de partida de qualquer análise. Ela norteia as etapas investigativas do estudo e busca recolher e analisar informações sobre os temas abordados, fornecendo dados atuais e substanciais para a pesquisa. Empregou-se como suporte livros, artigos, dissertações, teses, ou seja, contribuições de autores de estudos científicos anteriores. Severino (2007, p. 122), se refere a pesquisa bibliográfica com sendo “aquela que se realiza a partir do registro, disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.”

Foi realizado além disso, uma pesquisa documental com levantamento de dados necessários à pesquisa, por meio do uso de fotos, gravações, documentos legais. Conforme Severino (2017, PG. 69), “trata-se, portanto, de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre o tema, tendo como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”. Aqui neste momento da pesquisa, verificou-se que tanto a Prefeitura quanto Secretaria de Turismo e Secretaria de Cultura não possuem arquivos sobre a história da própria cidade e seus principais locais de visitação, suas festas tradicionais, etc.

Quanto aos meios e visando atender os objetivos que foram propostos neste estudo, a pesquisa de campo foi essencial e necessária, buscando uma observação direta no levantamento de dados no próprio local através de pesquisa no campo. Teve como universo algumas pessoas de famílias tradicionais e fundadoras do município, o Bispo da Diocese de Ipameri Dom Guilherme Antonio Werlang, Padres e religiosos da Paróquia Nossa Senhora das Dores e Santuário de Nossa Senhora da Salete, o segmento político em esfera turística e cultural, e parte da população atual da cidade e turistas no âmbito religioso.

Destes universos citados, foram retiradas amostras representativas do universo em

questão, sistemáticas e suficientes para validar a pesquisa em curso com entrevistas e questionários estruturados e semiestruturados, em uma abordagem aleatória simples. O questionário foi passado em meses aleatórios no ano de 2017, como meses de alta e baixa temporada, de festas religiosas da Paróquia Nossa Senhora das Dores e Santuário Nossa Senhora da Salete. Foram o total de 300 questionários aos moradores e visitantes da cidade de Caldas Novas, donde seus dados foram tabulados e analisados.

Os trabalhos de campo realizados no Santuário de Nossa Senhora da Salete e Paróquia Nossa Senhora das Dores, basearam-se na coleta do maior número de dados possíveis sobre os visitantes e pessoas da própria cidade, porém, seu tempo de visitação aos locais era muito pequeno, fazendo com que o trabalho também percorresse para uma conversa informal.

As entrevistas e questionários se firmam em um respeitável mecanismo de investigação e obtenção de dados, justificando a pesquisa quantitativa, uma vez que pedem elaboração e conhecimento prévio do assunto em questão. A entrevista é dessa forma, um diálogo dirigido objetivando recolher dados para a pesquisa, onde a informante conta com a presença do entrevistador ou seu auxiliar para registrar todas as informações (CERVO, BERVIAN e SILVA, 2007).

Como procedimento de pesquisa, para os fins objetivados, utilizou-se o estudo de caso. O estudo teve apoio descritivo das características adquiridas através do método da observação das relações sociais e culturais e do sagrado e profano presentes nos locais pesquisados. O estudo de caso foi necessário uma vez que proporcionou maior familiaridade com o problema da pesquisa, e aprimorou as ideias levantadas. Gil (2010, p. 37), afirma que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. A pesquisa sobre a reprodução do espaço turístico, religioso e cultural, teve como desafio a compreensão desses processos em uma cidade estritamente turística como Caldas Novas (GO), demonstrando a indispensabilidade que sejam feitas mais pesquisas que contemplem as transformações ocorridas nos últimos anos no município, compreendendo que marca deixará à sociedade local.

3.1. SOBRE O LOCAL: ÁREA DE ESTUDO

3.2.1. Caldas Novas e seu percurso histórico

Explorar a cidade, sua alteração de paisagem e da vida urbana, nos posiciona defronte ao desafio de interpretar o reflexo do espaço urbano não somente como um amontoado de formas de pessoas, mas sim as metamorfoses feitas na paisagem, na cultura, na racionalidade da organização de seu espaço de vida, tradições e invasão do valor de troca. O espaço se transforma no decorrer do tempo, e o espaço do Cerrado, precisamente da cidade de Caldas Novas (GO), foi se fazendo ao longo do tempo por meio de suas relações sociais e com seus espaços no decurso de sua história.

O Cerrado é rico de surpresas. Frágil e forte na vegetação e recursos hídricos, tem beleza e plasticidade nas floradas de ipês e pequizeiros, tem alimento nos frutos perfumados e saborosos, recurso para a saúde nas fortalezas das raízes e folhas medicinais, uma sobrevivência excepcional ao fogo. Ele revela um Planalto Brasil Central exótico, promissor nas riquezas minerais e vegetais, uma terra na qual a população interiorana, de uma cultura sertaneja e bem estruturada, é saudada como “brava e resistente”. (MARQUES (Org.), 2014, p. 12)

Segundo (FERREIRA, 1958), a cidade de Caldas Novas situa-se no sopé da serra e que lhe concede o nome, e GODOY (1978), bem elucida esta passagem:

Bartolomeu filho, que tinha acompanhado seu pai nas andanças, ainda criança, empreendeu a sua viagem no ano de 1722. Penetrou aquém Paranaíba – com se depreende do achado da cruz do Anhanguera, hoje em Goiás, antiga capital do Estado – nas proximidades do local denominado Ipê Arcado. (GODOY, 1978, p. 23).

De sua história, existem documentos na Espanha, “que foram divulgados pelo Dr. Pires de Almeida, em seus livros “Lambari” e “Cambuquira”, fazendo apologia das águas de Caldas Novas, como águas medicinais”. (FERREIRA, 1958, p. 100). Relata-se que em 1722, Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, encontrou indícios de ouro, circundou a serra e vislumbrou inúmeras fontes termais do lado do ocidente, porém, estas águas foram deixadas de lado uma vez que Bueno encontrou ouro. O local dessas fontes a posteriori foram buscadas por pessoas enfermas, e estas fontes termais ficaram conhecidas como Caldas de Piratininga.

Foram, então, descobertas as fontes termais que ficaram conhecidas como Caldas de Pirapitinga. Ainda naquele mesmo ano, Martinho Coelho descobre, a 16 de fevereiro, as fontes termais que margeiam o córrego de Lavras, que receberam o nome de Caldas Novas (atualmente ali, se localiza o Balneário Municipal). Ao mesmo tempo, descobriu também ouro em grande quantidade, sendo a razão de haver requerido sesmaria naquela região. Construindo uma propriedade à margem esquerda do córrego de Lavras, ali se estabeleceu, denominando o local de Fazenda das Caldas, passando a dedicar-se à extração de ouro que existia em grande quantidade. (FERREIRA, 1958, p. 100).

A fazenda de Martinho Coelho, do lado esquerdo do córrego de Caldas ou córrego de Lavras, prosperava, porém, com o passar dos anos os recursos naturais do garimpo

desgastaram e muitos dos escravos que vieram com ele, ficaram envelhecidos e improdutivos pela idade. Segundo Godoy (1978), muitos destes escravos ainda novos, fugiam e se refugiavam em Quilombos vivendo como selvagens mas sem escravidão. Godoy (1978), ilustra bem esta passagem:

Era o fim da abastança, porque sem recurso de bombas, sem braços vigorosos, o velho “Tronco do Jequitibá ferido pelas faíscas da desventura, viu evaporadas as feéricas fantasias de seus sonhos [...]. Desalentado e sem esperança de recuperação, torna-se presa da mórbida languidez, que é o prêmio reservado para quem ultrapassa, o marco da chegada, na corrida do tempo. [...]. Fumando grossos cigarros de palha feitos de fumo produzido em suas terras e confeccionados por sua velha escrava, iam subindo nas espirais de fumaça, os sonhos que douravam as esperanças do velho garimpeiro; e dentro daquele lago de quinhentas braçadas de comprido por vinte de largo, e de igual profundidade, ficaram sepultadas para sempre, a casa grande cheia de servos, todos libertos, os campos com milhares de rezes enchendo às tardes e manhãs com músicas de mugidos; e, todos os dias, aparecendo visitas para ouvirem as narrações das caçadas. Foi tudo encanto. Tudo se evaporou. (GODOY, 1978, p. 34).

A chegada de mineiros e paulistas a terras Goianas se deu no ano de 1800 através de suas marchas e uma comitiva rica de gente e de gado. Neste interim a família de Dona Rita Parreiras alcançou as terras de Vila Bela, hoje Morrinhos, chegando a Caldas Novas. Aproximadamente por volta de 1825, Dona Bárbara Parreira e sua numerosa família e escravos, vieram para Goiás e para as terras empossadas pelos seus filhos quando saíram para explorar terras e demarcá-las para a família. Na fazenda demarcada pelos filhos de nome, Barra do Córrego da Bela Vista e vizinha da fazenda de Antônio Coelho de Siqueira, filho de Martinho Coelho, foi feito um solar assobradado para a filha de Dona Bárbara Parreira, Ritinha Parreira. Na fazenda vizinha de Antônio Coelho de Siqueira havia fontes termais e estas foram a causa da relação de amizade, entre o pioneiro dos moradores de Caldas Novas e da família Parreira.

Por volta de 1838 o governo imperial tomou conhecimento das águas quentes na referida Águas Santas de Santa Cruz, uma província de Goiás, e a seu pedido por várias indagações de curas destas águas, no ano de 1838 se inicia várias pesquisas relacionadas a este fato, que perdurou por incontáveis anos e somente no ano de 1918, segundo Godoy (1978), através dos esforços financeiros de Bento de Godoy, ilustre criador de Caldas Novas, “por insistência do Senador Olegário, veio a Caldas Novas, o eminente médico residente de Poços de Caldas, Minas Gerais, dr. Orozimbo Correia Neto, [...], autoridade no assunto, fazendo perfeito estudo dos três mananciais de Caldas Novas”. (GODOY, 1978, p. 49).

Em meados de 1844, Ritinha Parreira conhece Luiz Gonzaga de Menezes com sua comitiva vindo de compra de gado. Este pede permissão para se hospedar em sua fazenda,

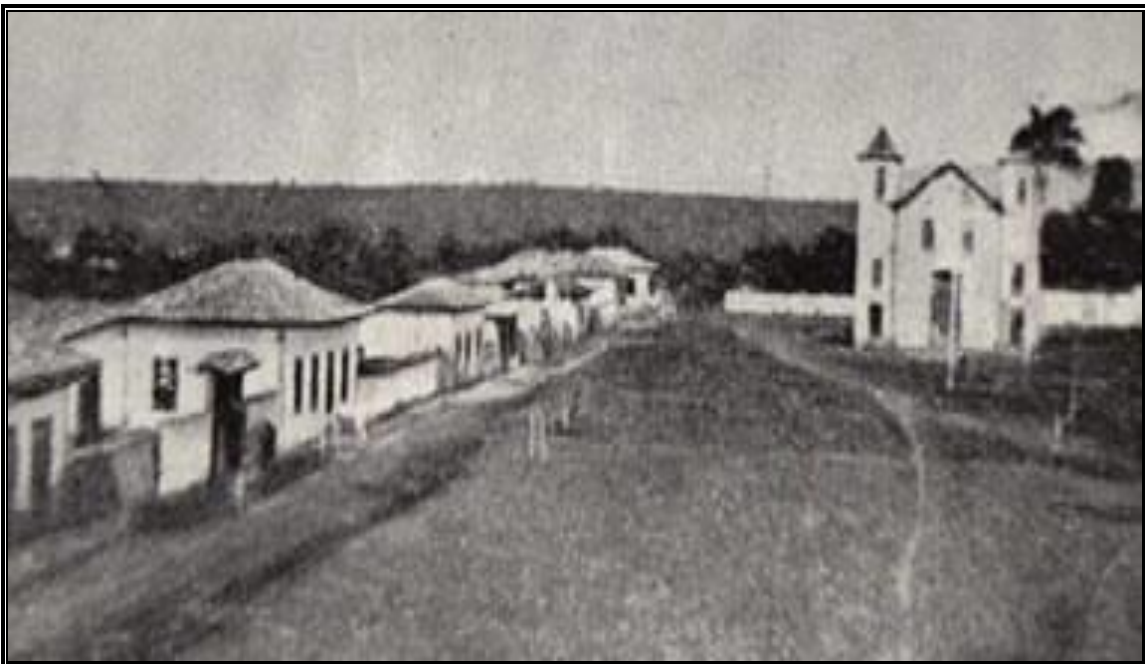
onde futuramente veio a casar-se com ele, e a partir desta união, se começa em 1850 a construção da Igreja Nossa Senhora do Desterro, hoje Nossa Senhora das Dores.

Como aconteceu na maior parte das cidades brasileiras, Caldas Novas foi crescendo em volta da sua igreja, mas marcada também pela presença das águas quentes, consideradas por muitos como santas, milagrosas. A fé na capacidade de cura dessas águas quentes fez com que fossem exploradas somente com o fim terapêutico até os anos 1960. A partir de 1970 o turismo passa a ter grande impulso, donde a cidade toma um novo rumo de atividades turísticas, voltadas para recreação, convenções e lazer.

Junto a esta movimentação em torno da igreja, transcorreu a construção das primeiras moradias de Caldas Novas, surgindo então longas casas que serviam de alojamento aos enfermos, donde Antônio Coelho de Siqueira, após a morte de seu pai Martinho Coelho, comandou a direção da fazenda e iniciou a construção de poços com lajes inteiriças para favorecer os banhos, uma vez que a quantidade de ouro era pequena, passando a cobrar uma pequena quantidade dos que se serviam delas em sua propriedade. (FERREIRA, 1958).

Na figura abaixo pode ser visto o início da construção da cidade de Caldas Novas, tendo início com a construção da hoje Matriz Nossa Senhora das Dores.

Figura 5: Foto da paisagem de Caldas Novas cerca de 90 anos atrás, no largo que hoje se chama Praça Mestre Orlando.



Fonte: Crônica “Memórias tristes” de Luiz de Aquino dezembro 31, 2015. Disponível no site <<http://penapoesiaporluizdeaquino.blogspot.com.br/2015/12/memoriastristes-sim-e-caldasnovas.html>>.

Segundo Albuquerque (1996), até a metade da década de 1960, presumia-se que a cidade de Caldas Novas tinha limitado número de hotéis como, o Hotel Avenida da família de José Theófilo de Godoy, o Hotel Thermas e o Hotel Central. O município de Caldas Novas atualmente é conhecido como a maior estância hidrotermal do mundo, dispondo de águas quentes que brotam do chão com temperaturas que variam de 43° a 70°. Hoje conta como sua maior renda para o município o turismo, possuindo por volta de 74 hotéis de grande porte, inúmeras pousadas, pensões e flats. Segundo o Diário do Turismo (2016):

[...] “A cidade recebe cerca de quatro milhões de turistas ao longo do ano que vêm visitar as águas quentes do balneário”, afirma Marcos Faria, presidente do Convention Bureau de Caldas Novas; “A cidade é considerada a maior estância hidrotermal do mundo, temos 86 mil leitos de hotéis cadastrados, 55 mil leitos informais e ainda uma previsão de mais 37 mil leitos para os próximos dois anos”, afirma o dirigente. Segundo os números de Marcos Faria Caldas Novas possui a segunda maior quantidade de leitos do país só perdendo para São Paulo. “Nesta época de fim e início de ano a cidade tem previsão de 75% de ocupação nos hotéis” complementa Faria. (DIÁRIO DO TURISMO, 2016)

Na Figura abaixo é possível ver as alterações e transformações, que o espaço urbano da cidade de Caldas Novas sofreu no passar dos anos, isto derivado do aumento de sua rede hoteleira e o turismo em si, juntamente com a transformação da Praça Mestre Orlando e a Matriz Nossa Senhora das Dores.

Figura 6: A paisagem de Caldas Novas no ano de 2017, com destaque da Praça Mestre Orlando e a Matriz Nossa Senhora das Dores.

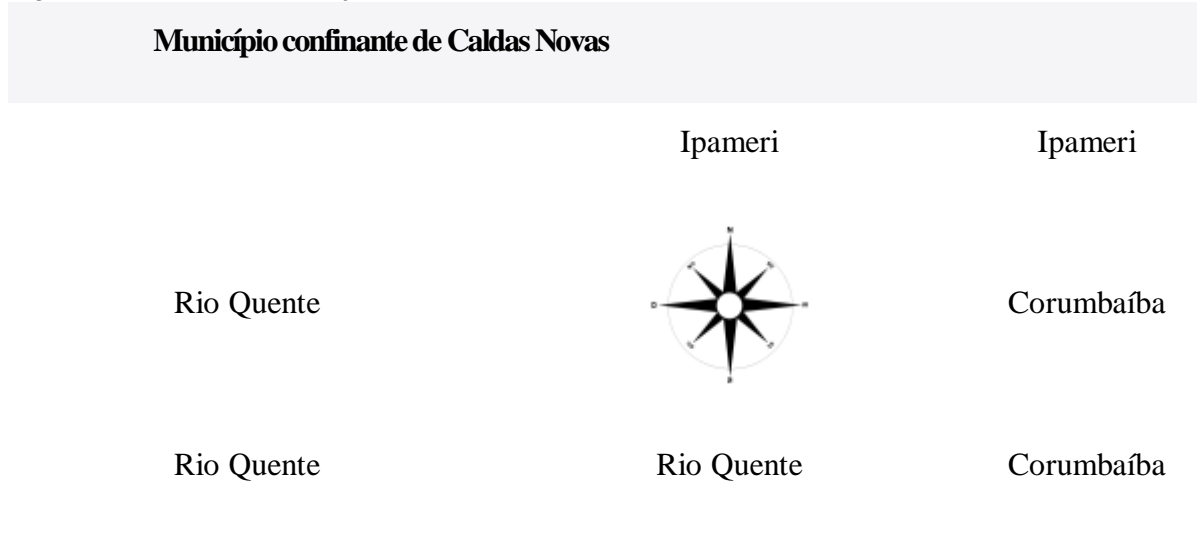


Fonte: Pousada Europa - Caldas Novas - GO, disponível no site: < <http://www.pousadaeuropa.com>>.

Nas figuras abaixo, visualiza-se a distância dos municípios limítrofes à Caldas Novas e distância entre as principais cidades Brasileiras. Abaixo é possível encontrar as cidades e

vilarejos vizinhos de Caldas Novas, dispostos em relação à bússola e também à sua quilometragem de distância ao município.

Figura 7: As cidades e vilarejos vizinhos de Caldas Novas



Municípios vizinhos de Caldas Novas

Rio Quente 15.6 km	Marzagão 25.8 km	Água Limpa 39.2 km
Corumbaíba 44.9 km	Ipameri 49.4 km	

Fonte: Cidade-Brasil.com.br – Município de Caldas Novas, disponível no site: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-caldas-novas.html#vizinhos>>

Quadro 6: Distância entre Caldas Novas e as principais cidades Brasileiras.

São Paulo : 678 km	Rio de Janeiro : 806 km	Salvador : 1208 km
Brasília : 231 km	Fortaleza : 1910 km	Belo Horizonte : 544 km
Manaus : 2050 km	Curitiba : 858 km	Recife : 1839 km
Porto Alegre : 1393 km	Belém : 1813 km	Goiânia : 136 km (mais perto)
Guarulhos : 673 km	Campinas : 597 km	São Luís : 1758 km

Fonte: Cidade-Brasil.com.br – Município de Caldas Novas, disponível no site: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-caldas-novas.html#vizinhos>>

Abaixo podemos observar no mapa, a privilegiada localização do município de Caldas Novas, facilitando o acesso de diversos estados até o município.

Figura 8: Figura elucidando a localização de Caldas Novas.



Fonte: Revista Turismo – Dicas de Viagem – Nov. 2000, disponível no site: <http://www.revistaturismo.com.br/dicasdeviagem/caldasnovas.htm>

3.2.2. Levantamento dos dois objetos de Estudo:

1 – Igreja Matriz – Nossa Senhora das Dores

O mineiro Coronel Luís Gonzaga de Menezes, chegou à região de Caldas Novas no ano de 1830. O coronel era viúvo e com 03 filhos, e procurou adquirir gado na região e os reunia na fazenda de Dona Rita, que era solteira e residia em um sobrado nas imediações da região do Sapé, donde algum tempo depois se casaram.

Segundo o Caderno Folha de Goiaz de 01 de novembro de 1981, o Coronel Luís e sua esposa Dona Rita, detinham certa inspiração liberal e costumavam alforriar negros escravos. Estes, por sua vez formaram um Quilombo nas imediações, um sítio que foi doado pelo casal para que não se debandassem, porém muitos deles furtavam açúcar, rapadura e cachaça na fazenda do Coronel e tal atitude dos habitantes do Quilombo, fez com que o Sr. Luís doasse à Igreja, ou Cúria Eclesiástica, uma gleba com a finalidade da construção de um novo povoado, assim ficando mais distantes de sua fazenda estes negros alforriados.

O Cônego Jerônimo, administrador da Igreja na época e afamado como “padre santo”, foi o padre que o Sr. Luís Gonzaga de Menezes e Domingos José Ribeiro, recorreram com a proposta da doação, no entanto, ele exigiu que o Sr. Luís Gonzaga dito rico fazendeiro, firmasse moradia no novo povoado. “Gonzaga de Menezes construiu então sua casa no local [...], construiu currais e mudou-se para o povoado, surgindo assim, em torno da Igreja [...], o núcleo habitacional que daria origem à cidade de Caldas Novas” (NETO, 1981). Neste

contexto da história, dita como “A história, de boca em boca”, grafado por NETO (1981), o dito Padre Santo era bastante conhecido por suas profecias e neste momento “fez uma profecia, ou rogou uma praga: ‘Transfiro pra lá o povoado, mas lá não vai parar padre”. A padroeira escolhida foi Nossa Senhora do Desterro, a qual permaneceu até o ano de 1888. (NETO, 1981).

A fazenda Caldas Novas após alguns conformes, foi dita como o local ideal pela imediação que possuía com as fontes termais, aplainado e abundante abastecimento de água para a construção da Igreja, onde GODOY (1978), assim elucida:

Havendo nos arredores muitos sitiantes ansiosos por uma casa de oração, perto de suas moradias. Propondo-se a dar pelo terreno do patrimônio a quantia de quinhentos mil réis. Edificar um templo amplo, em condições merecedoras de ser a morada da protetora dos seus devotos, levantando em torno, com a cooperação de muitos, bases sólidas de futura vila. (GODOY, 1978, p. 89).

Findada as dificuldades no ano de 1850, o Coronel Luís junto com alguns fazendeiros, índios e escravos, não dispensou esforços para o levantamento de um templo, uma vez que já havia ali uma grande necessidade de uma Igreja por parte dos fiéis. Godoy (1978, p. 91), descreve que “o cerrado de pau-terra, pimenteira de macaco, paineira, pequizeiro, carvoeiro, jatobá-roxo, faveira, gordinha e barbatimão, [...] foi transformado em montes de lenha, [...] onde à noite acendiam fogueiras, iluminando o quadrado do futuro Largo da Matriz”. A devoção da gente dos povoados era fervorosa, donde o Sr. Roberto de Oliveira um fazendeiro da Fazenda Água-Quente juntamente com seus escravos, aos sábados rezavam o terço e faziam leilões de diversas prendas com o intuito de arrecadar fundos à construção da Igreja. As festas eram presentes nas rezas feitas pelo povo, revelando que desde o início o sagrado e o profano andam lado a lado. Godoy (1978), em sua narrativa elucida bem tal fato:

A véspera do dia do descanso, tinha também seu festejo, com viola, sanfona e pandeiro, o arrasta-pé do samba e do catira, penetrando pela noite até alta madrugada. E quando acontecia o pouso de um tropeiro, vinham os tocadores e arrieiros dar rilho à folgança trazendo novidades de cantigas e anedotas de outras terras. As crioulas, mulatas e brancas, se misturavam no fandango, com faceiros requebros de cadeiras. As escondidas, o Pedro Botelho deixava as cavernas escuras onde esquentava as águas das fontes-termais, para vir por, nas canequinhas de quentão, umas gotas de seu licor do pecado; ignorando que com isso, também estava ajudando na edificação da casa Mãe do Nosso Senhor Jesus Cristo. (GODOY, 1978, p. 91).

A partir da construção da Igreja iam se alçando casas ao redor do templo, de moradores que viviam do lado contrário ao rio Ribeirão das Lavras. Os últimos reparos na construção da Capela, em agosto de 1850, contavam com detalhes como “um elevado de três

degraus acima do soalho, estava o altar do santuário, de reluzente e oloroso bálsamo. O sacrário de polido de cedro, com estofos de seda rosada. O dossel do trono, tinha a cor da anilada do céu, estampado com estrelas douradas”. (GODOY, 1978, p. 91). Em solenidade a estes últimos reparos da Capela, os operários caminharam até o Coronel Luís e sua esposa, Dona Rita, com um pedido de festejarem e glorificarem a padroeira. O Padre Neiva, o então pároco da época em Santa Cruz, em resposta aos pedidos dos operários, levado pelo Coronel Luís, “marcou para o segundo domingo de setembro a realização da solenidade e, que as novenas teriam a sua presença”. (GODOY, 1978, p. 92).

Vale ressaltar por conseguinte, que em nenhum momento da história do povoamento de Caldas Novas havia acontecido uma festa religiosa oficial, esta foi acompanhada de numerosos rojões de foguetes de bombas gigantes, viola, cantoria, brincadeiras, comidas, leilões e missa como sendo um ritual inédito. As águas quentes citadas aqui pelas pessoas, segundo Godoy (1978, p. 94), ecoavam para “a cura das carraspanas, corriam para as banheiras das fontes termais – que se chamavam poços – onde muitos adormeciam com o calor caricioso”. Foram dias de festança, novenas e missas, como bem versado por Godoy (1978), em que os serviços da Capela continuavam, porém, com uma certa demora nas elaborações das peças de polimento, como as portas, janelas, balaústres e os altares.

Ao meio dia de sexta-feira, retiniu pela primeira vez o sino, provisoriamente instalado que no futuro iria ecoar no alto da torre, para chamar os fiéis a oração e planger, no doente badalar, a triste notícia de uma morte. [...]. Com o novo repicando ângelus, quando o sol se escondia por trás da serra, os velhos descobriram a cabeça e se ajoelhavam contritos, lembrando de quando crianças, os seus pais assim os ensinavam; e foram imitados pelos presentes que ainda não tinha assistido ao culto das avemarias. [...] A primeira novena, rezada por um clérigo, no recanto bafejado pelo calor das águas quentes, subiu aos céus acompanhada das preces simples dos caboclos e escravos místicos. Terminado o ofício religioso, em torno de uma barraquinha dos leilões, faz-se o ajuntamento de curiosos e dos pretendentes à aquisição das prendas. (GODOY, 1978, págs. 92,93).

A seguir de dias de novena, a última delas aconteceu com uma procissão, executando um percurso no quadrado da praça, como estipulado pela Cúria Eclesiástica e em volta das casas e sobrados construídos pelos engenheiros contratados. Em um relato feito por Godoy (1978), narra este último dia de novena e a entrada da imagem de Nossa Senhora do Desterro, padroeira dos imigrantes, pelo caminho do cortejo.

A última novena foi encerrada com procissão, fazendo o percurso no quadrado da praça, que havia sido varrido e enfeitado com arcos de bambu e bananeiras, e, na frente dos prédios, por cima dos muros, nas janelas as luminárias (cascas de laranja da terra cheias de azeite com uma torcida de algodão) bruxuleavam indicando o caminho do cortejo, que levava em um andor todo florido a imagem de Nossa

Senhora do Desterro, cantando as preces religiosas com constantes esporcar de foguetes. (GODOY, 1978, p. 95).

Segundo fontes documentais da pasta da Secretaria da Paróquia Nossa das Dores, a Igreja Matriz foi construída com madeira de aroeira lapidada que foi usado em suas colunas, caibros dos telhados, portas e janelas. Suas paredes foram feitas com barro de terra roxa, amassado com os pés, o adobe, e as janelas amparadas com grosso pau, e a Igreja tinha duas torres. O nome dado a Igreja inicialmente como já citado, foi Capela Nossa Senhora do Desterro e em 1888, pelas versões que se conta por moradores antigos e alguns documentos da época, houve mudança do nome e institui-se a Festa da Padroeira. Um dos contos é que o Cônego José Olindo neste ano de 1888, por ser supersticioso até pela profecia ou praga que o Cônego Jerônimo da Silva, o Padre Santo (1850) rogou no novo Povoado que autorizou a se formar, mudou o nome a Paróquia e a santa escolhida foi Nossa Senhora das Dores.

Luiz de Aquino morador antigo de família tradicional de Caldas Novas, foi entrevistado e relatou os seguintes dizeres sobre este fato de mudança de nome da Padroeira da Paróquia:

A mudança da padroeira, até eu não achei isto em documento nenhum, nem pesquisei, pesquisei a data, a Nossa Senhora do Desterro tem o dia 02 de abril, eu suponho, mas por uma questão de lógica, que a Igreja foi consagrada em 02 de abril de 1850, Nossa Senhora do Desterro, porque as famílias poucas que moravam por aí tinham vindo de outras terras, ou seja, Goiás foi ocupado mesmo por migrantes, bandeirantes e pioneiros, que vieram em busca de vida melhor ou fugindo de alguma coisa que é o mais provável, né? Em busca de ouro, ou fugindo de dívidas, fugindo de penas porque alguém cometeu algum crime, vem pra cá, muitos mudaram de nome. Bom... ocuparam esse território nosso que era inóspito, pelo que a gente vê na história de Goiás. A mudança de Nossa Senhora do Desterro para Nossa Senhora das Dores, considerando a superstição do Padre José Olindo, se justifica também porque Nossa Senhora do Desterro nos soa como se tendo-a por Padroeira a cidade não progredia, né? Achando que todo mundo que aí chegava logo saía daí, não é. Nossa Senhora do Desterro é muito, muito venerada aí na Itália, porque Ela diz respeito aos migrantes, é a Nossa Senhora dos Migrantes. Então aquelas pessoas que tem saudade de sua terra e tal, recorrem a Nossa Senhora do Desterro para dar paz, conforto, um pouco de vitória na nova vida...e não tem esse lado negativo que esse Padre concebeu... E quando ele trocou por Nossa Senhora das Dores, tudo indica que foi sim pra aliviar as dores dos que procuravam as águas pra se curar..." (AQUINO, 2018).

Inicialmente Capela até o ano de 1856 e Paróquia a partir de 05 de outubro de 1857, em sua arquitetura que foi concebida, possuía duas torres e havia muita semelhança com a Matriz Nossa Senhora do Carmo, de Morrinhos (GO). No ano de 1928 pelas avarias do tempo, uma vez que começava a desabar, foi feita uma reforma e a torre direita pelo seu total empobrecimento foi demolida. Segundo Aquino (2018) a reconstrução da torre exigiria um investimento financeiro maior na reforma da Igreja, por este motivo em vez de reformá-la ela foi amputada.

Nas figuras abaixo, podemos ver fotos da Capela Nossa Senhora do Desterro em sua construção no ano de 1850, com suas duas torres de onde saiu o projeto inicial e da Igreja Nossa Senhora das Dores, após mudança de nome no ano de 1887 e ainda com suas duas torres. Porém, a figura 10 com a foto da Igreja e suas duas torres é uma pintura do artista plástico e jornalista, Sebastião Prates, que a pedido do amigo Luiz Aquino fez esta adaptação na foto. Nas palavras de Aquino, este pedido foi feito uma vez que não se possui muitos arquivos e fotos da Igreja no seu início e as famílias que a possuem não a divulgam.

Figura 9: Foto da Capela Nossa Senhora do Desterro em sua construção no ano de 1850.



Fonte: Crônica “Memórias tristes” de Luiz de Aquino dezembro 31, 2015. Disponível no site <<http://penapoesiaporluizdeaquino.blogspot.com.br/2015/12/memoriastristes-sim-e-caldasnovas.html>>.

Figura 10: Foto da Capela Nossa Senhora das Dores (1888) antes da segunda Reforma (1920)



Fonte: Crônica “Memórias tristes” de Luiz de Aquino dezembro 31, 2015, onde a pedido dele, o artista plástico e jornalista, Sebastião Prates, acrescentou a torre mutilada em 1928. Disponível no site <<http://penapoesiaporluizdeaquino.blogspot.com.br/2015/12/memoriastristes-sim-e-caldasnovas.html>>.

Em uma entrevista feita com Luiz de Aquino (2018):

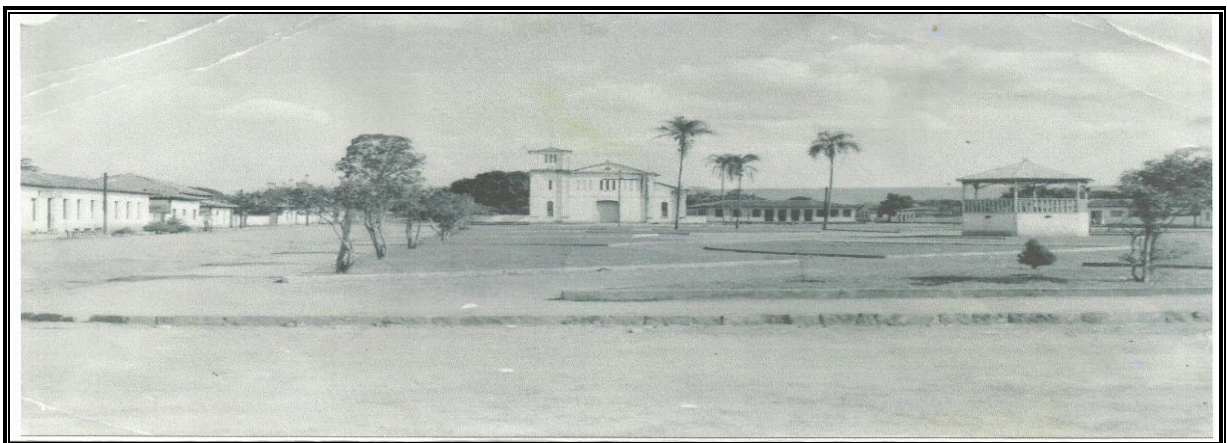
Na reforma que foi feita no ano de 1928, é..., houve um problema, a cidade sempre foi muito pobre e naquela ocasião, você vê que, a igreja já estava velha, tinha lá seus quase 70, quase 80 anos, porque ela foi concluída em 1850 então 70 e tantos anos

depois ela estava combalida né? Já com muitas rachaduras, naquele tempo a construção não havia cimento, a estrutura toda em aroeira, não é? ... Havia sim uma engenharia eficiente tanto que ela sobreviveu. Ocorre que uma das torres ruiu, a torre à esquerda do corpo da igreja, ou então à direita de quem olha, e não havia dinheiro pra refazer aquela torre, a medida foi cortar aquela torre pra ficar com uma só. Comenta-se também dentro dos critérios legais da Igreja Católica, que duas torres pagam X de imposto, uma torre só paga metade, isso porque as Igrejas são classificadas conforme o número de torres. Então havia dois motivos pra simplificar pra 01 torre: a falta de dinheiro para reconstrução e também o oportunismo de reduzir o imposto que a Paróquia pagaria pra ter, pra preservar a Matriz. (AQUINO, 2018).

De acordo com a pasta da Secretaria da Igreja Matriz de Caldas Novas, entrevistas feitas com moradores antigos da Igreja Matriz como Prof. Bretas, Prof.^a Hélia Rodrigues e o Sr. Oscar Santos, foi feita uma planta para reforma da Igreja 08 de dezembro de 1933 e conseguinte em 1937, onde uma carta foi enviada ao Arcebispo de Goiás D. Emmanuel Gomes de Oliveira, “requerendo a restauração da Igreja Católica e a nomeação de um vigário especial para Caldas Novas devido ao grande crescimento da população, assinada por 20 fiéis moradores antigos de Caldas Novas em 10 de junho de 1937.” (Pasta da Secretaria da Igreja Matriz). Uma nova reforma na Igreja foi realizada no ano de 1952 mantendo somente uma torre, conforme Neto (1981). Teve como lideranças nas obras, o Dr. Nacif Behcara Daher que naquela ocasião era promotor de Justiça e o senhor José Pinto Neto, Coletor Federal, no qual procuraram manter e preservar rigorosamente as particularidades que a Igreja possuía.

Abaixo, fotos que retratam as mudanças no ambiente em torno da Matriz Nossa Senhora das Dores, com o passar dos anos e com o crescimento da cidade de Caldas Novas.

¹⁰Figura 11: Foto da Capela Nossa Senhora das Dores após a reforma contendo apenas uma torre.



Fonte: Pasta da Secretaria da Igreja Matriz de Caldas Novas contendo documentos antigos.

¹⁰ Foto que mostra um coreto na praça hoje Mestre Orlando e que foi derrubado no ano de 2006, na Gestão da então Prefeita Magda Moffato, onde construiu uma fonte e fez deste local um calçadão para a população usufruir do complexo de Bares e restaurantes que aqui fica.

¹¹Figura 12: Foto da Praça mestre Orlando hoje, em destaque a fonte construída (centro da foto), o complexo de Bares (à esquerda da foto) e a Matriz Nossa Senhora das Dores (ao fundo da foto).



Fonte: Guia Caldas Novas. Disponível no site: <http://www.caldasnovasgo.com.br/ponto-turistico/praca-mestre-orlando_133/>.

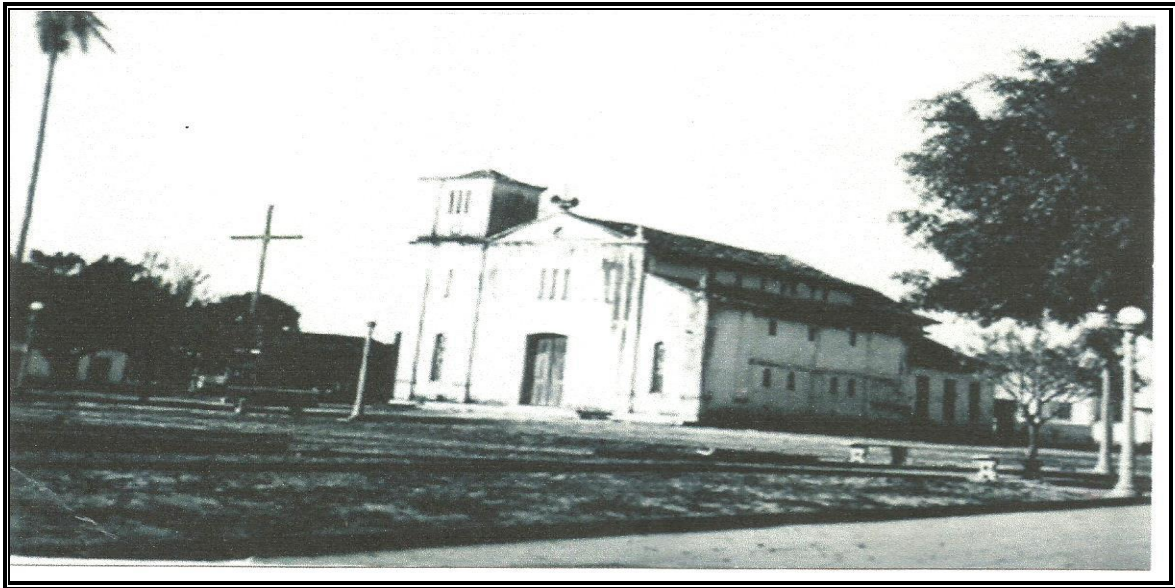
Figura 13: Foto da fonte construída



Fonte: Home Construtora. Disponível no site: <<http://www.homego.com.br/caldas-novas/pontos-atrativos>>.

¹¹ Foto figurando o engolimento da identidade cultural e religiosa da Matriz Nossa Senhora das Dores desde sua fundação, para o espaço estritamente turístico.

Figura 14: Foto da Capela Nossa Senhora das Dores após a reforma contendo apenas uma torre



Fonte: Pasta da Secretaria da Igreja Matriz de Caldas Novas contendo documentos antigos.

Fatos interessantes sobre o interior da Igreja foram relatados, como em seu interior muitas pessoas já terem sido sepultadas quando seu piso ainda era de madeira e seus locais eram marcados por pregos cravados no local. Numerosas pessoas da época da mesma forma foram sepultadas, portanto, do lado de fora da Igreja e em torno do templo onde a história esclarece tal fato, devido os cemitérios se fazerem ao redor das Igrejas. “É de se lastimar, contudo, que não haja na Igreja de Caldas Novas, registros para consulta. A rigor, nenhum padre permaneceu por mais de cinco anos, e os arquivos sempre se perderam, levados para Morrinhos ou simplesmente para outras Paróquias”. (Folha de Goyas, 1981).

Outro fato inusitado é que muito pouco se sabe sobre o seu antigo sino, doado pela cidade de Santa Cruz; muito se especula, porém não possuem dados históricos verídicos sobre o que aconteceu. A Folha de Goiás, assim descreve:

Mas o fato mais lamentável relacionado à Igreja de Caldas Novas é o que se sabe sobre seu antigo sino, doado pela vizinha cidade de Santa Cruz. É a cidade tida como a mais antiga de Goiás premiou o recém-surgido povoado com o primeiro sino fundido na província. Na década de 30 ou 40, o velho sino foi tirado da Igreja de Caldas Novas, pelo vigário de então. E apenas uma voz levantou-se contra: a de Augusto Novato, pai de dona Amância (...). Consta que tal sino estaria, hoje num museu da Holanda, para onde foi contrabandeado. (FOLHA DE GOIAZ, 1981).

No ano de 1981 alegando falta de segurança, o Conselho Paroquial declarou a população de Caldas Novas, o intuito de demolir a Matriz Nossa Senhora das Dores e através de um projeto elaborado e encaminhado à Prefeitura da cidade, no nome do então prefeito José Onofre em que este conselho, pedia o deferimento deste projeto. Tal fato irritou a população do município visto que, foi sigiloso tal pedido colocando à margem das decisões as

pessoas que lá residiam. Na fala de um porteiro que era morador da cidade chegou ao seguintes dizeres sobre este cenário: “É que o Conselho Paroquial não tem um membro sequer nascido na cidade, ou pelo menos ligado às famílias ali radicadas: todos são residentes em Caldas Novas, mas vindos de terras distantes. ‘Esse povo nem daqui é, por isto não tem amor nestas coisas’” (FOLHA DE GOIAZ, 1981).

Um ator importante neste fato foi o Sr. Ulisses Naves Ferreira que era presidente do Conselho Paroquial e uma das entrevistas feitas com ele pela Folha de Goiás (1981), deu a seguinte declaração: “Esta igreja nos preocupa porque está oferecendo risco de desabamento, além de ser pequena e não comportar o grande número de fiéis que a procuram – principalmente quando das temporadas, quando a cidade recebe um grande número de turistas”. Ainda questionado sobre o papel histórico da mesma, assegurou que a Matriz perdeu seu sentido histórico quando uma de suas torres foi demolida no passado. Este fato ocorrido em volta da história da Matriz trouxe várias vozes contrárias de inúmeros moradores que aqui residiam há décadas, dentre eles Dona Amância que liderou um abaixo-assinado ao bispo da época, Dom Antônio Ribeiro, da Diocese de Ipameri.

Outras reformas foram feitas de acordo com documentos da pasta da Secretaria da Igreja de Caldas Novas, sendo uma reforma e restauração no ano de 1983; uma restauração no ano de 1999; outra reforma no ano de 1999 e 2007 e no ano de 2010, uma última reforma com emendas nas colunas de madeira, uma vez que elas estavam sendo roídas pelos cupins e corriam o risco de ceder e cair a estrutura da Igreja. Um pedaço desta coluna está exposto do lado de fora da Igreja em um invólucro de vidro para visitação das pessoas.

No ano de 2000 foi inaugurado um anexo à Matriz, neste encontram-se a secretaria Paroquial, a loja que vende produtos da Igreja Católica e o Jubileu, onde são realizadas a maioria das missas nos finais de semana. Esta construção foi justificada ao grande número de turistas que visitam a cidade e o pouco espaço que possui a Matriz, porém com a construção do Jubileu se perdeu muito da característica cultural da cidade, que só passou a existir com a construção da Capela Nossa Senhora do Desterro.

A paisagem da Igreja se mistura às festas da cidade em razão da Praça Mestre Orlando ser a localização da Matriz e o principal ponto de encontro de Bares da cidade. Muitos eventos de shows e carnavais são realizados neste local, fazendo com que a figura da religiosidade fique prejudicada. Este ano de 2018 o carnaval da cidade se concentrou todo na Praça Mestre Orlando e ao meio de shows, bares e missas o espaço foi ocupado ao mesmo tempo. Considerando que sistematizar um pensamento sobre um espaço que se transforma,

com base nas relações que seus habitantes estabelecem entre si e com a natureza, é possível dialogar com este universo que circunda as questões aqui levantadas, da cultura de Caldas Novas, seu desenvolvimento turístico e a religiosidade deste local.

A busca desta construção estabelecendo um diálogo entre os universos propostos, não será uma tarefa solitária, as experiências, relações com o lugar e os habitantes, seus modos de pensar e agir, ajudarão a compreender estas várias questões levantadas na pesquisa. Nesta intervenção de mudança de cenários, Chier (2003, p.82, *apud* SOUZA, 2015, p. 43), intervém exteriorizando que elas são “entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade [...] compreendidas como [...] processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais [...]”.

Abaixo podemos figurar as mudanças da matriz com o passar dos anos e a nova configuração que invadiu seu espaço.

Figura 15: Foto da Capela Nossa Senhora das Dores com destaques nos invólucros de vidro com as madeiras retiradas na última reforma em 2010.



Fonte: Goiás Turismo. Disponível no site <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/parque-estadual-e-destaque-entre-os-13-principais-programas-para-quem-busca-fortes-emocoes-em-caldas-novas/>>.

Figura 16: Foto do Invólucro de vidro com as madeiras retiradas na última reforma.



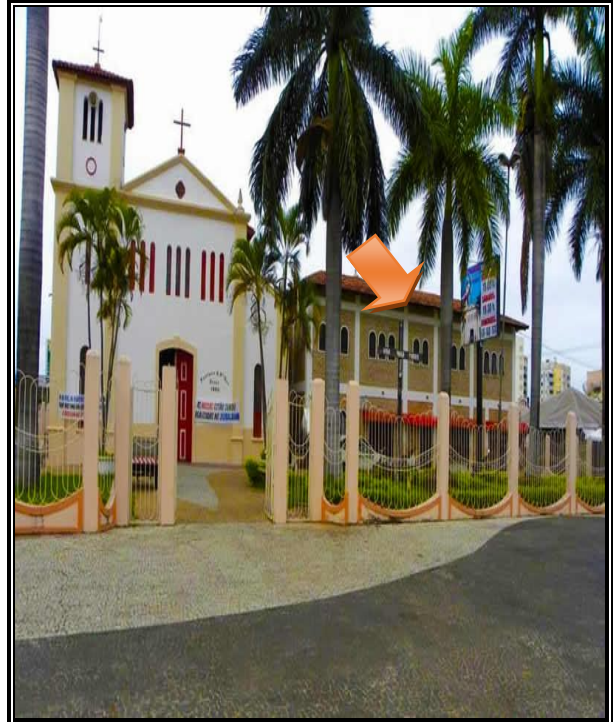
Fonte: Trabalho de campo, 2018.
Foto: autora da pesquisa.

Figura 17: Foto do interior da Paróquia Nossa Senhora das Dores



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: Autora da pesquisa.

Figura 18: Foto da Paróquia Nossa Senhora das Dores, a secretaria da Paróquia (destaque).



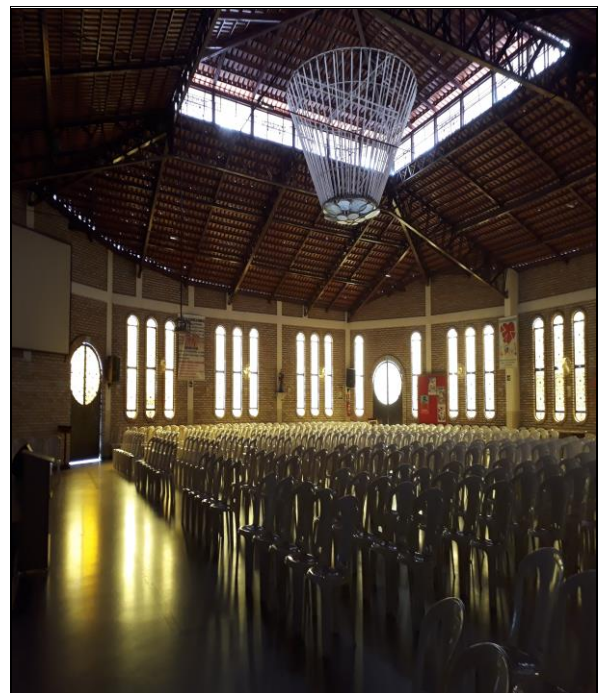
Fonte: Trabalho de Campo (2018). Foto: autora da pesquisa.

Figura 19: Foto externa do Jubileu anexo à Paróquia Nossa Senhora das Dores.



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: Autora da pesquisa.

Figura 20: Foto do interior do Jubileu



Fonte: Trabalho de Campo (2018). Foto: autora da pesquisa.

Figura 21: Foto da Praça Mestre Orlando no Período do carnaval, dia 11 de fevereiro de 2018. Em destaque a Paróquia Nossa Senhora das Dores



Fonte: Trabalho de Campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Figura 22: Foto da Praça Mestre Orlando no Período do carnaval, dia 11 de fevereiro de 2018, às 19:00 horário missa no Jubileu (em destaque)



Fonte: Trabalho de Campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Em uma entrevista com um dos Padres da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Padre William, ele relata que a Paróquia hoje não faz o papel das paróquias ditas normais, pois também é considerada como um local de oração e acolhimento rápido de turistas nos seus momentos de visita à cidade. A paisagem entendida como resultado da interação humana no espaço, faz repensar sobre a concepção da religiosidade que a Paróquia hoje está vivendo e aos poucos, ela está sendo substituída pelo retrato do local de onde está inserida e fazendo transparecer à população e aos religiosos, que aquele espaço sacro pode estar sendo visto principalmente como local turístico.

2 – Santuário de Nossa Senhora da Salete

No intuito de discorrer sobre a devoção a Nossa Senhora da Salete e as motivações que fundamentaram a construção de um Santuário a ela dedicado em Caldas Novas (GO), é preciso compreender como a interpretação católica formulou a justificativa para que essa devoção fosse estimulada em uma cidade turística. Utilizamos um escritor católico para mostrar a interpretação da Igreja e entrevistamos os padres do santuário para entender a justificativa dessa nova devoção em Caldas Novas.

Segundo Faccini (2010), La Salette é uma região geograficamente posta em meio aos Alpes, há 1.300 metros de altitude, rochosa e cheia de abismos, que em “1846 era constituída por um punhado de aldeias sem relevância, encolhidas pelo frio e pobreza, nos meandros das montanhas dos Alpes na região de Grenoble, na França” (FACCINI, 2010, p. 08). Este município de 800 habitantes, se encontrava em uma situação de muita pobreza, com uma população leiga, sofrida, com muita fome e um índice de mortalidade infantil elevado.

Na perspectiva desse autor, a França na metade do século XIX, vivia duras sequelas da Revolução Francesa de 1789 e em seu contexto econômico e social ainda experimentava a carga do feudalismo. Este equilibrava com o surgimento das indústrias, a máquina a vapor, eletricidade, ferrovias, modernos meios de comunicação avivando ainda mais a evolução do capital industrial e trazendo consigo o cenário do êxodo rural no qual repelia a população para a periferia das grandes cidades. Ainda segundo essa visão, as circunstâncias vividas na França eram carregadas de uma densa escuridão entre a religiosidade e o ateísmo, oriundos principalmente das obras de Marx e Engels, levando a um desequilíbrio da vida tradicional dominical e o desaparecimento dos valores morais e religiosos do povo quanto à Igreja e a prática religiosa. Faccini (2016), sintetiza bem esta passagem da história da França e seus acontecimentos marcantes, antes da Aparição de La Salette.

É a época do advento do marxismo, que teve seu início em 1841, na Universidade de Jena, quando Marx lançou a tese filosófica pela qual condenava a fé em Deus como obstáculo à liberdade humana. Pouco tempo depois, Feuerbach propagava a ideia de que Deus é o produto da alienação do ser humano que se despoja das próprias qualidades para projetá-las em um ser imaginário. Entre 1843 e 1845, em Paris, Marx descobriu o mundo operário e seu potencial de fragmentação social. Poucos meses antes da Aparição em La Salette, com a colaboração de Engels, publicou a obra *A ideologia alemã*, pela qual deu ao ateísmo teórico de Feuerbach um caráter prático. Lançou, então, o materialismo dialético com a publicação de seu *Manifesto Comunista*, em 1848. (FACCINI, 2016, p. 18).

As observações de Faccini (2010), nos mostram como a Igreja interpretava as mudanças que ocorreram na França e no mundo ocidental após a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e o advento do Marxismo. Na perspectiva da Igreja Católica todos esses fenômenos eram contrários à fé cristã e extremamente prejudiciais à própria Igreja, sendo combatidos por muitas das encíclicas papais publicadas na segunda metade do século XIX. As aparições de Maria em diversos locais da Europa são interpretadas como avisos celestes contra essas mudanças da sociedade (CAES, 1995).

Continuando com a visão de Faccini (2010), La Salette não ficou de fora destes fatos históricos que ocorreram na França no século XIX, desestabilizando a vida e a mente

das pessoas que ali habitavam com influências em seus hábitos, costumes e a própria religiosidade, porém como já dito, prevalecendo a fome tanto da alma como do corpo. Faccini (2010, p. 08), configura este momento de La Salette, apontando os seguintes dizeres: “Povo sem presente nem futuro, sem esperança e sem fé, desgarrado de Deus e da Igreja. A 19 de setembro de 1846, foi, no entanto, contemplado pela infinita compaixão do Senhor”. Em tempo complementa:

Era a situação humana de La Salette, razão de muitas lágrimas no olhar e no coração de seu povo. Lágrimas que também rolaram misteriosamente reluzentes do rosto da Bela Senhora, assunto de conversão com Melânia e Maximino, durante a Aparição de 19 de setembro de 1846. (FACCINI, 2016, p. 20).

O destaque dado ao sofrimento da população, à falta de alimento físico e espiritual é também uma das características das interpretações cristãs sobre as aparições de Maria, guardando obviamente as diferenças dessas aparições relativas às dificuldades de cada localidade, onde nessa perspectiva, o autor continua seu relato.

O município de La Salette sofria muitos influxos tanto positivos como negativos da cidade de Corps e este dava acesso ao município e era considerado o ponto de encontro das pessoas. Era povoada exclusivamente por pastores, uma vez que sua população era essencialmente agrícola e a cultura e o social de seu povo, eram bem limitados. Faccini (2016), descreve que entre os anos de 1845 e 1846, a região Saletina, um território unicamente agrário, passou por uma grande pobreza devido as primaveras altamente secas e verões intensamente chuvosos, atingindo a todos os povos da região pela falta de seus produtos como o trigo, uva, nozes, batatinhas. Nesta mesma vertente de decadência, agravou-se a devoção religiosa instalando entre toda a gente uma apatia e desprezo pela religião e seus preceitos. Provém de tais infortúnios o local escolhido:

[...] para que a luz transcendente nele se manifestasse a duas crianças sem significação social, filhas de um povo faminto, desencaminhado, morador de baixadas e vales, em meio a trevas espessas de uma existência pesada? O divino insondável envolve o que ali aconteceu” (FACCINI, 2016, p. 24).

Vê-se a partir dessa citação e das informações do texto, que o autor – dentro da perspectiva que era e é adotada pela Igreja Católica – interpreta essa aparição como intervenção divina, a hierofania, como é descrita por Eliade (1992). Mesmo que a Igreja não adote a posição de Eliade para sua interpretação, é possível compreender a devoção a Nossa Senhora da Salette (assim como as outras aparições de Maria) como hierofanias dentro do cristianismo católico.

A História da Igreja a partir do século XIX como nos mostra Schlewer (1999), menciona distintas aparições mariais. Dentre as aparições apontadas, encontra-se a de Paris no ano de 1830 na cidade de Rue du Bac; 1846 na França em La Salette; 1858 em Lourdes; 1870-1871 em Mayenne na cidade de Pontmain; 1917 em Portugal na cidade de Fátima; 1932 na Bélgica, cidade de Beauraing e 1933 em Banneux, “Todas estas aparições só foram autenticadas pela Igreja, com grande prudência, após longas e minuciosas análises”. (SCHLEWER, 1999, PG. 12).

As afirmações acima, mostram outra faceta do período histórico em que as aparições aconteceram: a Igreja precisava averiguar “minuciosamente” os eventos relatados, até adotando uma postura científica, investigativa, pois há muito tempo era acusada de forjar a santidade em pessoas que não eram dignas ou de criar superstições para manter seu domínio sobre as populações. (CAES, 1995).

Faccini (2010) continua seu texto, descrevendo a experiência hierofânica dos pastorezinhos. A aparição da ‘Bela Senhora’, nome dado à ‘Senhora’ que os pastorinhos¹² Milânia e Maximino viram no Monte Planeau, em La Salette, no dia 19 de setembro do ano de 1846, como em muitas aparições, também veio através de povos excluídos e sem voz. Faccini (2010), retrata bem este fato que envolve estas duas crianças Maximino Giraud e Melânia Calvat, filhos de famílias sem nenhuma intimidade com Deus e sofridas pela miséria da época.

Duas míseras crianças analfabetas, Melânia e Maximino, na manhã desse dia, conduziram um pequeno rebanho ao alto de uma das montanhas do local, muito acolá, a mil e oitocentos metros de altitude, onde a pastagem era abundante. Após frugal refeição ao meio-dia, amedrontadas, de súbito viram um foco de intensa luz à beira do regato Sézia que serpenteia o local. O foco vagorosamente se abriu. Uma Senhora sentada sobre uma pedra, chorava efusivamente. Levantando-se, com voz materna chamou junto a si as humildes crianças. Falou-lhes da cruel realidade que o povo vivia e de sua irreligião. Compadecida, por meio delas convocou-o a se converter, assinalando-lhe nova esperança de vida pelas cias da reconciliação. Caminheira, andou depois alguns passos montanha acima, seguida pelos videntes. Ao despedir-se deles, pediu-lhes que transmitissem tudo a seu povo. E desapareceu.

¹² As duas crianças não se conheciam, se cruzaram em Ablandins, a 17 de setembro. No dia 18 sobem à montanha para pastorear e mesmo assim mantinham certa distância ainda um do outro. Maximino mais expansivo se aproxima de Melânia e descobrem que são naturais da mesma cidade, Corbs. Desta maneira, tomam a decisão de irem juntos ao Monte Planeau no dia seguinte, 19 de setembro de 1846, com seus respectivos rebanhos, donde foram lembrados pelo sino da Igreja Matriz de La Salette, que tinham que almoçar e levar seus rebanhos a fonte dos animais. As crianças subiram pela margem do riacho Sézia e foram até a fonte dos homens, um lugar mais alto que servia de repouso às pessoas. Esta fonte só tinha água durante o degelo ou após fortes chuvas de outono, nos outros períodos secava. No dia 21 de setembro de 1846, dois dias após a Aparição, detectou-se que a fontezinha se pusera a espalhar água e desde então nunca mais secou, até os dias de hoje. (Faccini, 2016)

Ignorantes, as crianças a denominaram simplesmente de “BELA SENHORA.” (FASSINI, 2010, p. 08).

Figura 23: Foto das crianças Maximino Giraud e Melânia Calvat.



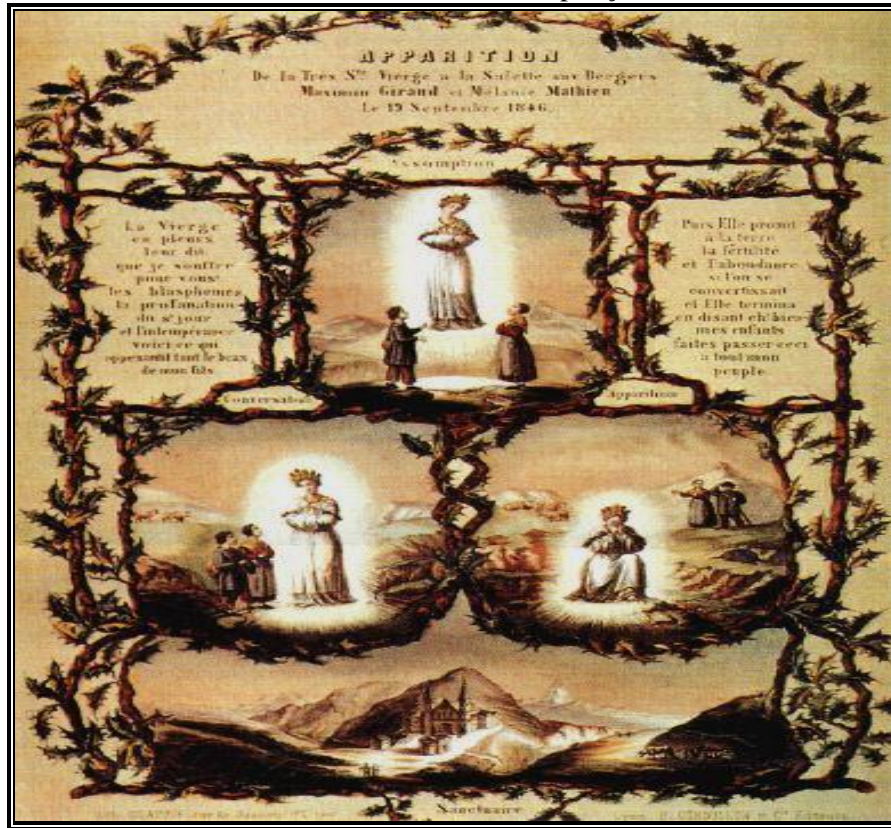
Fonte: Breviário, postado por Wando Silva, intitulado como Nossa Senhora da Salette ou Notre-Dame de La Salette – Nossa Senhora da Salette. Disponível no site: <<https://rezairezairezai.blogspot.com.br/2010/09/nossa-senhora-da-salette-ou-notre-dame.html>>.

Nesta aparição enfatiza-se o fato de não ser muito usual a representação da Virgem Maria chorando. Schlewer (1996, p. 17), elucida algumas particularidades desta aparição, com uma senhora “[...] vestida como as camponesas da região, isto é: com um vestido longo, um avental, um lenço sobre as espáduas¹³ e uma touca sobre a cabeça”. Em seguida outras singularidades também foram citadas, como “[...] guirlandas de rosas multicoloridas em torno de suas espáduas, da cintura, do calçado e também de sua cabeça, formando como que uma coroa sob um diadema de luz. [...] Sobre suas espáduas, uma pesada corrente que parece sobrecarregá-la, esmagá-la...”, dando o sentido, segundo o autor, de Maria aparecer desta maneira retratando o que aprisionava seus filhos na época. Em sua continuação de ilustrar a “Bela Senhora”, aponta que “ao redor de seu pescoço, outra corrente, bem menor, sustém sobre seu peito um Crucifixo de 20 a 25 centímetros, resplandecente de luz [...]. Os braços do Crucifixo carregam os instrumentos da Paixão: um martelo e uma torquês” (SCHLEWER, 1996, p. 17).

Nas figuras abaixo, é possível ver a “História da Aparição de Nossa Senhora da Salette”, colocada em partes e momentos distintos da aparição como nos relatos pelas crianças e ver a ‘Bela Senhora’ vestida como descrita por Schlewer, as crianças ao lado e os dois modos como foi retratada em sua aparição.

¹³É o mesmo que ombro; omoplata com a carne que a reveste, parte superior do membro superior ou anterior do corpo humano. (Dicionário Online de Português).

Figura 24: Figuras da História da Aparição de Nossa Senhora da Salette, colocada em partes e momentos distintos da aparição



Fonte: Breviário, postado por Wando Silva, intitulado como Nossa Senhora da Salette ou Notre-Dame de La Salette – Nossa Senhora da Salette. Disponível no site: <<https://rezairezairezai.blogspot.com.br/2010/09/nossa-senhora-da-salette-ou-notre-dame.html>>.

Figura 25: Imagem de Nossa Senhora da Salette em sua aparição sentada.



Fonte: Nossa Senhora da Salette e crianças. La Salette. Fonte: Grupo de Oração Servos de Maria.

Figura 26: ¹⁴Foto da Imagem de Nossa Senhora da Salette em sua aparição já em pé, no Santuário de Salette na França.



Fonte: Nossa Senhora da Salette e crianças. La Salette. Fonte: Grupo de Oração Servos de Maria

¹⁴ As figuras colocadas são os modelos das imagens que estão nos santuários para serem adoradas.

É importante refletir sobre a perspectiva católica para eventos como o das aparições de Maria, sendo uma das mais importantes figuras de devoção do cristianismo católico. Maria teria sua “Imaculada Conceição” (concebida sem pecado) transformada em dogma pelo Papa Pio IX no ano de 1854, sendo esta uma resposta a todos os questionamentos e críticas que a Igreja recebia dos protestantes e dos anticlericais durante o século XIX. Foi considerada a grande intercessora dos católicos aos pés de Jesus e de Deus Pai e Maria se manifestava, segundo a visão da Igreja, para trazer auxílio à fé e às dificuldades que a humanidade vivia. É necessário ressaltar que essa é uma perspectiva da fé católica e não de todas as religiões cristãs, que em geral não cultuam a devoção a Maria.

Ainda segundo os autores que recorremos para essa descrição, a mensagem da Virgem foi ecoada amplamente aos povos, fato este que levou uma multidão até a montanha santa para agradecimento e súplicas de graças à Maria. Schlewer (1996), destaca este momento e o posicionamento da Igreja quanto a este fato, evidenciando sua rigorosa intervenção e investigação e reconhecendo oficialmente a Aparição cinco anos após, no dia 19 de setembro de 1851, pelo Bispo de Grenoble, Dom Philisbert Bruillard.

No ano seguinte, em 1852, foi determinado a construção de um Santuário no local santo pela visita da “Bela Senhora”, sendo instituída a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette (MS). Estes missionários até os dias de hoje, recebem os inúmeros peregrinos que buscam a fonte de graças. Segundo Leonardi e Mazochi (2014), a ‘dama’ em lágrimas fez um pedido de conversão¹⁵ às pessoas. As primeiras cartas enviadas pelo abade de Corps, Pierre Mélin, ao bispo D. Philibert de Bruillard, reiteravam a mensagem da *dama*, continuamente reforçada pelas crianças:

Seu filho está irritado, ele quer esmagar os homens... ela não pode sustentar seu braço... o que provoca sua cólera ao grau supremo são os trabalhos aos domingos, o afastamento, a deserção das igrejas por parte dos homens... as blasfêmias que se escutam sobre as grandes estradas... A negligência, o abandono da oração. (BASSETTE, 1965, p. 13 *apud* LEONARDI e MAZOCHI, 2014, p. 99).

¹⁵ Conversão, neste sentido, não quer dizer alguém de outra religião que se converte ao catolicismo. Mas, sim, o retorno para os dogmas, os rituais e as práticas católicas, como podemos observar das palavras que seguem neste trecho. (Mazochi e Leonardi, 2014).

Figura 27: Foto da fonte de água que nunca mais secou na montanha da Salette na França.



Fonte: A Aparição de La Salette e suas Profecias.

Figura 28: Foto do Santuário de Nossa Senhora da Salette na França.



Fonte: Fraternidade São Gilberto. Nossa S. da Salette

Outro destaque merece a perspectiva da “conversão” que citamos acima. Para a Igreja Católica a mensagem de Maria é favorável ao catolicismo e conversão significa voltar ao verdadeiro cristianismo que é o pregado pela Igreja, como podemos inferir abaixo, na continuidade da interpretação da aparição de Nossa Senhora da Salette segundo Faccini (2010, 2016).

Faccini (2016) destaca que desde a idealização da construção do Santuário, Dom Philibert¹⁶, deixa claro que a mensagem de Nossa Senhora da Salette dita a ‘Reconciliadora dos Pecadores’, não deveria ser levada tão somente aos povos locais, e sim ao mundo inteiro, consoante ao próprio pedido da Bela Senhora em sua Aparição. É de suma importância salientar que em 1879, Dom Fava¹⁷acompanhado pelo Pe. Henrique Berthier MS¹⁸, foi recebido em audiência pelo Papa Leão XIII e neste ínterim, o Papa questiona se a Congregação tinha uma Regra de Vida¹⁹ elaborada, donde o Pe. Berthier²⁰ prontamente a entrega, pois já trazia consigo a cópia do capítulo que foi aprovado este documento.

O Papa Leão XIII neste momento, encaminha tal documento ao Dicastério Romano competente para sua aprovação Pontifícia e a partir deste momento a Congregação

¹⁶ Decretou a construção do Santuário, e ao mesmo tempo, fundou os “Missionários de Nossa Senhora da Salette, deixando um grande legado até os dias de hoje. (Faccini, 2016).

¹⁷ Um dos pioneiros Missionários da Mensagem da Aparição da Bela Senhora em sua evolução interna, permanecendo aos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salette como um elequente e ardente missionário. Fonte: Faccini (2016).

¹⁸ Missionário de Nossa Senhora da Salette.

¹⁹ Documento descrito por Dom Philibert no ano de 1876, que descrevia o perfil de vida missionária dos sacerdotes Missionários de Nossa Senhora da Salette. (Portal da Salette, 2010).

²⁰ Missionário de Nossa Senhora da Salette.

dos Missionários realiza o pedido de Dom Philibert, para abrir as portas a legalidade da missão dos Missionários de Nossa Senhora da Salette, alçar o estrangeiro.

Circunstâncias de mudanças de Bispos posteriores a este fato, contribuíram para a expansão da Congregação Saletina a outros países, dado este que FACCINI (2016, p. 56), lista que hoje a Congregação tem cerca de 1000 (Hum mil) membros e exerce sua missão evangelizadora de Reconciliação por 26 (vinte e seis) países.

A partir dos relatos de Faccini (2010, 2016), é possível compreender o movimento de expansão da devoção a Nossa Senhora da Salette, à medida que a mensagem que Maria deixou para os pastorezinhos e para o cristianismo em geral. Esta deveria ser divulgada no mundo todo, podendo ser adaptada às condições dos locais onde os missionários fossem destinados pela Congregação.

Nesse sentido, a missão saletina no Brasil surgiu no momento histórico em que os saletinos partiram da Noruega em 1879, uma vez que sofriam perseguições às suas comunidades saletinas. Após a saída da Noruega em 1890, conseguiram expandir as fronteiras até Madagascar, Estados Unidos e Polônia e neste momento, Pe. Clemente Henrique Moussier MS, um missionário saletino norte-americano, por insistência de seu superior, foi enviado ao Brasil. Este desembarcou no porto de Santos no dia 18 de dezembro de 1902, dirigindo-se a Itu e depois a São Paulo onde foi recebido pelo arcebispo Dom José de Camargo Barros e ficando à frente de uma paróquia no bairro de Santana, lugar de extrema pobreza. Alicerçado em sua fé e louvor a Nossa Senhora da Salette, promoveu naquele lugar uma devoção saletina com novenas e procissões. FACCINI (2016, p. 205).

No Brasil, os Santuários administrados pelos Missionários da Salette estão presentes nos estados do Rio de Janeiro, onde está o primeiro Santuário e mais antigo do Brasil; no Rio Grande do Sul em Marcelino Ramos; no sudeste do Paraná na Comunidade Rio Elias e em Curitiba; em São Paulo zona Norte da cidade, no Bairro de Santana; no Mato Grosso em Várzea Grande e Goiás na cidade de Caldas Novas. (SALVADEGO, 2017).

A vinda da missão saletina para o Estado de Goiás surgiu devido a um pedido de ajuda do então bispo do Estado Dom Tomás Balduino, à Assembleia Provincial dos Saletinos em janeiro de 1988, onde sua diocese acabara de perder um sacerdote devido a um atentado que tinha ocorrido na região, o Pe. Francisco Cavazzutti. O bispo foi atendido prontamente e a partir deste momento adentraram os Missionários Saletinos em terras goianas e as primeiras paróquias que receberam os Missionários Saletinos, foram as de Mossâmedes e Sanclerlândia. FACCINI (2016, p. 213).

No ano de 1999 Dom Tomáz solicitou seu afastamento da diocese de Goiás, partindo também neste momento, os saletinos que se encontravam no sertão goiano. Neste mesmo ano, Dom Guilherme Antônio Verlang MSF²¹ foi nomeado bispo da Diocese de Ipameri (Goiás) e pelas fortes influências Saletinas do fundador de sua Congregação da Sagrada Família (MSF) da qual pertencia, sem demora, revelou um desejo de fundar o Santuário Diocesano dedicado a Nossa Senhora da Salette²² na cidade de Caldas Novas (Goiás) e confiar sua direção aos Missionários Saletinos, (FACCINI, 2016, p. 213).

Em uma entrevista dada ao Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas, Padre Daniel Aguirre, Dom Guilherme elucida o significado deste trabalho de construção do Santuário:

Este Santuário, para mim, significa um dos grandes meios de evangelização, tanto para os fiéis católicos de nossa Diocese, quanto para os milhões de turistas que frequentam as cidades turísticas de Rio Quente e Caldas Novas. Temos que entender que, hoje em dia, se ficarmos presos ao único modelo e lugar, consagrados por séculos, para a evangelização, a Paróquia, estaremos atingindo cada vez menos gente. [...] Para mim, este Santuário, tem como grande finalidade: Evangelizar. (AGUIRRE, 2016, p. 4)

Existem muitas perguntas que circundam o motivo de um Santuário ser construído em Caldas Novas e ter como devoção uma Santa Francesa como Nossa Senhora da Salette, ao invés de um(a) santo(a) finítimo(a) da devoção dos fiéis da região. Também se questiona o local da construção, pensando na conservação da natureza e o não degenerando o meio ambiente de um local inato, como o Morro onde foi edificado. Nestas explicações, Padre Ildefonso Salvadego (2017), cita o seguinte:

O Santuário nasce por uma preocupação da Igreja Católica, em como atender o grande fluxo de turismo das águas quentes aqui em Caldas Novas. O quê que a Igreja Católica tem para oferecer ao turista? Esta é a pergunta de base na hora de trazer o santuário... Então, a Igreja Católica em reuniões, muitas reflexões foi dizendo assim: que as Paróquias de uma forma geral já tem dificuldade de responder aos anseios do turismo, era preciso criar algo diferente e esse algo diferente foi chegando numa síntese que seria um santuário, num lugar bonito, não dentro da cidade, mas não muito longe da cidade... é... e que tivesse uma preocupação de acolhimento das pessoas para duas ou três finalidades assim mais específicas: primeiro para que as pessoas pudessem encontrar um espaço de silêncio, de oração e eventual confissão; um segundo, seria um lugar de pregações, de conscientização e de evangelização. E 'numa', também nesse meio, ele nasceu para ser uma voz profética no sentido da preservação do meio ambiente, ou nós cuidamos das águas ou nós cuidamos do meio ambiente ou então toda Caldas Novas vai ter grande prejuízo e dificuldade de subsistência. Salette surgiu depois de muitas discussões,

²¹ Sigla da Congregação religiosa a que pertence; MSF: Congregação dos Missionários da Sagrada Família (1985).

²² Quando se refere ao Santuário de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas, Salette é somente com um 't'. A explicação da mudança de grafia é devido ao fato de haver muitas mulheres no Brasil com o nome de Salette com 01 't'. Explicação concedida pelo Bispo Dom Guilherme a autora da pesquisa no dia 08 de março de 2018.

muitos vai e vens, tinha alguns sacerdotes, ‘algumas’ agentes pastorais que queriam que fosse Nossa Senhora Aparecida, outros falavam em Nossa Senhora da Abadia, outros falavam de outras devoções populares Santo Expedito, São Francisco, enfim, isso foi motivo de muitas discussões. Salette acabou tendo uma preferência por várias razões: primeiro porque o Bispo Diocesano ele é oriundo de uma família religiosa que nasceu da questão da Salette. Sagrada Família foi fundada por um Padre chamado Padre Bertiê, que era um padre saletino, padre de Nossa Senhora da Salette (...); e depois algumas características da Aparição de Nossa Senhora lá na França que, também foi muito valorizada. Nossa Senhora da Salette, mãe de Jesus, Ela chama Salette porquê lá ‘onde’ que Ela apareceu na França tem um povoado que chama Salette (...), e 12 anos depois que Nossa Senhora apareceu lá na Salette, ela apareceu em outra cidade da França chamada Lourdes, por isso que tem Nossa Senhora de Lourdes, 70 anos depois ela apareceu em Portugal, nome da cidadezinha era Fátima... Salette, Lourdes, Fátima, é a mesma mãe de Jesus que é o nome Maria. [...]. E Salette, ela apareceu numa montanha e nós aqui estamos na serra, lá ‘onde’ que ela apareceu nasceu uma fonte d’água que há 171 anos corre abundantemente, se lá nasceu águas, nós estamos na cidade das águas, se lá ela apareceu naquele momento de silêncio naquelas montanhas retiradas, nós também queremos buscar aquela questão do silêncio, do lugar um pouco retirado para poder possibilitar o povo o contato religioso com Deus com a espiritualidade. (SALVADEGO, 2017).

É necessário destacar na fala do Padre Salvadego alguns aspectos, da característica da expansão devocional do catolicismo no mundo ocidental. Na história de quase todas as cidades do Brasil há uma influência decisiva da Igreja Católica, pois não se começa um povoado sem a construção da Igreja e a eleição de um Santo ou Santa como padroeiro ou padroeira, e esse fato também aconteceu em Caldas Novas, com a Igreja de Nossa Senhora do Desterro e depois Nossa Senhora das Dores.

Entretanto, devido às mudanças históricas podemos dizer que houve certa perda do referencial cultural e religioso da padroeira da cidade – Nossa Senhora das Dores. Tal circunstância foi motivada pela expansão populacional da cidade de Caldas Novas, que hoje tem entre seus habitantes um maior número de migrantes do que de famílias originárias da região, além do fato do turismo e suas atividades comerciais terem descaracterizado o local tradicional da religião católica na cidade. Há ainda o fato das atividades turísticas atraírem pessoas de todo o Brasil e de outros países, com sua diversidade de culturas e visões religiosas. Isto posto, há quase que uma refundação do catolicismo em Caldas Novas, pela inserção de uma devoção de caráter não local, mas mundial, conforme a visão mostrada por Faccini (2010, 2016). À vista disto, o Padre Salvadego nos mostra claramente como é possível ressignificar a devoção francesa e transformá-la – como disse o Bispo D. Aguirre na citação anterior – num meio de evangelização dos católicos locais e também de todos os turistas que visitam a cidade.

Concomitante a isto, o início de todo serviço à construção do Santuário de Nossa Senhora da Salette no município de Caldas Novas teve seu ponta pé, com a ajuda do geólogo Fábio Floriano Haesbaert, indicando um loteamento na cidade que seria o ideal para obra, o

loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra com localizado no sopé do Morro do Capão Grosso. Quanto ao local que foi construído, em entrevista ao Padre Ildefonso Salvadego (MS), na época administrador do Santuário, esclareceu que ele é um terreno público, cedido pelo município com o fim de ser um Santuário, não podendo ser vendido, nem alienado, nem fazer nada diferente que não ser santuário. (SALVADEGO 2017).

No dia 17 de outubro de 2004 acontece a primeira Romaria rumo ao local da construção do Santuário, com a realização de uma missa solene, a colocação da Cruz e o anúncio oficial do Santuário dedicado à Nossa Senhora da Salette. Contou com diversas pessoas da diocese de Ipameri, pessoas da região e de Caldas Novas, o Bispo Dom Guilherme e o primeiro Reitor do Santuário, Padre Atico Fassini (MS), pioneiro na construção do Santuário e substancial para divulgação de Nossa Senhora da Salette.

A datar deste momento se inicia a busca por recursos financeiros e a edificação deste Santuário, dado isso que no ano de 2005, foi levantado um vultoso Altar Campal no morro do terreno, m formato de cúpula e com arquibancada. Para representação do local da aparição de Salette no Monte, foi construído uma representação deste caminho com colocações de estátuas e um caminho de via sacra, com cruzes colocadas entre as diferentes imagens. No mês de setembro de 2005, foi inaugurado o Altar campal do Santuário com a realização de uma segunda Romaria da Salette.

Nas figuras abaixo é possível ver o processo de construção do Santuário com sua primeira e segunda Romaria.

Figura 29: Foto da 1ª Romaria de Nossa Senhora da Salette.



Fonte: Fotos e anexos Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 30: Foto do primeiro altar no terreno doado para construção do Santuário e realização da 1ª missa na 1ª Romaria.



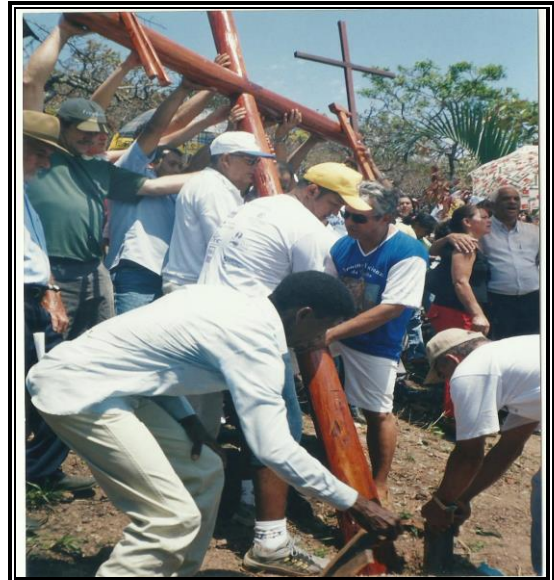
Fonte: Fotos e anexos Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 31: Foto do primeiro altar no terreno doado para construção do Santuário e realização da 1ª missa na 1ª Romaria



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

Figura 32: Foto da colocação da Cruz de Nossa Senhora da Salette no Santuário



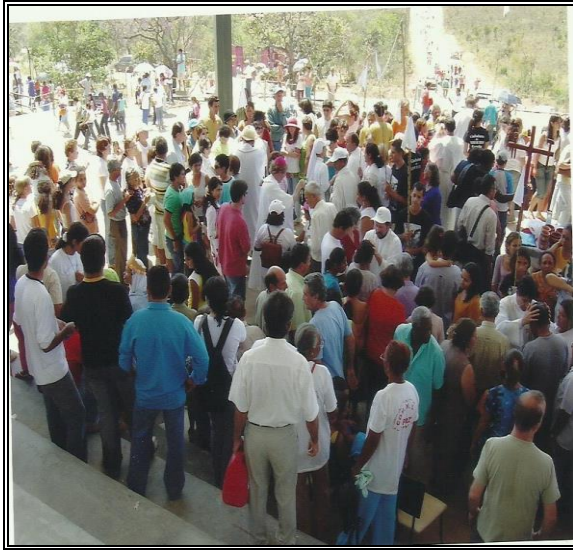
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 33: Foto da 1ª missa da 1ª Romaria de Nossa Senhora da Salette, com os padres da esquerda para direita: Bispo Dom Guilherme Werlang e Padre Ático Fassine (MS).



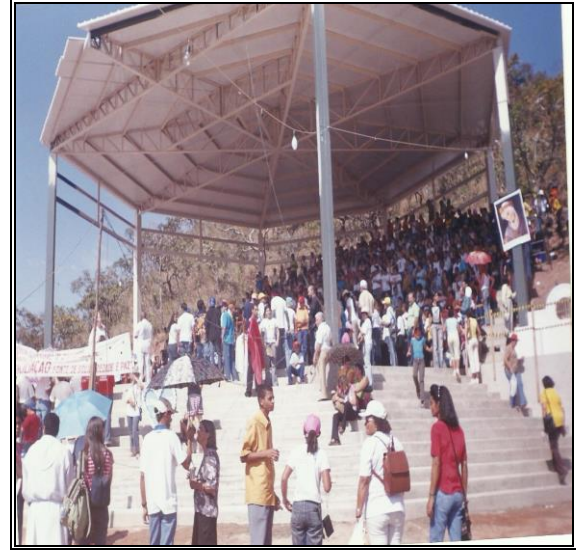
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

Figura 34: Foto da 2ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salete



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 35:Foto da 2ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salete



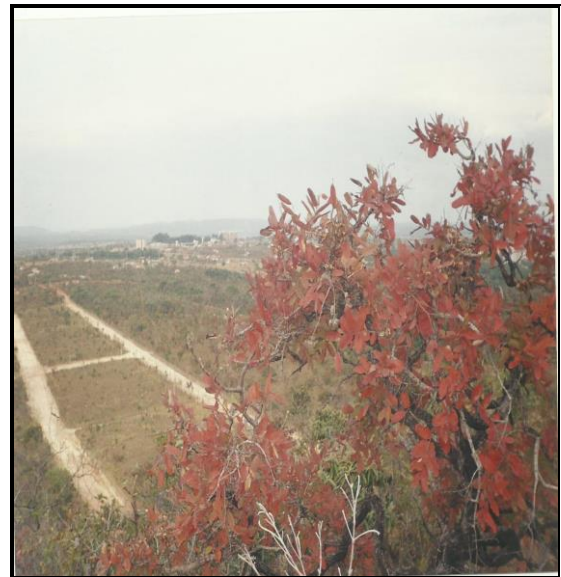
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 36: Foto do caminho de via sacra na 2ª Romaria



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 37: Foto do alto do Morro do Santuário na 2ª romaria



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

O primeiro projeto para a construção da Igreja foi realizado em 2008, tendo como segundo reitor do santuário o Padre Alfredo Celestino dos Santos (MS). No dia 24 de outubro de 2012, os órgãos públicos competentes autorizaram o projeto após várias mudanças exigidas e no dia 07 de novembro deste mesmo ano, efetuou-se a marcação do local de edificação do templo do Santuário. O Padre Daniel Aguirre (MS) no ano de 2015, vem a ser o terceiro reitor

do santuário, onde juntamente com ele veio o Padre Francisco Carlos dos Santos (MS) e Padre Ildefonso Salvadego (MS), que retorna pela segunda vez, sendo uma figura crucial na construção do Santuário e eleito Provincial da Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette, sendo transferido para Curitiba no ano de 2018. (Livreto do Santuário Salette de Caldas Novas, 2017).

Figura 38: Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Santuário todo fora)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 39: Planta do Santuário de Nossa Senhora Salette em Caldas Novas (Por fora)



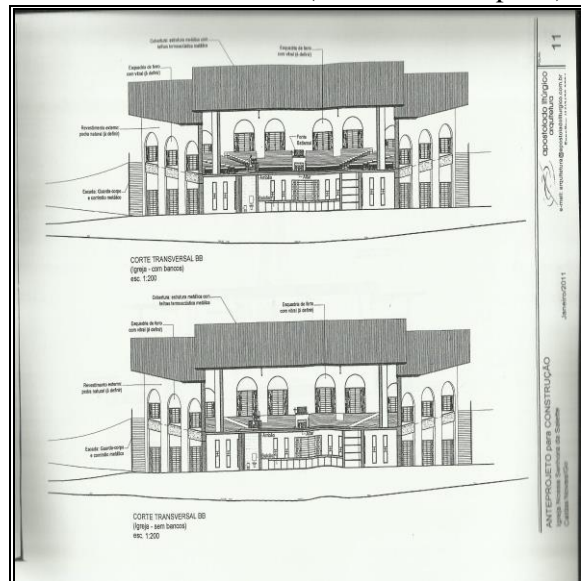
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 40: Planta do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas (Interior parte de cima)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 41: Planta do Santuário de Nossa Senhora Salette em Caldas Novas (Por fora os 02 pisos)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

O santuário já realizou 14 romarias sendo todas no mês de setembro, próximo a data do dia da aparição de Nossa Senhora da Salette, dia 19 de setembro. A cada ano a Romaria leva multidões ao Santuário, aumentando gradativamente a quantidade de pessoas e chegando a um número de 5000 romeiros.

No ano de 2016 considerado Ano Santo ²³ da Misericórdia para a Igreja Católica, em que todas as dioceses do mundo receberam a graça de abrir “portas santas”, a diocese de Ipameri comemorando seu Jubileu de Ouro²⁴, abre a “Porta Santa”²⁵ no santuário de Caldas Novas. Ato este, que trouxe muita visualização e visitas de inúmeras pessoas, tanto turistas como moradores da cidade ao santuário, aumentando assim a divulgação deste local dedicado à busca do revigoramento da fé de todos.

Figura 42: Foto da 14ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 43: Foto da 14ª romaria do Santuário de Nossa Senhora da Salette



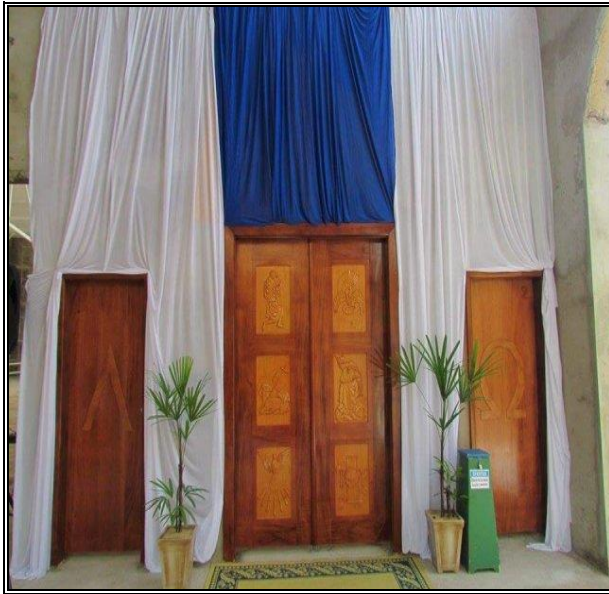
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

²³ O Ano Santo é um dos eventos mais importantes da Igreja Católica. Normalmente, ele ocorre a cada 25 anos. Porém, quando um Papa quer chamar a atenção para um determinado tema, ele pode convocar um Ano Extraordinário da Misericórdia, o que é o caso. O Ano Santo é vivido na Igreja Católica a cada 25 anos, o último foi o Jubileu do ano 2000.

²⁴ Jubileu é o quinquagésimo aniversário de casamento, do exercício de uma função (jubileu sacerdotal, jubileu de magistério etc.) de uma instituição, de um estabelecimento comercial ou industrial. Os jubileus mais comemorados são o jubileu de prata, referente aos 25 anos e o jubileu de ouro referente aos 50 anos. Jubileu é uma indulgência plenária (remissão plena das penas temporais, perdão), solene e geral, realizada pela religião Católica, onde o Papa concede aos católicos em diversas solenidades. (

²⁵ O termo "Porta Santa" refere-se, originalmente, às quatro portas da Basílica de São Pedro, no Vaticano, que representam as quatro Basílicas Papais (São Pedro, São João de Latrão, Santa Maria Maior e São Paulo Fora dos Muros). A Porta Santa é a porta física de uma igreja, cuja qual – em seu conceito original – é aberta apenas em ocasião de um Jubileu. Ela tem um significado específico: é o símbolo da passagem que todo cristão deve fazer – do pecado à graça. A Porta Santa é um elemento muito especial no Ano Santo, pois para ganharmos as indulgências deste período, uma das tarefas a serem realizadas é passar por ela. (Sérgio Bassi - PASCOS Santa Teresinha, 2016).

Figura 44: Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 45: Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 46: Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 47: Foto da Inauguração da Porta Santa no ano de 2016 no Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

A tão grande e esperada data da Dedicção²⁶ da Igreja, foi realizada no dia 08 de dezembro de 2017, contando com a presença de muitos Missionários Saletinos, fieis, Padres convidados, o Bispo da Diocese de Ipameri, Dom Guilherme e inúmeras pessoas de vários

²⁶ Quando a construção de uma igreja chega ao fim, a celebração que marca a vida dela tem o nome de “dedicação”, que pode ser traduzida como consagração, sagração ou inauguração.

estados e regiões do Brasil. Até nos dias de hoje a Igreja está em processo de finalização de suas obras, visto que ainda possui vários pontos a serem construídos para seu acabamento.

Figura 48: Foto do Envio do Santuário/2017



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 49: Foto do envio do Santuário/2017
No alto o livro tomo do Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 50: Foto do envio do Santuário
Descerramento da Placa



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 51:Foto do envio do Santuário -
Abençoando o Altar



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas

Figura 52: Foto do Envio do Santuário/2017
Interior do Santuário



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 53: ²⁷Foto do envio do Santuário/2017



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

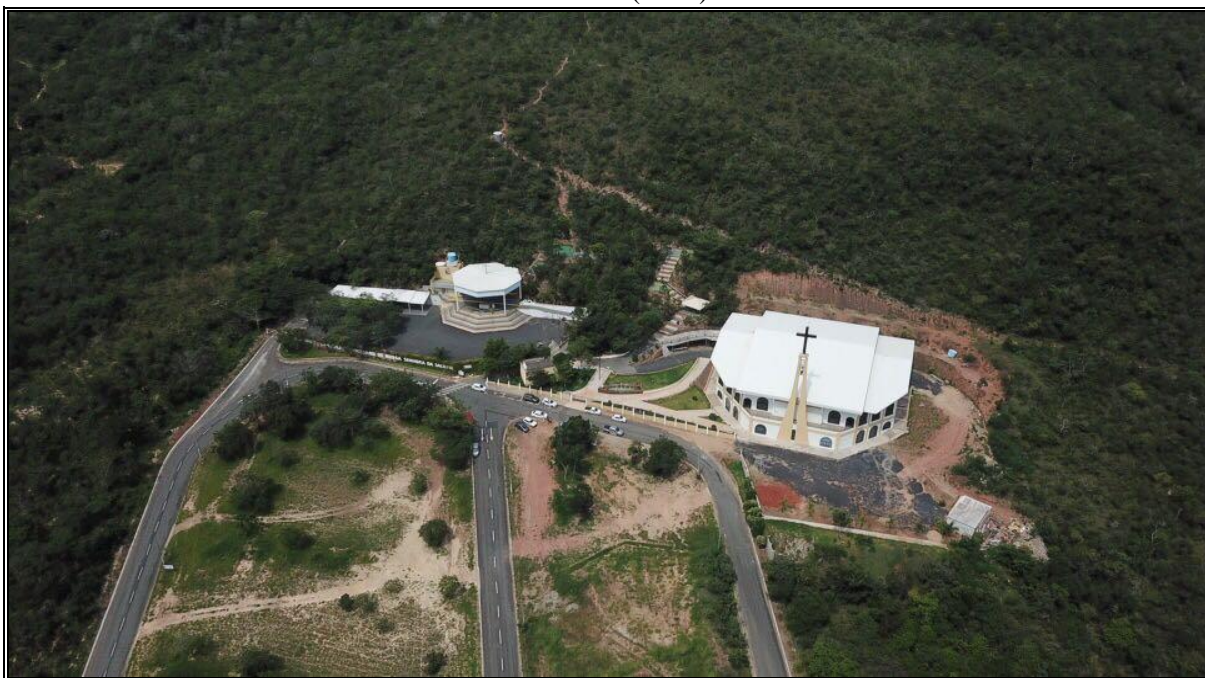
Figura 54: Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas e seus espaços (2018)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

²⁷ Foto do Bispo Dom Guilherme e todos os Padres Saletinos de Caldas Novas que já passaram e ainda estão no Santuário; Padres de outras paróquias, inclusive a da Igreja Nossa Senhora das Dores.

Figura 55: Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2018)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas

Figura 56: Foto da Entrada para Santuário em frente a GO 309



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 57: Foto da Entrada para Santuário em frente a GO 309



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura: 58: Foto do Santuário de Nossa Senhora da Salete a Imagem de Nossa Senhora da Salete e a fonte Inaugurada em 2017.



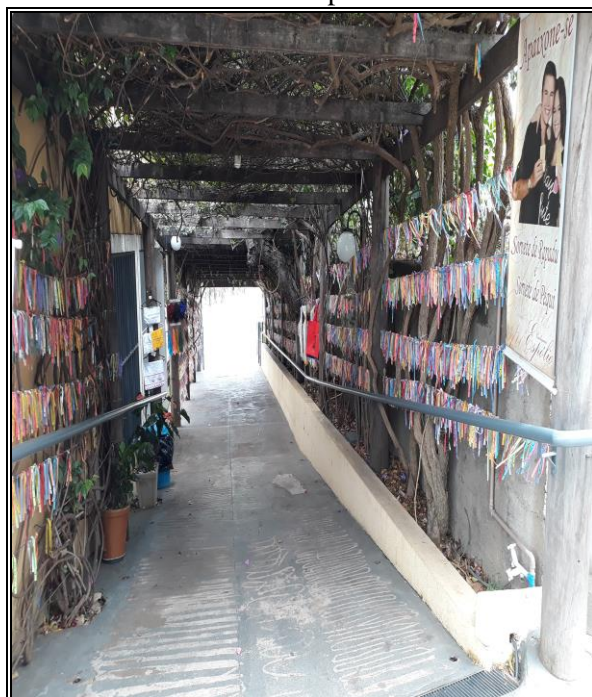
Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 59: Foto da entrada do Santuário de Nossa Senhora da Salete



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 60: Foto da entrada do Santuário com as fitinhas amarradas pelos visitantes



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 61: Foto da Parte debaixo do Santuário

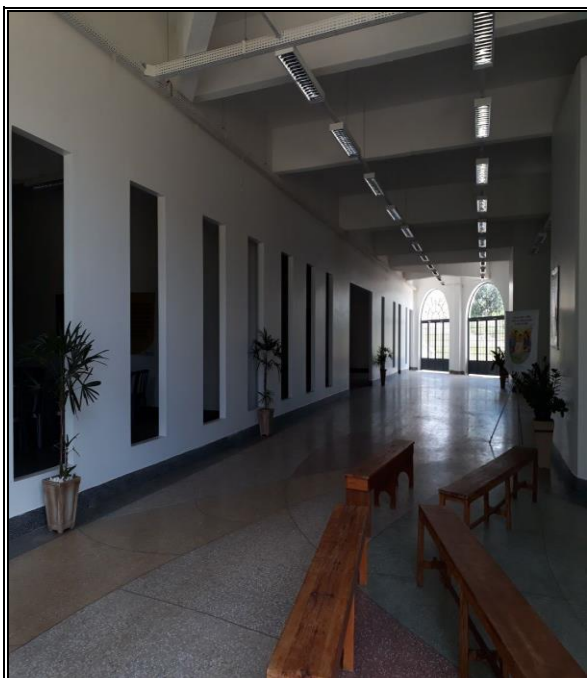


Figura 62: Foto das escadarias do Santuário do Caminho de via Sacra e as Imagens de Salette



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

É possível observar em todos os registros fotográficos e iconográficos dos dois templos em estudo, que há dois tipos de demandas pela experiência religiosa católica na cidade de Caldas Novas (GO). A primeira é a demanda histórica e cultural local representada pela Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, a qual significa a memória religiosa, histórica e cultural da formação da cidade e em relação à qual a população mais antiga da cidade, mantém laços afetivos e tradicionais. Nesse caso, a Matriz se mistura ao turismo que a envolveu com seu comércio, suas atividades culturais profanas, mas também com a procura pelo serviço religioso daqueles que praticam efetivamente o catolicismo.

Já a segunda demanda é a missionária e evangelizadora, que surgiu da percepção da Igreja Católica e suas lideranças locais de que o local destinado prioritariamente ao turismo de lazer, também comportava uma perspectiva de fé e espiritualidade. A construção de um Santuário ao “pé da Serra”, grandioso e com o propósito de atrair o turista para um espaço ainda intocado da natureza, agora marcado pela presença da devoção e da fé, no qual significa não apenas estimular o turismo religioso, mas também evangelizar e aproximar o turista de uma perspectiva em que o sagrado e o profano podem ser vividos sem separação.

Nas próximas páginas procuramos analisar os dados da pesquisa de campo com o objetivo de compreender essa dinâmica que ocorre atualmente na área em estudo.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA



28

O turismo é uma atividade substancialmente humana e uma atividade econômica, que tem atestado a sua efetividade no impulso ao crescimento e desenvolvimento das regiões. Apresenta em seu íntimo um desempenho social ímpar, uma vez que gera interdependência cultural e proporciona rentabilidade econômica aos agentes envolvidos com o crescimento turístico e concomitante a isto, possibilita investimentos, empregos e se bem trabalhado pode e deve colaborar na preservação do patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável da região. Pode-se referir ao turismo, de acordo com BARRETO (2007, p.11), como algo que “não tem tronco principal; é um entremeado no qual circulam múltiplos atores que se relacionam em mútua dependência”, e é neste entremeado que pode-se situar Caldas Novas.

Dentre os múltiplos atores que compõem e dinamizam as atividades turísticas de um local como Caldas Novas, os envolvidos com o turismo religioso constituem uma experiência singular e ainda em expansão e consolidação. Nesse sentido é que se insere nossa proposta de refletir especificamente sobre esse fenômeno a partir da análise dessa nova experiência que se encontra no contexto do turismo de lazer já estabelecido. Para isso vamos olhar o passado e o presente de Caldas Novas, sob o olhar da dicotomia entre o sagrado e o profano.

Se olharmos o passado da cidade, temos o registro de que desde seus primórdios os sitiantes ao redor da Fazenda Caldas Novas, ansiavam por uma casa de oração perto de suas moradas, onde em 1849 com a demarcação de terrenos, da praça para o estabelecimento do Arraial das Caldas Novas e com a transferência do povoado do Quilombo para este local, se inicia a construção da Igreja Nossa Senhora do Desterro, de nome hoje Nossa Senhora das Dores. O Arraial foi ganhando novas extensões, ruas paralelas, edificações ao redor da Igreja

²⁸ Figura 63: Foto da lagoa de Pirapitinga. Fonte: foto de Elvis Pedro Lobato – Guia Caldas Novas.

construída e assim começa o crescimento urbano da cidade de Caldas Novas, como descrito por Godoy (1978):

Não era só em torno da igreja que a vila crescia; foi traçada uma rua paralela, do lado das fontes termais, onde foi construída a casa paroquial, e no mesmo alinhamento outras de particulares. Para comunicação fácil entre a igreja e a casa paroquial, foi deixado um beco entre propriedades do senhor João Militão de Lima, que foi chamado o Beco dos Aflitos. Houve quem construísse sem planejamento, principalmente acompanhando a curva do Córrego do Açude, por baixo do rego, onde os moradores da parte final do rego, no tempo de estio, iam de madrugada fechar os registros para que a água chegasse as suas casas, provocando brigas com xingatórios pouco agradáveis. O trânsito de tropas, boiadas e comitivas se intensificou, com a colocação de uma barca no Porto de Limoeiro, entre os Paulistas e Caldas Novas, trazendo maior movimento para a vila que surgia. (GODOY, 1978, p. 96).

Em muitos momentos da obra de Godoy (1978), ele nos leva a caminhar no sentido de que é possível ver a fé dos moradores de Caldas Novas, nos conduzindo a uma reflexão da cidade ter sido construída sobre a crença da cura, onde a religião e as águas quentes mostraram-se andando sempre juntas, acompanhadas do sagrado e do profano. “Aos sábados, o senhor Roberto de Oliveira, fazendeiro da Fazenda Água-Quente, acompanhado de um escravo, transpunha o alto da serra, para vir dar ânimo espiritual da oração, rezando o terço, e leiloando as prendas oferecidas em benefício à construção do templo”. GODOY (1978, p. 90-91). Ainda:

De Vila Bela, de Pouso Alto, de Bela Vista, de Santa Cruz, dos Paulistas e do Vai-Vem, até do Monte Alegre havia vindo gente. Eram parentes, amigos, curiosos, mascates, comerciantes de gado, jogadores e muitos eram os que vinham por religião. Porém, a primeira coisa que faziam ao chegarem, era satisfazer a curiosidade indo verificar, pessoalmente, se de fato, as águas nasciam quentes. (GODOY, 1978, p. 93).

A história do sagrado como retratado por Mircea Eliade (1992, p. 20), ressalta a realidade que diferencia o sagrado em oposição ao profano, “Todo espaço sagrado implica uma ²⁹hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que envolve e o torna qualitativamente diferente”. Isto nos remete no entendimento, de que às relações simbólicas em questão aqui as águas quentes de Caldas Novas e suas curas, impregnavam nas pessoas que ali procuravam as fontes termais, um significado a este objeto, a hierofania, como bem conceituada por Eliade (1992), a fé, da religiosidade, do sagrado se impor de uma maneira firmativa e de uma lógica inexplicável a este mundo. Desde seu início, portanto, Caldas Novas tem sua existência marcada pela

²⁹ Termo proposto por Mircea Eliade, em seu livro *O Sagrado e Profano*, colocando a manifestação do sagrado vindo de diversas origens, desde pedras até imagens, profetas e espaços.

presença do sagrado e da cura, sendo esta última um fato passível de ser associado também ao sagrado, a partir da hierofania das águas termais.

Os relatos das curas ocorridas pelas águas quentes eram frequentes, e mesmo ela se encontrando em uma área afastada no interior da Província Goiana, muitas pessoas a procuravam para tomar banho. Destaco aqui e como já citado na pesquisa, a importância do médico Orozimbo Corrêa Neto, um exímio estudioso das águas quentes que em 1918, após exaustivas tentativas de pioneiros da cidade em comprovar os benefícios terapêuticos das águas quentes de Caldas Novas, encaminhou-se até a cidade e efetivou um estudo sobre as mesmas. Deste estudo resultou um livro “Águas Termais de Caldas Novas” que com sua repercussão trouxe para cá inúmeras pessoas oriundas de vários centros do país. Podemos dizer que pouco a pouco, alguns representantes da história construíram e ampliaram as inúmeras atividades que se comprometeram e se modificaram no decorrer de quase 200 anos.

Em linhas gerais a cidade de Caldas Novas no decorrer de sua ascensão turística, principalmente nos anos de 1980 a 2010, teve um crescimento exorbitante em sua taxa de crescimento populacional, onde sua população saiu de ³⁰8.630 habitantes passou para 70.473 habitantes. Tal expansão aconteceu devido aos desdobramentos do turismo no município, resultante principalmente do desenvolvimento da rede hoteleira e seus numerosos parques aquáticos, aliados às águas quentes da cidade e forçando gradativamente sua transformação.

No que concernem as práticas de crescimento deste segmento turístico, o sistema adotado no município de Caldas Novas provavelmente não se distingue de outros lugares. Ressalta-se aqui, que o papel das águas quentes nos momentos de mudança de cenário e espaço do município, apesar de não perder totalmente o seu efeito terapêutico, passou a predominar principalmente a uma estrutura turística, gerando impactos na economia local, no ambiente da cidade e nas suas significações culturais.

Os turistas chegam a Caldas Novas hoje, previamente preparados para usufruírem essencialmente de suas águas quentes, lazer e turismo; mas para se chegar a este local turístico de aglomerados prédios e clubes exuberantes, transcorreram muitas mudanças em seu território, com vários impactos sobre seu espaço, suas fronteiras e sentidos. Novas concepções surgiram sendo capazes de atribuir sentido a estas novas interpretações, onde Pereira e Pádua (2005), referenciando Santos (1996), cita que o espaço é formado por dois componentes inter-relacionados, “(a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados

³⁰ Dados obtidos pelo IBGE, Censo Demográfico de 2010, disponível no site <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=520450>.

naturais, mais ou menos modificados pelo homem, através dos sucessivos ‘sistemas de engenharia’; (b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento”. (SANTOS, 1996, p. 111 *apud* CARRIERI E PEREIRA, 2005, p. 36).

Para tanto, arrisca-se caminhar no sentido de compreender a cidade de Caldas Novas, como um mosaico de reencontros de seus aspectos simbólicos, ocupação do espaço e interações humanas/sociais; nos permitindo dizer que está inserida em um ambiente que foi profundamente transformado ao longo dos anos e gradativamente, foi eclodindo um novo espaço e se enraizando novamente com novas significações, como o turismo religioso o qual começa a fazer neste momento.

Essas proposições faz-se com base nas informações sobre a história da cidade e a história de seus templos católicos principais, que são objeto do estudo. No caso da igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, esta permanece como o principal centro de referência do catolicismo para os moradores mais antigos da cidade e também para aqueles que mesmo não tendo nascido na cidade. Mesmo com as grandes modificações urbanas que praticamente “sufocaram” a igreja Matriz, em meio ao comércio e aos bares e restaurantes – como vemos nas fotos a seguir – a igreja permanece bastante visitada e frequentada por moradores e turistas.

Já no caso do Santuário, a frequência se constrói com o passar do tempo atingindo os objetivos que foram expressados, tanto pelo bispo D. Aguirre como pelo padre Salvadego (nas entrevistas anteriormente citadas), que afirmaram ser o Santuário a implantação de uma nova devoção, um novo meio de evangelização que exhibe referenciais simbólicos e podem ser associados à aparição original de Nossa Senhora da Salette. Temos aqui o surgimento de uma nova tradição, na qual se procura unir a imagem de Nossa Senhora da Salette com o silêncio da região próxima à serra de Caldas, juntamente com as águas termais e o meio ambiente. Contudo é uma devoção que pode ser assimilada pela população residente, mas que é bastante atrativa para o visitante que aos poucos pode também se tornar peregrino.

Caldas Novas nessa acepção, é palco – neste período da existência do Santuário – da emergência do turismo religioso a partir da perspectiva da intensa busca, que hoje move as pessoas a procurar uma experiência de fé e de integração entre o sagrado e o profano.

Nas figuras abaixo é possível ver este crescimento da cidade de Caldas Novas, nas imediações da Igreja Nossa Senhora das Dores - (Nossa Senhora do Carmo até o ano de 1888) - e a Praça Mestre Orlando, sendo construída com a abertura de ruas ao seu redor nos anos 1960. Nessa significação observamos as interpretações que as mudanças de espaço trouxeram

em conjunto a ela de grandes transformações simbólicas, inclusivamente do Lazer de Caldas Novas hoje achar-se inserido também o religioso, como nos mostrou a pesquisa deste trabalho.

Figura 64: Foto da construção da Praça Mestre Orlando nos anos 60.



Fonte: Acervo Oscar Santos

Figura 65: Foto da construção da rua Major Vítor (Rua do Banco Itaú)/1960.



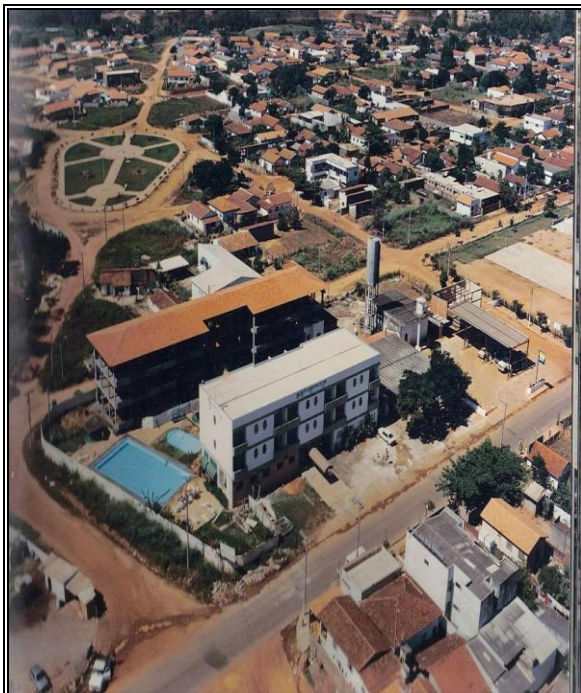
Fonte: Acervo Oscar Santos

Figura 66: Foto aérea de Caldas Novas com sua transformação do espaço e território



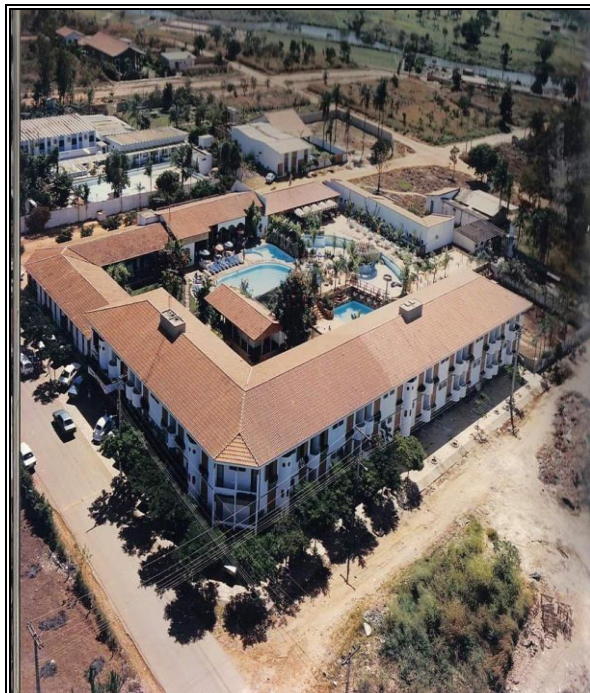
Fonte: Domínio Público da cidade

Figura 67: Foto do Hotel Morada do Sol no centro de Caldas Novas nos anos 80.



Fonte: Domínio Público da cidade

Figura 68: Foto do Hotel Privé nos anos 80.



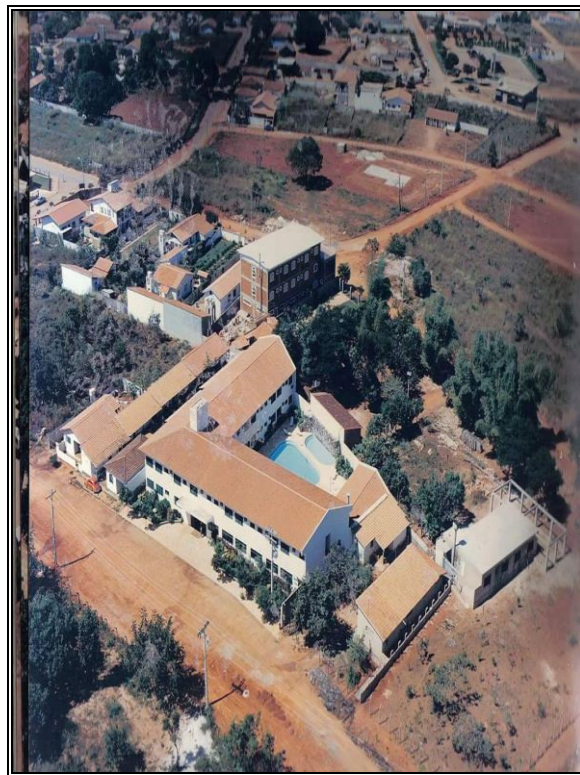
Fonte: Domínio Público da cidade

Figura 69: Foto do Hotel CTC no centro da cidade, nos anos 80.



Fonte: Domínio Público da cidade

Figura 70: Foto do Hotel Estoril no centro da Cidade, hoje Hospital Nossa Senhora - anos 80.



Fonte: Domínio Público da cidade

Figura 71: Foto inédita do Balneário nos anos de 1950, no centro da Cidade.



Fonte: Acervo Oscar Santos.

Figura 72: Foto aérea de Caldas Novas com seu crescimento e transformação de seu território em comparação com os anos 50 e 80.



Fonte: Domínio Público da cidade

Nas pesquisas feitas em torno do tema proposto desta dissertação, usando como objeto de pesquisa a Igreja Nossa Senhora das Dores (comunidade local) e o Santuário de Nossa Senhora da Salete (múltiplos sujeitos), buscou-se o real significado que ambos representam e os seus impactos quanto à religiosidade e o turismo religioso no município. Como já citado na metodologia deste trabalho, utilizou-se 300 questionários à comunidade local do município e também aos sujeitos do Santuário. Ainda foram empregadas entrevistas às pessoas fundamentais a esta pesquisa de todos os segmentos envolvidos.

A partir do mencionado, os questionários sobre a Igreja Nossa Senhora das Dores em relação à sua população local, indicaram que a grande maioria 92%, moram na zona urbana, confirmando a perspectiva de que se preserva o significado cultural e religioso desse templo para a cidade. Quanto ao Santuário Nossa Senhora da Salette, 65% residem fora, onde 35% são de Minas Gerais, 30% do Distrito Federal, 20% do estado de São Paulo e 15% do estado de Santa Catarina; 20% eram pessoas das cidades circunvizinhas e 15% de Caldas Novas. Esses números mostram que a visão do bispo e do padre sobre a missão do Santuário estava correta, tornando-se um meio efetivo de atender à religiosidade dos turistas.

No que concerne ao grupo etário, a Igreja Nossa Senhora das Dores indicou que 60% da sua população, tem entre 25 a 50 anos de idade e somente 10% entre 51 a 65 e 15% >18 até 35 anos. Esta faixa etária teve um diferencial quanto ao Santuário, onde 41% ficaram entre 51 e 65 anos; 26% de 36 a 50 anos; > 18 a os 35 anos, 33%. É viável analisar aqui que em todas as faixas etárias existem representatividade nos locais pesquisados, deduzindo que a cidade possui atrativos para todas elas, porém, a procura quanto a Igreja e ao Santuário, definem os seus sujeitos que não são os mesmos. Igualmente percebe-se que os visitantes longevos, ou seja, mais afeitos às tradições religiosas, tem maior frequência ao Santuário combinando com o fato de que Caldas Novas, recebe um grande número de turistas mais velhos, ainda motivados pela fama do efeito benéfico de suas águas.

Quando questionados a religião seguida pelos moradores da cidade de Caldas Novas, 60% são da religião católica, 30% da religião Evangélica, 5% Espírita e 5% de outras religiões. Quanto aos visitantes do Santuário de Nossa Senhora da Salette, também prevaleceu à religião católica com 91%, 7% a Evangélica e 2% Espírita, nos levando ao entendimento que o turismo religioso e cultural alcança várias religiões, sendo motivo de visitação e respeito por todas as pessoas. Entretanto, também é evidente que o Santuário atrai um expressivo número de católicos em relação às outras religiões, fato que é condizente com a tradição católica bastante arraigada no país de realizar romarias e visitas aos locais dedicados às principais devoções dos brasileiros.

Relativamente, às pessoas quando questionadas sobre como vêem a religião em Caldas Novas, 42% demonstraram posicionamentos firmes de que a religião está mais atuante no município com o passar dos anos e 50% direcionaram este crescimento principalmente nos últimos 05 anos, ligando tal acontecimento a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salette. Estes dados levantados juntamente com o crescimento do número de pessoas que visitam ao Santuário de Nossa Senhora da Salette, nos leva a um caminho de reflexão sobre o

Santuário ter sido uma válvula motivadora para o recrescimento da religião em Caldas Novas e consequentemente o turismo religioso. Nesse aspecto é necessário observar que a movimentação religiosa no Brasil nunca diminuiu, apesar das grandes mudanças que a sociedade brasileira viveu nas últimas décadas. O que modificou no caso de Caldas Novas é a visibilidade da movimentação religiosa, passando a haver um destaque maior pela presença dos turistas no Santuário, tornando esse local um referencial para o turismo e para a cidade.

No que se refere àquilo que a Matriz Nossa Senhora das Dores representa quanto à religião hoje em Caldas Novas, 42% das pessoas a configuraram como somente o início da religião no município; 25% somente como um patrimônio histórico no município; 21% afirma que ela é a continuidade da religião no município e 2% se refere a ela como uma simples Igreja da cidade. Foi percebido neste momento e na fala dos sujeitos locais da pesquisa, que através da construção do Jubileu da Paróquia Nossa Senhora das Dores (extensão da Matriz Nossa Senhora das Dores), o turismo religioso foi intensificado especialmente para os turistas do município (55% das pessoas). Muitas pessoas inqueridas indicaram aqui neste momento, principalmente moradores antigos da cidade (não quiseram citar seus nomes na pesquisa), que a religiosidade do povo estava em busca de algo que despertasse novamente na população a fé e o sagrado, aos quais existiam no início da construção da cidade de Caldas Novas.

Em busca de certas respostas relacionadas à Matriz Nossa Senhora das Dores, foi questionado à comunidade onde a Paróquia se destaca na prática da sustentabilidade. O resultado colhido retrata certa omissão dos responsáveis pela Matriz quanto à orientação da população da cidade, onde 59% das pessoas disseram desconhecer qualquer trabalho voltado à sustentabilidade da Matriz e 28% disseram não existir trabalhos neste segmento. A descaracterização da Matriz em seu território, com extremo barulho e a falta de silêncio nos horários de missas pelos bares envolta dela, tirou das pessoas da comunidade local a imersão que buscam para o sustento e o aumento de sua fé, e aos poucos isto foi sendo motivo de afastamento dos fieis na Matriz Nossa Senhora das Dores, como também citado por antigos moradores da cidade.

Em relação ao Santuário temos informações vindas de um Livro de Atas, no qual foi criado no dia 29 de maio de 2015 pelo então Pe. Daniel Aguirre (MS) - (Anexo 4), sobre registros de dados que demonstram o crescimento constante ano a ano deste local, oriundos de pessoas de vários Estados e Regiões do Brasil. Nesta perspectiva, foi possível compreender melhor o motivo de o Santuário ter sido ser considerado esta válvula propulsora da religião no município.

Algumas informações coletadas na pesquisa demonstraram que 90% dos moradores de Caldas Novas, responderam que o turismo religioso destacou no município após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete. Pelo Livro de Atas do Santuário, nos últimos 03 anos o número de visitantes e fieis aumentaram copiosamente, sendo que no ano de 2015 a média de visitantes ao mês era de 235 pessoas, chegando ao total de 2800 pessoas/ano. No ano de 2017, esta média mensal foi para 5000 visitantes/mês, chegando a aproximadamente 60.000 visitas/ano; onde o número de 200 pessoas/dia diminui em época de baixa temporada na cidade, mas não de forma considerável.

Seguindo esta análise de pessoas que visitam o Santuário de Nossa Senhora da Salete e em busca de conhecer um pouco dos múltiplos sujeitos que visitam este local sagrado, foi indagada a maneira de como visitam a cidade de Caldas Novas. Deste universo pesquisado, 60% chegam até o município com amigos e família através de excursões e 40% com família e amigos de carro próprio. Em relação a estes visitantes e de onde ficam hospedados, 70% se acomodam nos hotéis da cidade, 27% em *flats* e 3% em casas de aluguel.

Através dos dados inseridos no Livro de Atas do Santuário em relação do modo que estes visitantes chegam até ele, é possível verificar como as informações se fortificam em sua veracidade quanto a este perfil de visita na cidade. Das pessoas que visitam o Santuário, 67% chegam através dos trenzinhos da cidade, que os transportam dos hotéis aos pontos considerados importantes e turísticos do município e também através dos ônibus de excursão que aqui chegam; já 32% destes sujeitos, dirigem-se até o Santuário através de carros, motos, taxis, etc. É interessante aludir aqui, que por esta grande quantidade de pessoas/dia que visitam o Santuário através dos ônibus de excursões, é realizado missas á tarde quando acertado com os Padres Saletinos.

Quando questionados sobre a regularidade que visitam o Santuário, os resultados norteiam no sentido que este local sagrado, também está sendo incluído na programação de volta das pessoas ao município. Cerca de 20% das pessoas pesquisadas, indicaram que já vieram ao Santuário de 03 a 05 vezes e que voltam à cidade de Caldas Novas também pelo motivo do turismo religioso. Já os 80% restantes, estavam visitando o Santuário pela primeira vez e com intenção de volta a este local pelas programações religiosas que possui, como a Romaria de Nossa Senhora da Salete que acontece na última semana Setembro. Ressaltamos aqui, que no dia 21 de junho de 2017 foi aprovado pela Assembléia Legislativa, um projeto de Lei nº 375 que inclui no calendário Oficial de Eventos do Estado de Goiás, a Romaria de

Nossa Senhora da Salete e como autor deste projeto de lei, o deputado Estadual Marquinhos Palmerston. (Anexo 5).

Com base da visão comunitária apontada acima, averiguamos que a construção do Santuário atraiu famílias devotas a Nossa Senhora a voltarem para visitar este templo sagrado e, em especial, as suas famílias, fazendo surgir novas possibilidades de emprego nos dias de peregrinações e eventos religiosos.

Numa tentativa de perceber a importância ou relevância do turismo religioso na cidade de Caldas Novas, perguntou-se aos inquiridos desta investigação, os habitantes da cidade e visitantes do Santuário, se a cidade de Caldas Novas poderia ser considerada atuante no turismo religioso, onde a maior porcentagem com 75%, respondeu positivamente a esta pergunta. A comunidade em sua maioria, afirmam que deveriam ocorrer responsabilidades múltiplas quanto a turismo religioso de Caldas Novas, reprovando a falta de participação efetiva da gestão local.

Em conversa com o Sr. Leônidas Barros, diretor da Secretaria de Turismo de Caldas Novas, foi possível verificar que o município não possui dados reais sobre a importância que o Turismo religioso da cidade vem tomando aos anos. Sabem que existe um Turismo Religioso, já que muitos turistas procuram a secretaria no intuito de descobrir o Santuário e de visitar à Matriz de Nossa Senhora das Dores, mas este segmento religioso ainda não conseguiu provocar mudanças visíveis quanto a classe política. Quando questionados sobre o número de turistas que visitam em média a Matriz ou o Santuário, a Secretaria não possuía dados já que não havia nenhum estudo realizado quanto a este assunto.

Em relação ao intento desta pesquisa em avaliar como um local voltado ao turismo de Lazer (vulgo profano), poderia se tornar um turismo religioso (sagrado), 33% das pessoas responderam que seria através de maior divulgação dos locais religiosos, 24% apontaram na direção deste local religioso fazer mais eventos sacros; 20% através dos milagres realizados naquele local santo; 18% com maior investimento na cultura religiosa deste local e 5% contestando que não é possível um local de turismo de lazer se tornar um local de turismo religioso. Este desfecho demonstra que a cidade já passou a ser vista como um local de turismo religioso, isto em razão de cada ano a divulgação do Santuário de Nossa Senhora da Salete aumentar, juntamente com a realização de seus eventos religiosos, envolvendo pessoas de inúmeros Estados do Brasil.

Com o propósito de entender se a cultura local estava sendo modificada no município, questionamos junto à população local algumas questões neste sentido. Dos 300

inquiridos, 82% consideraram que o turismo religioso após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete, modificou a cultura local de Caldas Novas. Este resultado nos remete aos dados apresentados acima, como um dos fatores que leva a cidade a se tornar também um local de turismo religioso, reforçando a importância deste segmento ao município. Nas palavras de Cristofoli, Pereira e Silva é possível ver motivos de turismo e dentre eles, os que existem na cidade de Caldas Novas:

Ainda conforme Andrade, três são os elementos que compõem o princípio elementar de análise do turismo: o homem, o espaço e o tempo. Para ele, os ‘tipos’ de turismo ou as motivações mais comuns na atualidade são: férias / descanso, visitas de caráter cultural, negócios, evento desportivo, cuidados a saúde e visitas a santuários / cidades com turismo relacionado a religião. As motivações que levam as pessoas a escolher um ou outro tipo de turismo, segundo esse mesmo autor (1999: 87 - 97) podem estar relacionadas ao desejo e à necessidade de evasão, ao espírito de aventura, à aquisição de status, à necessidade de tranquilidade, ao desejo ou necessidade cultural, ao desejo ou necessidade de compra, entre muitas outras possibilidades. (CRISTOFFOLI, PEREIRA & SILVA, 2102, p.597).

Posterior, algumas fotos de um dos eventos no Santuário como a Mariologia e o quadro de milagres do Santuário. Dentre estes, destacam-se ainda outros eventos consoantes aos citados pelo Pe. Ildefonso Salvadego (MS), que acontecem no decorrer do ano, como a Romaria Diocesana, Romaria dos Motociclistas, Romaria dos Agricultores, Romaria de Cavalgada, Palestras, Estudos e Conferências, Formação de Lideranças, dentre outros.

Figura 73: Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017 – Pessoas de vários Estados do Brasil.



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 74: Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017 – Pessoas de vários Estados do Brasil.



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora pesquisa

Figura 75: Foto do simpósio de Mariologia - Maria e Ecologia: 15 a 17/10/2017



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Figura 76: Foto do Quadro dos Milagres: Fotos e cartas dos milagres realizados a pedidos Feitos no Santuário de Nossa Senhora da Salette.



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Procurou-se ainda através do questionário, perceber a importância do Santuário, sua religiosidade e quais as influências tanto positivas como negativas que ele trouxe para a cidade e seus moradores. Na economia local da cidade, 76% das pessoas replicaram que consideram que o turismo religioso modificou a economia local do município após a construção do Santuário. Novas oportunidades de trabalho foram abertas às pessoas neste local sacro, tanto em sua construção como na própria loja que ali se encontra e na loja sacra da Paróquia Nossa Senhora das Dores o qual também vende produtos do Santuário.

Os trenzinhos que se movimentam pela cidade para visitação de locais turísticos, em entrevistas com seus donos, relataram que após a construção do Santuário e nos últimos 05 anos principalmente, ampliou e muito as pessoas que utilizam de seus serviços; elucidando fortemente que o mercado econômico do município demonstrou uma evolução na economia local.

Figura 77: Foto dos trenzinhos e ônibus levando os turistas ao Santuário



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Um dos aspectos levantados e preocupantes era detectar se o Santuário trouxe com o passar dos anos, mudanças consideradas positivas ou negativas para a população local. Com uma porcentagem de 93% os moradores consideraram que a construção deste templo de oração, trouxe excelentes mudanças positivas para a cidade. Dentre estes efeitos positivos, podemos destacar os mais importantes, como o aumento do número de turistas e em especial o turista religioso (32%); as visitas aos patrimônios religiosos (25%); o incentivo e aumento da religião em Caldas Novas (20%); o aumento das festas religiosas (15%); o aumento de Congressos, Encontros, Seminários ligados à evangelização dos fieis (8%) e apenas 2%, disseram que não houve nenhuma importância significativa na cidade. Estes resultados

demonstram certa mudança cultural na população local, provocando a criação de novos hábitos e atitudes da população, um dos pontos discutidos nesta pesquisa.

Foram averiguados também os efeitos negativos, decorrentes da construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete. Dentre eles, 82% responderam que não houve nenhum impacto negativo para a cidade; 10% que houve maior especulação imobiliária quanto aos locais próximos ao Santuário; 5% processaram a construção do Santuário a uma descaracterização da Serra após sua construção; 2% ao aumento da exploração do turista e 1% a perda de identidades culturais. Estes dados reforçam e auxiliam esta pesquisa nos seus objetivos, demonstrando quão importante foi à construção do Santuário para a população da cidade, no sentido às mudanças culturais e religiosas. Causou um bem estar social e coletivo nos sujeitos, uma vez que conseguiu atingir o lado emocional das pessoas, realizando uma aproximação destes fieis à própria religião e a religiosidade.

Em resposta ao questionário aplicado ao Padre Ildefonso Salvadego (MS), sobre a questão de o Santuário ser considerado um resgate aos fieis da religião católica na cidade de Caldas Novas, foi assim redigido por ele:

Também, mas não só isso. É isso e muito mais.
É referência para os católicos da cidade, é referência para os católicos da Diocese e região, é referência religiosa (não somente para os católicos).
É sinal de profecia e reconciliação para as pessoas, famílias, comunidades e para o turismo. (SALVADEGO, 2017).

O Santuário se pronunciou através do Padre Ildefonso Salvadego (MS), sobre os trabalhos sociais que realizam e/ou pretendem realizar junto à comunidade de Caldas Novas e também sobre a construção do Santuário em um Serra não explorada anteriormente, sua especulação imobiliária e a descaracterização do ambiente natural do local. Segundo SALVADEGO (2017), quanto aos trabalhos sociais o Santuário tem em seu planejamento grandes obras:

O pensamento é assim.... enquanto agora nesse começo é difícil fazer tudo, mas existe projetos, existem é.... conversas, existem é.... interesses, desejos, sonhos que o Santuário seja um protagonista, um propulsor desta questão do meio ambiente. Então com certeza o Santuário mais adiante, quando as obras forem sendo concluídas, o Santuário vai ser um exemplo de como se bem conviver com o meio ambiente; com energia limpa, luz solar, com reutilização das águas, com é.... replantio e conservação das árvores, com projetos ambientais no sentido de cursos, palestras, de uma extensão da Universidade ou da Escola onde se ensina a plantar e aonde se ensina a conservar. Então existe nos scripts e nas atas e nos projetos, toda esta preocupação que o Santuário seja no futuro um grande propulsor da conservação e conscientização sobre o cuidado com o meio ambiente. Além, e eu penso que ano que vem (2018), a gente já começa a trabalhar neste aspecto, é ... o Santuário vai ser e vai trabalhar forte na área social. Então três ou quatro grandes

elementos que o Santuário vai trabalhar na área da Evangelização como “Católico, como Santuário Católico”, na Evangelização como uma coluna forte. Depois na área da profecia do cuidado e da conscientização do meio ambiente, como outro Pilastra e a outra com certeza o social, que ainda a gente está estudando ‘pronde’ é que o Santuário vai ser mais chamado, se é na área da Creche, se é na área da dependência química, se é na área do atendimento aos pobres, se é na área da saúde, se é na área da educação, enfim, ainda nós estamos buscando entender qual que o papel social do Santuário aqui em Caldas Novas. (SALVADEGO, 2017).

No que diz respeito à modificação e descaracterização do ambiente no local da construção do Santuário, foi levantado por ele à preocupação e o zelo com a Serra e com os terrenos vagos ao redor do templo. Em sua resposta a este levantamento assim respondeu:

A construção está dentro do perímetro urbano, não é área de preservação. Hoje é o Santuário, mas poderia ser escola, hospital, casas de moradia, etc. O santuário abriu espaço para a construção, mas plantou e conservou o ambiente. Reflorestou e cuida com esmero o espaço. (SALVADEGO, 2017).

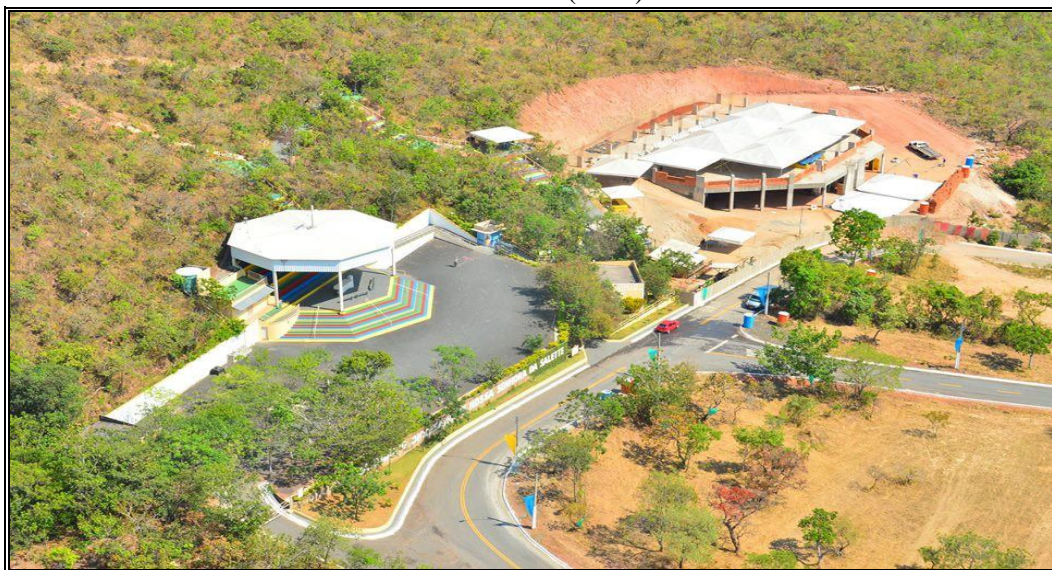
No tocante a este cenário de descaracterização do ambiente da Serra, é possível observar através de fotos antes da construção do Santuário, que o local da construção realmente foi preservado no passar dos anos, não agredindo em tão alto grau o território. E no que concerne quanto à visão da população sobre este assunto e com já mostrado acima, somente 5% das pessoas pesquisadas, ou seja, 15 pessoas levantaram que um dos aspectos negativos da construção do Santuário foi a descaracterização da Serra após a edificação deste templo sagrado, legitimando as informações do Padre Ildefonso Salvadego (MS).

Figura 78: Vista do Santuário Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2004)



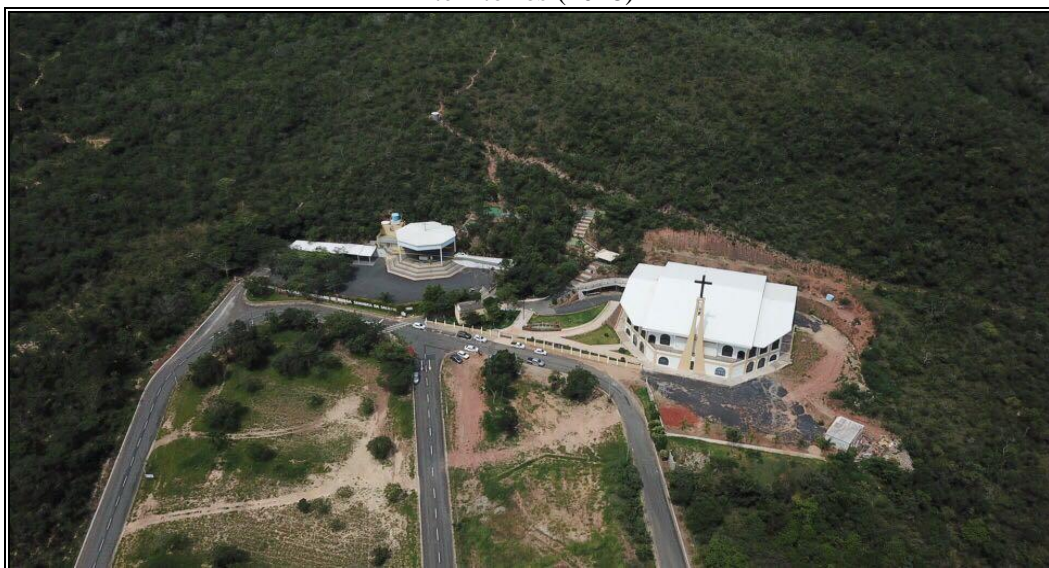
Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas.

Figura 79: Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2017)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

Figura 80: Vista aérea do Santuário Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas e seus espaços e territórios (2018)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salette de Caldas Novas.

Perante o que concerne a especulação imobiliária dos terrenos vagos no bairro em que se encontra o Santuário, é possível ver uma mudança no ambiente deste local. As imobiliárias lançaram casas e loteamentos neste local como esperado, porém, graças ao cuidado do Santuário aos terrenos próximos a ele, não se construiu coisa alguma, uma vez que comprou estes espaços para a preservação do silêncio e da proposta de paz e zelo com o local que tem, desde a sua criação. É possível ver através de fotos esta mudança do território pelas fotos abaixo:

Figura 81: Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas, que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2005)



Fonte: Fotos e anexos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Salete de Caldas Novas.

Figura 82: Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas, que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2018)



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Figura 83: Vista do loteamento “Mansões Recanto da Serra”, bairro Recanto da Serra em Caldas Novas e uma das ruas perpendiculares a Avenida que se encontra o Santuário Nossa Senhora da Salete, seus espaços e territórios (2018)



Fonte: Trabalho de campo, 2018. Foto: autora da pesquisa.

Verificou-se que no geral, há um turismo religioso no município de Caldas Novas que é atuante e em altíssimo potencial, onde as pessoas estão descobrindo esta religiosidade e adaptando suas rotinas de lazer a este novo segmento religioso. Mesmo o Turismo religioso não sendo hoje o maior responsável pelo desenvolvimento local, aos poucos está conseguindo trazer pessoas que procuram tanto o lazer como o espiritual e futuramente poderá vir a ser uma enorme válvula propulsora do turismo religioso no município.

É apropriado reiterar que o Turismo Religioso pode favorecer o município como um todo, beneficiando positivamente e significativamente vários aspectos, dentre eles, o social, transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais. Mudanças espaciais e territoriais aconteceram no decorrer dos anos em Caldas Novas, e aos poucos a população foi se adaptando a esta nova realidade e sua nova organização espacial.

Este segmento religioso foi sendo um agente transformador do município, ocasionando dentre seus pontos aqui já levantados na pesquisa, mais pontos positivos que negativos. Nesta ótica, entendemos que a cidade se sustenta dentro deste contexto do Turismo Cultural, alcançando os objetivos propostos neste trabalho desde seu início.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão a respeito do turismo religioso em torno da cidade de Caldas Novas envolve aspectos singulares, uma vez que a cidade já é um pólo turístico de entretenimento e lazer. Analisar o turismo religioso é considerar que este envolve aspectos de devoção e fé, um sentimento espiritual particular ao turismo. A partir de tudo que foi proposto e desenvolvido no presente trabalho, e como objetivo principal, verificou-se a real potencialidade turística do Turismo Cultural Religioso aliado ao Turismo de Lazer deste local, portanto, é passível afirmar que a cidade de Caldas Novas, certamente já é um dos destinos religiosos bastante procurados do Estado de Goiás, incluindo também vários Estados do Brasil.

A cidade está se fortalecendo ano a ano de uma forma geral, em suas questões de espacialidade, ou seja, tomando consciência de seus sujeitos com o meio ambiente, organizando as coisas entre si e de seus espaços em movimento. Pelas pesquisas realizadas e das discussões aqui delineadas, arriscamos caminhar no sentido de compreender a cidade de Caldas Novas como um mosaico de reencontros de seus aspectos simbólicos, ocupação do espaço e interações humano-sociais. Isto nos permite dizer que ela está inserida em um ambiente que a circunda, tendo em conta suas condições materiais, econômicas, políticas e sociais, repensando sua história, percepção e interpretação destes novos atores que surgem a cada novo significado de suas narrativas.

No desenvolvimento dessa pesquisa foi possível compreender, que a socialização de sujeitos de diferentes lugares e origens proporcionados pelo Turismo de Lazer, acabou se transformando em uma ferramenta de auxílio para este diálogo inter-religioso, uma vez que pessoas de várias religiões, como demonstrado neste estudo, visitam e muitas vezes frequentam, este templo religioso que é o Santuário de Nossa Senhora da Salette e por vezes a Matriz Nossa Senhora das Dores.

A este fato e através de dados colhidos nesta pesquisa é possível afirmar, a real possibilidade deste local de Turismo de Lazer, vulgo profano, tornar-se também um local religioso e sagrado para as pessoas que aqui chegam, uma vez que andam lado a lado neste aglomerado

No que tange a cultura, foi averiguado mudanças sociais na comunidade de Caldas Novas, como bem constatado pela pesquisa. A ideia de cultura como fator de desenvolvimento social, está reforçando a identidade e integração cultural desses sujeitos e alçando um bem estar social a estes povos, que vai além do bem estar financeiro, algo perdido como relatado por moradores antigos, dos quais através deste revigoramento religioso que já

era contido na cidade desde seu início, foi sendo recuperado por este turismo cultural religioso.

É fato perceber que o turismo é visto como um fator de desenvolvimento econômico na cidade de Caldas Novas, e um dos privilégios da união da cultura e turismo é a reafirmação cultural dos sujeitos, a maior valorização e conservação do patrimônio, a valorização e zelo com o meio ambiente e o respeito às diversidades culturais e portanto, com este segmento do Turismo Religioso a cidade só teve a ganhar com sua consolidação.

A pesquisa aqui realizada não almeja findar o tema por ela proposto, mas pretende sim, que este estudo se torne somente o início de grandes pesquisas neste sentido do turismo cultural religioso. A expectativa da atual pesquisa é que ela seja vista como um início de reflexão sobre o que pode ser melhorado e modificado no município com esta inserção do turismo cultural religioso, principalmente ao que tange a comunidade local, suas políticas, economia, divulgação, aperfeiçoamento, valorização e especialmente a ligação substancial do turismo religioso, que é a fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **Caldas Novas: Além das Águas Quentes**. Caldas Novas: Kelps, 1996.

ALMEIDA, Maria Geralda de et.al. **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

ALMIRÓN, Analia; BERTONCELLO, Rodolfo e TRONCOSO, Claudia Alejandra. Turismo, Patrimonio Y Territorio: Una discusión de sus relaciones a partir de casos de Argentina. **Estudios y Perspectivas em Turismo**, v. 15, p. 101-124. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-17322006000200001&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

ALVES, Maria Lúcia Bastos; RAMOS, Silvana Pirillo. Turismo religioso no Rio Grande do Norte: as múltiplas faces dos “encontros” no Sertão do Seridó. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano IV, n. 2, p. 35-50, 2. sem. 2007. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/24645/rio-grande-do-norte--as-multiplas-faces-dos---encontros---no-sertao-do-serido/i/pt-br>>. Acesso em 23 de setembro de 2017.

ALVES, Rubens. **O que é Religião**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. Edição Primeiros Passos. Disponível em: <<http://files.direito-pucminas.webnode.com.pt/200000356-a6e11a7db0/Rubens%20Alves%20-%20O%20Que%20C3%A9%20Religi%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 25 de setembro de 2017.

AMORIM, Nádia Fernanda Maia de. A intervenção à fala de Viertler. In: FILHO, Jenner B. Bastos; AMORIM, Nádia F. M.; LAGES, Vinícius Nobre (Org). **Cultura e Desenvolvimento: A Sustentabilidade Cultural em Questão**. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

ANDRADE, Delma Santos de. O Turismo Cultural no Brasil: Perspectivas e Desafios. In: Congresso Internacional de Turismo Cultural Religioso: Oportunidades e Desafios para o Séc. XXI, 2008, Póvoa de Varzim – Portugal. Empresa Gráfica do Diário do Minho, 2008, p. 55 a 62.

ANDRADE, Solange R. A Religiosidade Católica no Brasil a partir da Revista Eclesiástica Brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n.2. Ano I, 2002. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf1/04%20Solange%20R.%20Andrade.pdf>>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ANTUNES, Joaquim; BARROCO, Cristina e DIAS, Hermínio. A Importância do Turismo Religioso no Desenvolvimento das Regiões: o caso do Santuário da Nossa Senhora da Lapa, *International Journal of Scientific Management and Tourism*, vol. 2,1, pp. 273-285, 2016.

AFONSO, Maria José Pastor. **El Patrimonio Cultural como opción Turística - Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 97-115, outubro de 2003.

AGUIRRE, Daniel (MS). Um Santuário Saletino no Centro do Brasil. Revista Salette 100 anos, Marcelino Ramos, m. 814, p. 3-7, Set/Out. 2016.

ARAGÃO, Ivan Rego. Reflexões acerca do Turismo Cultural Religioso e Festa Católica no Brasil - **Revista Grifos**, n. 36/37, 2014. Disponível em: <<file:///F:/turismo%20religioso.pdf>>. Acesso dia 03 de outubro de 2017.

BADARO, R. A. L. **Direito do turismo**: história e legislação no Brasil e no exterior. São Paulo: SENAC, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Coleção Turismo. Campinas: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo**: Discussões Contemporâneas. 2 ed. Coleção Turismo. Campinas: Papirus, 2007.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1997.

BENI, M. C. Política e estratégia do desenvolvimento regional: planejamento integrado e sustentável do turismo. **Turismo em Análise**, v. 10, n. 1, p. 7-17, 1999. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/28691/politica-e-estrategia-do-desenvolvimento-regional--planejamento-integrado-e-sustentavel-do-turismo/i/pt-br>>. Acesso dia: 25 de setembro de 2017.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações** (Campo Grande), v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016.

BORGES, Leandro Bernardes. **Programa de regionalização do turismo – roteiros do Brasil**: análise interdisciplinar de uma política pública em Goiás. 2008. 157 p. Dissertação (Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília.

BORGES, Maristela Corrêa. **Uma Geoantropologia dos Tempos e Espaço de criadores populares de Cultura em São Romão, Norte de Minas Gerais**. 2010. 242 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Acessível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16079/1/Diss%20Maristela.pdf>>. Acesso dia: 02 de outubro de 2017.

BORGES, Olinda Mendes. **Caldas Novas (GO): turismo e fragmentação sócio-espacial (1970-2005)**. Dissertação. [https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16194/1/CaldasNovas\(GO\).pdf](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16194/1/CaldasNovas(GO).pdf) – Dissertação UFU sobre Caldas Novas

BRANDÃO, C. R. **Os Deuses do Povo**: um estudo sobre a religião Popular. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, 180 p.

BUENO, Ayrton Portilho. **Patrimônio Paisagístico e turismo na Ilha de Santa Catarina: a permanência da paisagem no desenvolvimento sustentável da atividade turística**. 2006. 374 f. Tese (Doutorado) Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Tese.pdf>>. Acesso dia 23 de setembro de 2017.

CAES, André Luiz. **Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da Igreja (1890-1934)**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Dissertação de Mestrado, 1995.

CANDEAS, Alessandro Warley. Cultura e Desenvolvimento: Em Busca da Humanização do Crescimento Econômico. In: FILHO, Jenner B. Bastos; AMORIN, Nádia F. M.; LAGES, Vinícius Nobre (Org). **Cultura e Desenvolvimento: A Sustentabilidade Cultural em Questão**. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

CALVELLI, H. G. Turismo Religioso no caminho da fé. In: **Revista de Turismo Cultural**. v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/05_Caminho_da_f%C3%A9-Haudrey.pdf>. Acesso dia 23 de setembro de 2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP; 1998.

CARVALHO, Edivasco; OLIVEIRA, Sofia Araújo de. e CARVALHO, Karoliny Diniz. Turismo Cultural e Sustentabilidade: Uma relação possível? Revista eletrônica de Turismo Cultural, v. 04, n. 01, 1 semestre de 2010. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/07.1Carneiro.pdf>>. Acesso no dia 28 de setembro de 2017.

CARVALHO, Paulo. **Planeamento, redes territoriais e novos produtos turísticos eco culturais**. 1º CONGRESSO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE CABO VERDE. 15., 2009, e 1º CONGRESSO LUSÓFONO DE CIÊNCIA REGIONAL, 3., 2009, Coimbra, POR: Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) – Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sessão%2014/91A.pdf>. Acesso em: 02 de outubro de 2017.

CASSIANO, Ricardo. **Caldas Novas: Da Mineração ao Turismo – 90 Anos**. 1 ed. Caldas Novas, 2001.

CERVO, Amado. L.; BERVIAN, Pedro. A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2006. 288 p.

CHISTOFFOLI, Angelo Ricardo, PEREIRA, Raquel Fontes do Amaral e SILVA, Yolanda Flores e. **O Lazer no Turismo Religioso: uma análise dos discursos no Turismo**. Revista de Turismo Y Patrimônio Cultural – PASOS - vol.10, n. 5, pags. 595-603, 2012. http://www.pasosonline.org/Publicados/10512/PS0512_14.pdf

CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **Turismo e religiosidade no Brasil**: um dos estudos dos discursos da produção acadêmica brasileira – Tese, 2007. 137 p. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria), Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camboriú. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Angelo%20Ricardo%20Christoffoli.pdf>>. Acesso dia: 01 de outubro de 2017.

CITTADIN, Ana Paula. **Laguna, paisagem e preservação**: o patrimônio cultural e natural do município. Florianópolis, 2010, Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93780>>. Acesso dia 20 de setembro de 2017.

CLACIR, José de Bernardi; CASTILHO, Maria Augusta. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v17n4/1518-7012-inter-17-04-0745.pdf>>. Acesso dia 28 de setembro de 2017.

CORRÊA, Darcísio. et al. **Cidadania, Biodiversidade e Identidade Cultural na Reserva do Indígena**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. (Coleção direito, política e cidadania; 16).

COSTA, Patrícia Côrtes. **Unidades de conservação: matéria-prima do ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DIÁRIO DO TURISMO, Jornal e-Diário. Caldas Novas (GO): turismo representa 80% do produto interno Bruto (PIB). Jan. 2016. Disponível em: <<https://diariodoturismo.com.br/caldas-novas-go-turismo-representa-80-do-produto-interno-bruto-pib/>>. Acesso dia 05 de fevereiro de 2018.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

DENZI, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURKHEIM, Êmile. **As formas elementares da vida religiosa**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIAS, Mayara Ferreira; LIMA, Yure Silva. Análise sobre o desenvolvimento e a Gestão do Turismo no Interior do Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais** – seção especial de artigos Ano 11/2013. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/mayara_ferreira_de_farias_seo_especial>. Acesso dia: 26 de setembro de 2017.

FASSINI (MS), PE. Ático. **A Montanha Iluminada: O Fato da Salette**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2016a.

FASSINI (MS), PE. Ático. **Salette na Rota do Cruzeiro do Sul**. Curitiba, TopGraf Editora & Gráfica Ltda: 2010b.

FEGER, José Elmar. **Turismo e desenvolvimento regional: o caso do meio oeste catarinense**. Blumenau: Universidade Regional de Blumenau. 2005. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional - 159p. Blumenau.. Acessível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt9-turismo-no-meio-oeste.pdf>>. Acesso dia: 05 de agosto de 2017.

FERREIRA, Jurandir Pires (Presidente IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e obra conjunta dos conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, v. XXXVI, jan. 1958.

FRIGERIO, Alejandro. El Futuro de las Religiones Mágicas en Latinoamérica IN: **VIII Jornadas Alternativas religiosas latino-americanas**. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2152/841>>. Acesso dia 04 de outubro de 2017.

FUNARI, Pedro Pauli ; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KwzuLPDH_DoC&oi=fnd&pg=PA7&dq=Turismo+cultural+e+religioso&ots=QKLZWaiVUe&sig=HyktNnb33-t5vHefu_ZOI3PI2Cg#v=onepage&q&f=false>. Acessado dia: 11 de agosto de 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, José Theophilo de. **Histórias e Estórias de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1978.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. P. 21-29. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2003. 320 p.

GONZALO, Maria Cruz Porcal. Turismo Cultural, Turismo Religioso Y Peregrinaciones en Navarra. Las Javieradas como caso de Estudio. **Cadernos de Turismo**. n.18, p. 103-134. 2006. acessado dia 11 de agosto, 2006. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/17831-85211-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/17831-85211-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em 08 de agosto de 2017.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf>. Acesso: 05 de janeiro de 2018.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. V.22 , n. 2 ., p.15-46, 1997.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JALUSKA, Taciane Terezinha; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. A Utilização dos Espaços Sagrados pelo Turismo Religioso e suas possibilidades como Ferramenta auxiliar para o Estabelecimento do diálogo entre as Nações. **Turismo – Visão e Ação**. n. 3, v. 14, p. 337-348. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14210/rtva.v14n3.p337-348>>. Acesso dia: 16 de agosto de 2017.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: A Materialidade Da Fé. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5547>>. Acesso dia 28 de setembro de 2017.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo e RUSSEF, Ivan. Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, n. 4, v. 3, p. 35-42. Mar. 2002. Disponível em: <<File:///C:/Users/Usuario/Downloads/575-1311-1-PB.pdf>>. Acesso dia 16 de agosto de 2017.

KÖHLER, André Fontan; DURAND, José Carlos Garcia. Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. **Turismo – Visão e Ação**, v. 9, n. 2, p. 185-198. Maio/Ago. 2007. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/204/174>>. Acesso dia: 23 de setembro de 2017.

LEONARDI Paula.; MAZOCHI, Leticia Aparecida. Revista Santuário e escola: a atuação dos Saletinos na Educação do Brasil. Pro-Posições, Campinas, v. 25, n. 1 (73), p. 99-115, jan/abr 2014.

LIMONAD, Ester. **Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos**. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. Territórios, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

MARCHI, Euclides. O Sagrado e a Religiosidade: Vivências e Mutualidades. **História: Questões & Debates**, n. 43, p. 33-53, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/7861-22363-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/7861-22363-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso dia 04 de outubro de 2017.

MARQUES, Luana Moreira. XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., 2012, Uberlândia, MG. **Anais: O Catolicismo Rústico e a Festa Popular: Dimensões Urbanas e Rurais da Festa de Santos Reis no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.** Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1382_1.pdf> Acesso dia: 19 de setembro de 2017.

MÁRIO G. NOGUEIRA. O Papel do Turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, n.21. v. 2, p. 37-54, abr./jun. 1987. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9772/8795>>. Acessado no dia 08 de agosto de 2017.

MARQUES, José Geraldo W. Dinâmica Cultural e Planejamento Ambiental: Sustentar não é Congelar. In: FILHO, Jenner B. Bastos; AMORIN, Nádia F. M.; LAGES, Vinícius Nobre (Org). **Cultura e Desenvolvimento: A Sustentabilidade Cultural em Questão**. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

MARQUES, Luana Moreira. **Geografias do Cerrado: Sociedade, Espaço e Tempo no Brasil Central**. Uberlândia: Edibrás, 2014.

MARUJO, Noémi; CARVALHO, Paula. Turismo e Planejamento e Desenvolvimento Sustentável. **Turismo & Sociedade, Curitiba**, v.3, n. 2, p. 147-161, Outubro de 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10174/4146>>. Acesso em: 26 de setembro de 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO (Brasil). **Turismo Cultural: Orientações Básicas**. 3 ed. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso dia 22 de setembro de 2017.

MORENO, Tânia Maria. O Sagrado e o Profano na cidade de São Paulo. **Revista Cordis – Revista eletrônica de História Social**, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/10321>>. Acesso dia: 4 de outubro de 2017.

MORIN, Edgard. **Cultura de massa no século XX – Neurose** (Vol. 1). Trad. M^a Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

NASCIMENTO, Mírian Guedes. **Sustentabilidade Cultural no âmbito do desenvolvimento local: uma análise do DLIS/SEBRAE-SE**. 2005. 169 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – Sergipe.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Trajetórias do sagrado, **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/06.pdf>>. Acesso dia: 20 de setembro de 2017.

NETO, Luiz Aquino. A História de Boca em Boca. Folha de Goiás, 01 de outubro de 1981.

NETO, Luiz Aquino Alves. Entrevista concedida a Isabel Cristina Vilela Guerra (autora da pesquisa). Caldas Novas, 10 de fevereiro de 2018.

OLIVEIRA, Flávia Moura de. **Espaço, Lugar, Identidade e Urbanização: Conceitos geográficos na abordagem do Turismo**. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia). Coordenadoria de Pós-Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB6VRH3N/flavia_moura_de_oliveira.pdf?sequence=1>. Acesso em 17 maio 2017.

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. Desafios de Planejamento em Políticas públicas: diferentes visões e práticas. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 2, p. 273-88, mar./abril. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000200006&lng=pt&tlng=pt> Acesso dia 05 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso. (Org). **Diferentes Olhares sobre o Turismo na Região das Águas Quentes de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2014.

OLIVEIRA, Sérgio Luiz Paiva de. **Turismo e Desenvolvimento Sustentável: o caso da Vila do Abraão**. Rio de Janeiro, 2006. 134 p., Dissertação de Mestrado - Escola Brasileira de Administração Pública de Empresas (EBAPE) - Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <[http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Sergio%20de%20Oliveira%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Sergio%20de%20Oliveira%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf)>. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural: Uma visão antropológica**. El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. 307p. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoeedita/PSEedita2.pdf>>. Acesso em outubro de 2017.

PEREIRA, Denise; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Espaço Religioso e Espaço Turístico : Significações Culturais e Ambiguidades no Santuário do Caraça/MG. **O&S**. n. 34, v. 12, p. 31-50. Julho/setembro 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v12n34/a03v12n34.pdf>>. Acessado dia 11 de agosto de 2017.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. Barueri/São Paulo: Manole, 2001.

PLANO NACIONAL DO TURISMO – (PNT) 2007/2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2007_2010.pdf>. Acesso dia: 03 de outubro de 2017.

RIBEIRO, H. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 2, n. 4, p. 1-7, 2002. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/21193/andar-com-fe-e-o-sentido-do-chegar/i/pt-br>>. Acesso dia: 26 de setembro de 2017.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio Cultural**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 01-138.

SALVADEGO, Ildelfonso. Entrevista concedida a Isabel Cristina Vilela Guerra (autora da pesquisa). Caldas Novas, 21 de novembro de 2017.

SANCHO, Amparo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Rocca, 2001.

SANTOS, Flávia de Oliveira; CHAVES, Manoel Rodrigues. Evolução Urbana, especulação Imobiliária e fragilidade ambiental em Caldas Novas (GO). **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 10, n. 32, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 17 de fev. 2017.

SANTOS, Jaqueline Guimarães. **Sistema de Indicadores de Sustentabilidade para o Turismo**: aplicação de uma abordagem participativa em Porto de Galinhas, PE. 2013. 217 p.

Dissertação (Mestre em Administração) – Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SANTOS, Jean Carlos Vieira; SILVA, João Albino. Olaria e Turismo Cultural: reflexões sobre o caso Alentejo-Portugal. **Revista turismo em análise**, v. 26, n. 4. Dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/97130/111548>>. Acesso dia: 22 de outubro de 2017.

SCHLEWER, Marcel. **Salete: Opção de Vida**. Tradução de Pe. Ático Fassini, MS. La Salette: Siloë Editeur, 1999.

SCIFONE, Simone. **A Construção do Patrimônio Natural**. São Paulo, 2006. 289 p., Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-27122006-104748/en.php>>. Acesso dia 22 de setembro de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007a.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- **Metodologia do Trabalho Científico** [livro eletrônico]. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2017b.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista Estudos da Religião**, n. 2, p. 1-14, 2004.

SILVA, Arlete Mendes da. O Lugar na Cultura: Uma construção Social, Espacial e Temporal. In: Aires José; SANTOS, Roberto de Souza (org). **Educação, Ambiente, Cultura e Lugar: Uma análise da Produção do Espaço Geográfico**. Goiânia: Kelps, 2012.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. Turismo, Políticas de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento. Um Foco no Estado do Paraná no Contexto Regional. 2002. **Trabalho fundamentado na Tese de Doutorado do autor, junto a Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da FFLCH/USP**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/06.pdf>>. Acesso dia 20 de setembro de 2017.

SILVEIRA, Emerson J. da Sena da. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva Global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, Maio de 2007.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, maio 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/62606-81774-1-PB.pdf>>. Acesso dia: 28 de setembro de 2017.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUTO MAIOR, A. **História Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990.

SOUZA, Angela Fagna Gomes e BRANDÃO, Carlos Rodrigues de. Saberes Locais, Identidade e Diversidade Cultural: sujeitos e lugares do médio rio São Francisco. In: MARQUES, Luana Moreira. **Geografias do Cerrado: Sociedade, Espaço e Tempo no Brasil Central**. Uberlândia: Edibrás, 2014.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Patrimônio Imaterial: Relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa**. Uberlândia: Ed. do autor, 2015.

TEIXEIRA, Maria do Socorro Gondim; JÚNIOR, Manoel Cícero Romão. **Turismo Religioso: Uma alternativa econômica para municípios do Seridó – RN**, 2011. Disponível em: <<http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/93.pdf>>. Acesso dia 02 de outubro de 2017.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do Patrimônio Cultural e sua trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais**, n. 2, v. 7, Maio/ Jun /Jul /ago. 2010. Disponível em: <<file:///F:/ARTIGO%20patrimônio%20cultural.pdf>>. Acesso: 21 de setembro de 2017.

TULIK, Olga. **Turismo e repercussões no espaço geográfico, Turismo em Análise**, n. 02. São Paulo: ECA- USP, pp. 63-77, 1990.

VIEIRA, J. **Planeamento e ordenamento territorial do turismo: uma perspectiva estratégica**. Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo, 2007.

VIERTLER, Renate Brigitte. A ideia de “Sustentabilidade Cultural”: Algumas considerações críticas a partir da Antropologia. In: FILHO, Jenner B. Bastos; AMORIN, Nádia F. M.; LAGES, Vinícius Nobre (Org). **Cultura e Desenvolvimento: A Sustentabilidade Cultural em Questão**. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

VILAÇA, Abílio. Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades para o Séc. XXI. . In: Congresso Internacional de Turismo Cultural Religioso: Oportunidades e Desafios para o Séc. XXI, 2008, Póvoa de Varzim – Portugal. Empresa Gráfica do Diário do Minho, 2008, p. 22-27.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: Edusc, 2000.

WERLANG MSF, D. Guilherme Antonio (Org.) et al. História das Paróquias da Diocese de Ipameri. In: WERLANG MSF, Guilherme Antonio (Org.) et al. **Jubileu de Ouro da Diocese de Ipameri**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Questionário aplicado à comunidade local de Caldas Novas

Assunto pesquisado referente a Qualificação da Dissertação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sociedade.

Aluna: Isabel Cristina Vilela Guerra – Docente UEG – Câmpus Caldas Novas.

Orientador: Dr. André Luiz Caes – Docente UEG – Câmpus Morrinhos

Tema:

TURISMO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE DA CIDADE DE CALDAS NOVAS – GOIÁS:

Uma abordagem sobre a religiosidade e suas tramas

Levantamento dos dois objetos de Estudo:

- 1- Igreja Matriz – Paróquia Nossa Senhora das Dores
- 2- Santuário de Nossa Senhora da Salete

Questionário sobre os impactos do Turismo Religioso – Comunidade Local:

1. Mora em: () Zona Urbana () Zona Rural
2. Estado civil: () Solteiro (a) () Casado (a) () Viúvo (a) () Separado (a)
3. Sempre morou em Caldas Novas? () Sim () Não
4. Mora em Caldas Novas há quanto tempo? _____
5. Sexo: () Feminino () Masculino
6. Idade:

() Menos de 18 anos	() Entre 18 e 25 anos	() Entre 26 e 35 anos
() Entre 36 e 50 anos	() Entre 51 e 65 anos	() Acima de 65 anos
7. Renda Mensal:

() Menos de 1 salário mínimo	() Entre 1 e 8 salários mínimos
() Entre 3 a 5 salários mínimos	() Entre 6 e 8 salários mínimos
() Entre 8 e 10 salários mínimos	() de 10 a 15 salários mínimos
() Acima de 15 salários mínimos	() Sem renda () Não declarado
8. Grau de Escolaridade:

() Sem escolaridade	() Ensino fundamental incompleto
() Ensino fundamental completo	() Ensino médio incompleto
() Ensino médio completo	() Graduação incompleta
() Graduação completa	() Pós graduação incompleta
() Pós graduação completa	() Curso Técnico
9. Ocupação atual:

() Empregador	() Empregado assalariado em empresa privada
() Trabalhador autônomo (trabalha por conta própria)	
() Profissional liberal (Ex. médico, dentista, advogado, etc.).	
() Aposentado	() Dona de casa
() Estudante	() Desempregado () Outros

10. Área de ocupação:

Comércio Agricultura Serviços Diversos Turismo Outros

11. Qual a sua religião:

Católico Espírita Evangélico Adventista Testemunha de Jeová Budista
 Umbanda e religiões afro-africanas Hinduísta Ortodoxa Protestante Outra

12. Como você vê a religião em Caldas Novas:

Atuar e fortalecida com o passar dos anos Fragilizada com o passar dos anos
 Aumentou nos últimos 05 anos Diminuiu nos últimos 05 anos
 Não consegue opinar sobre este assunto

13. Considera que o município de Caldas Novas pode ser considerado atuante no turismo religioso:

Sim Não Não consegue responder

14. O que a Matriz Nossa Senhora das Dores representa quanto à religião na cidade de Caldas Novas?

Início da religião no município
 somente patrimônio histórico do município
 Uma simples Igreja do município
 Continuidade da religião em Caldas Novas

15. A Matriz Nossa Senhora das Dores, se destaca pelo trabalho religioso e de responsabilidade social que pratica:

Sim Não

16. A Matriz Nossa Senhora das Dores, se destaca na prática da sustentabilidade que dissemina entre a população da cidade de Caldas Novas, como palestras, eventos, seminários, etc.

Sim Não
 Desconheço qualquer trabalho voltado à sustentabilidade da Matriz.

17. Considera que o turismo religioso foi intensificado na cidade de Caldas Novas, após a construção do Jubileum (extensão da Matriz Nossa Senhora das Dores):

Sim, especialmente para a população local da cidade
 Sim, especialmente para os turistas da cidade
 Não teve nenhuma modificação.

18. Considera que o turismo religioso se destacou com a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete na cidade de Caldas Novas:

Sim Não

19. Considera que o turismo religioso modificou a cultura local de Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

Sim Não

20. Considera que o turismo religioso modificou a economia local de Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

Sim Não

21. Considera que o turismo religioso aumentou o índice de poluição local na cidade Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

Sim Não

22. Considera que o turismo religioso provocou aumento no número de casos de prostituição local em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não
23. Considera que o turismo religioso provocou aumento no número de casos de prostituição local em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não
24. Considera que o turismo religioso provocou aumento no número de casos de uso de drogas em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não
25. Considera que o turismo religioso modificou os rituais religiosos que existiam antes da construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete na cidade de Caldas Novas: (festas religiosas, eventos religiosos, etc.)
() Sim () Não
26. Considera que o turismo religioso aumentou o número de empregos na cidade Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não
27. Considera que a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete trouxe mais mudanças positivas que negativas para a cidade de Caldas Novas:
() Sim () Não
28. Quais os efeitos positivos que ser destacados em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Incentivo e aumento da religião
() Aumento das festas religiosas celebradas
() Aumento do número de turistas na cidade em especial o turista religioso
() Aumento de Congressos, encontros, seminários ligados a evangelização dos fieis
() As visitas aos patrimônios religiosos
() Nenhum importância significativa na cidade
29. Quais os efeitos negativos podem ser destacados que ocorreram em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Aumento da Exploração do Turista
() Descaracterização da Serra com a construção do Santuário
() Perda de identidades culturais locais
() Maior especulação imobiliária
() Crescimento desordenado das pessoas ao entorno do santuário causando problemas ao município
() Nenhum impacto negativo para a cidade.
30. Considera que o Santuário de Nossa Senhora da Salete foi idealização política:
() Sim () Não
31. Considera que o Santuário de Nossa Senhora da Salete será conservado ao longo do tempo:
() Sim
32. Considera que a responsabilidade de gerir o Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas, é:
() Da Paróquia () Da prefeitura () Da Diocese
() Do governo Estadual () Do governo Federal () Do próprio Santuário
() Não sabe

33. Considera que a cidade está mais movimentada depois da construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não

34. Considera que o turismo religioso foi impulsionado na cidade de Caldas Novas, depois da construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:
() Sim () Não

APÊNDICE 2: Questionário aplicado aos Visitantes do Santuário de Nossa Senhora da Salete em Caldas Novas.

Assunto pesquisado referente a Qualificação da Dissertação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sociedade.

Aluna: Isabel Cristina Vilela Guerra – Docente UEG – Câmpus Caldas Novas.

Orientador: Dr. André Luiz Caes – Docente UEG – Câmpus Morrinhos

Tema:

TURISMO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE DA CIDADE DE CALDAS NOVAS – GOIÁS:

Uma abordagem sobre a religiosidade e suas tramas

Levantamento dos dois objetos de Estudo:

- 1- Igreja Matriz – Nossa Senhora das Dores
- 2- Santuário de Nossa Senhora da Salete

Questionário sobre os impactos do Turismo Religioso – Visitantes do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

1. Cidade de origem: _____

2. Estado civil: () Solteiro (a) () Casado (a) () Viúvo (a) () Separado (a)

3. Sexo: () Feminino () Masculino

4. Idade:

() Menos de 18 anos () Entre 18 e 25 anos () Entre 26 e 35 anos
() Entre 36 e 50 anos () Entre 51 e 65 anos () Acima de 65 anos

5. Renda Mensal:

() Menos de 1 salário mínimo () Entre 1 e 8 salários mínimos
() Entre 3 a 5 salários mínimos () Entre 6 e 8 salários mínimos
() Entre 8 e 10 salários mínimos () de 10 a 15 salários mínimos
() Acima de 15 salários mínimos () Sem renda () Não declarado

6. Grau de Escolaridade:

() Sem escolaridade () Ensino fundamental incompleto
() Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto
() Ensino médio completo () Graduação incompleta
() Graduação completa () Pós graduação incompleta
() Pós graduação completa () Curso Técnico

7. Ocupação atual:

() Empregador () Empregado assalariado em empresa privada
() Trabalhador autônomo (trabalha por conta própria) () Aposentado
() Profissional liberal (Ex. médico, dentista, advogado..) () Dona de casa
() Estudante () Desempregado () Outros

8. Área de ocupação: () Comércio () Agricultura () Serviços Diversos () Turismo () Outros

9. Onde você está hospedado: () Hotel () Flats () Casa para aluguel

10. Visita Caldas Novas:

- Com sua família e carro próprio Com sua família e excursão
 Com amigos e carro próprio Com amigos e excursão Com Excursão

11. Quantas vezes já visitou à cidade de Caldas Novas?

- 01 vez Mais de 03 vezes Mais de 05 vezes Mais de 08 vezes

12. Qual a sua religião:

- Católico Espírita Evangélico Adventista Testemunha de Jeová Budista
 Umbanda e religiões afro-africanas Hinduísta Ortodoxa Protestante Outra

13. O que mais atrai você na cidade de Caldas Novas:

- Turismo de diversão Turismo religioso Os dois

14. Quantas vezes já visitou o Santuário de Nossa Senhora da Salette?

- 01 vez Mais de 03 vezes Mais de 05 vezes Mais de 08 vezes

15. Como conheceu o Santuário de Nossa Senhora da Salette:

- Panfleto Internet Informação no hotel
 Amigos TV Outros _____

16. Já veio exclusivamente para algum evento religioso na cidade de Caldas Novas? Quais?

- Sim Não

Qual evento? _____

17. Qual a importância da religião em sua vida e o que ela significa para você?

- Lugar para depositar sua fé e segui-la
 Um guia do certo e errado dos princípios cristãos
 Ensino e aprofundamento do respeito, amor, fé e sobretudo seguir os princípios de Deus
 Amor ao próximo
 Guardar 01 dia de descanso por semana
 Freio social aos instintos humanos

18. O que o Santuário de Nossa Senhora da Salette significa (ou) na sua vida?

- Uma experiência com Deus
 Renovação da fé
 Simplesmente um local turístico religioso
 Devoção à Maria e busca da fé
 Não sabe definir

19. Como possível um local voltado ao turismo de diversão se tornar um turismo religioso/sagrado?

- Investindo na cultura religiosa do local
 Divulgando mais os locais religiosos
 Através dos milagres realizados no local sagrado
 Fazendo mais eventos religiosos
 Não é possível um local de turismo de diversão se tornar um turismo religioso

20. Considera que o município de Caldas Novas pode ser considerado atuante no turismo religioso:

- Sim Não Não consegue responder

21. Já visitou a Paróquia Nossa Senhora das Dores? Sim

Não

22. Já participou de alguma missa durante sua hospedagem na cidade? () Sim () Não

Onde _____

23. Considera que o turismo religioso foi intensificado na cidade de Caldas Novas, após a construção do Jubileum (extensão da Paróquia Nossa Senhora das Dores):

- () Sim, especialmente para a população local da cidade
- () Sim, especialmente para os turistas da cidade
- () Não teve nenhuma modificação.

24. Considera que o turismo religioso se destacou com a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete na cidade de Caldas Novas:

- () Sim () Não

25. Quais os efeitos positivos que ser destacados em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

- () Incentivo e aumento da religião
- () Aumento das festas religiosas celebradas
- () Aumento do número de turistas na cidade em especial o turista religioso
- () Aumento de Congressos, encontros, seminários ligados a evangelização dos fieis
- () As visitas aos patrimônios religiosos
- () Nenhum importância significativa na cidade

26. Quais os efeitos negativos podem ser destacados que ocorreram em Caldas Novas após a construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

- () Aumento da Exploração do Turista
- () Descaracterização da Serra com a construção do Santuário
- () Perda de identidades culturais locais
- () Maior especulação imobiliária
- () Crescimento desordenado das pessoas ao entorno do santuário causando problemas ao município
- () Nenhum impacto negativo para a cidade.

27. Considera que o Santuário de Nossa Senhora da Salete foi idealização política:

- () Sim () Não () Não sei opinar

28. Considera que o Santuário de Nossa Senhora da Salete será conservado ao longo do tempo:

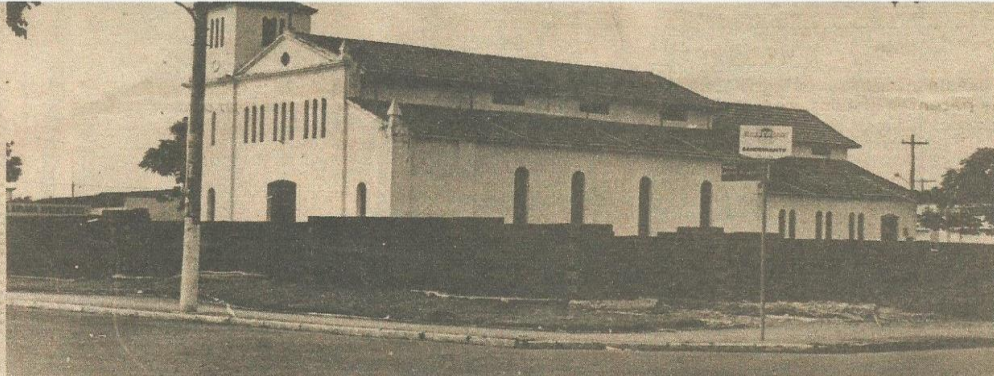
- () Sim () Não

29. Considera que o turismo religioso foi impulsionado na cidade de Caldas Novas, depois da construção do Santuário de Nossa Senhora da Salete:

- () Sim () Não

ANEXOS

ANEXO 1 – Jornal Folha de Goiaz de 01 de outubro de 1981 retratando Caldas Novas – A história, de boca em boca – Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores



Enfileirados, como soldados na trincheira, milhares de tijolos cercam a velha igreja, à espera da hora final

CALDAS NOVAS

A história, de boca em boca

1-10-81
 TEXTO E FOTO:
 LUIZ AQUINO NETO

A demolição da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Caldas Novas, proposta pelo Conselho Paroquial e repudiada pela quase totalidade da população, é justificada pelos seus propositores com um fraco argumento - o de que, tendo sido demolida uma de suas torres, o antigo prédio perdeu seu valor histórico. Alguém ironiza, indagando se a mutilação de um dedo anula uma personalidade. A significação da igreja - que tem 131 anos - como marco histórico do mais importante pólo turístico de Goiás é explicada pela história do nascimento da cidade, contada de boca em boca.

Por volta de 1830, chegou à região hoje correspondente ao município de Caldas Novas o mineiro Luiz Gonzaga de Menezes, de Ponte Nova, hoje Nova Ponte-MG. Viúvo, pai de três filhos, ele adquirira gado na região e fazia pião (reuniao gado adquirido) na fazenda de Dona Rita — solteirona que vivia num enorme sobrado nas proximidades do hoje patrimônio do Sapé.

Conta-se, por tradição oral, que esse sobrado era tão grande que "a estrada salineira passava no porão da casa". Luiz Gonzaga de Menezes acabou se casando com Dona Rita, com quem não teve filhos, e passou a viver no grande sobrado, tendo também requerido sesmarias na região, tornando-se grande proprietário.

O casal tinha alguma inspiração liberal e frequentemente alforriava negros escravos. Para que não se dispersassem, concedeu-lhes um sítio para a formação de um quilombo, não muito distante da casa da fazenda. Esses negros costumavam furtrar açúcar, rapadura e cachaça na fazenda e, com o produto dos furtos, promoviam grandes farras.

Com o objetivo de se livrar dos prejuízos que os negros libertos lhe causava, Luiz Gonzaga de Menezes decidiu doar à Igreja uma gleba para constituição de um povoado, onde os negros se abrigariam, ficando, assim, distantes da sede de sua fazenda. Na doação desse patrimônio, aparece também um outro proprietário — Domingos José Ribeiro. Ambos deixaram descendentes, que até hoje residem em Caldas Novas.

O cônego Jerônimo, o começo da cidade personagem de Bernardo Guimarães em *O ermitão de Muquem*, foi a quem Luiz Gonzaga de Menezes e Domingos José Ribeiro recorreram, propondo a doação. Conhecido como Padre Santo, devido a algumas profecias (previu a primeira guerra mundial, o avião e outros fatos confir-

mados quando ainda em vida), o cônego exigiu, contudo, que o rico fazendeiro Luiz Gonzaga fixasse residência no novo povoado.

Gonzaga de Menezes construiu então sua casa, no local onde mais tarde seria edificada a cadeia (criminosamente demolida para dar lugar ao cinema); construiu currais e mudou-se para o povoado surgindo, assim, em torno da construção da Igreja, iniciada em 1850 e concluída em 1853, o núcleo habitacional que daria origem à cidade de Caldas Novas. Mas o Padre Santo fez uma profecia, ou rogou uma praga: "Transfiro para lá o povoado, mas lá não vai parar padre".

Nossa Senhora do Desterro foi a padroeira escolhida para o novo povoado, mas o que disse Padre Jerônimo a propósito de "não parar padre" vinha se cumprindo. Por isto, o cônego José Olindo substituiria a padroeira por Nossa Senhora das Dores — isto em 1888 —, tentando fugir à praga — ou profecia — de Padre Jerônimo.

CONSTRUÇÃO DA IGREJA

Nota-se uma grande semelhança entre a igreja de Caldas Novas com a primeira construção da Matriz de Morrinhos e a da igreja de Campos Belos (MG), de onde vieram os construtores do templo de Caldas Novas possivelmente também construtores da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Morrinhos, área também de ação do cônego Jerônimo. Esta igreja foi construída entre 1838 e 1947, poucos anos, portanto, antes da de Caldas Novas.

Curiosamente, nas imediações do sítio do novo povoado não havia madeira para construção, o que leva a supor que o madeirame utilizado foi trazido de algum local distante. Por isto, — talvez —, e pela crise econômica da época, em 1828 uma das torres

foi demolida, pois começara a desabar e ameaçava a segurança dos religiosos e fiéis.

Depois disso, a igreja de Caldas Novas passou por uma reforma em 1952, sob a liderança de Nacif Behcara Daher, então promotor de Justiça e José Pinto Neto, então coletor federal. Ambos são maçons (e essa referência vem apenas a propósito da sistemática perseguição que move o padre e membros do conselho paroquial à maçonaria) e cuidaram de preservar ao máximo as características do templo, tendo trocado, então, todo o telhado ("não encontrávamos, na época, telhas coloniais") e o piso, que era de madeira e agora é de cerâmica.

No interior da igreja, muitas pessoas foram sepultadas e quando ainda havia o piso de madeira os locais dos túmulos eram indicados por pregos cravados. Mas muitos foram sepultados do lado de fora, em torno do templo — como os negros escravos, pois o cemitério se fazia, então, onde havia igreja.

E de se lastimar, contudo, que não haja na igreja de Caldas Novas registros para consultas. A rigor, nenhum padre ali permaneceu por mais de cinco anos, e os arquivos sempre se perderam, levados para Morrinhos ou simplesmente para as paróquias para as quais os padres se transferiam ao deixar a cidade.

Mas o fato mais lamentável relacionado à Igreja de Caldas Novas é o que se sabe sobre seu antigo sino, doado pela vizinha cidade de Santa Cruz. E a cidade tida como a mais antiga de Goiás premiou o recém-surgido povoado com o primeiro sino fundido na província. Na década de 30 ou de 40, o velho sino foi retirado da igreja de Caldas Novas, pelo vigário de então. E apenas uma voz levantou-se contra: a de Augusto Novato, pai de dona Amância, que hoje "amagrece de rinha" ao saber que pretendem demolir a igreja. Consta que tal sino estaria, hoje num museu da Holanda, para onde foi contrabandeado.

Atualmente, os caldas novenses mais interessados por sua terra lamentam também o desaparecimento das alfaías da igreja, furtadas pelos inúmeros vigários da paróquia, além de imagens e quadros que se encontram espalhados pelos mais distantes locais do País ou do exterior, porque em Caldas Novas existe uma tradição: os filhos da terra não têm direito de decidir sobre seus rumos.

ANEXO 2 – Documento da Pasta de Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores da Igreja Matriz de Caldas Novas

Igreja Matriz de Caldas Novas.

Segundo o prof. Bretas antigo morador de Caldas Novas em 1818 o Sr. Domingos José Ribeiro doou um terreno em forma de dízimo para a Igreja Católica. Por necessidade de uma Igreja para os fiéis o Sr. Luiz Gonzaga de Menezes teve a iniciativa de construir uma Igreja em 1850, que teve seu término com auxílio dos fiéis em 1853. Os materiais usados na construção foram: Aroeiras lapidadas, esteios também lapidados e as paredes de adobe (barro de terra roxa, amassado com os pés) o teto todo de Madeira boa e recebeu o nome de Nossa Senhora do Desterro.

Em 1888, o pároco Cônego José Olindo da Silva por ser supersticioso mudou o nome da Igreja para Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores.

A Igreja Matriz de Caldas Novas teve várias reformas acontecendo a 1ª em 1920, a 2ª como restauração em 1983 e a 3ª também como restauração em 1999.

Os documentos mais antigos de Caldas Novas com referência à Igreja Matriz são: 1º Uma carta escrita em latim pelo padre Manoel Amôneis de Carvalho, para o Pe. de Santa Cruz Antônio Luiz Braz Prego cobrando-lhe uma visita em 13 de setembro de 1854. 2º Uma carta enviada por Estandislaio Perez Pregador Comissário Geral de todas as residências das Dioceses de Goiás ao Ilmo. Pregador FR. Julian Calzada, nomeando-o como Religioso Superior (Presidente) para a Igreja Nossa Senhora das Dores de Caldas Novas em 12 de março de 1901.

Uma foto com vista da Igreja Matriz em 1918.

Uma planta para reforma da Igreja feita em 08 de dezembro de 1933.

Uma carta enviada ao DD. Arcebispo de Goiás D. Emmanuel Gomes de Oliveira solicitando a restauração da Igreja Católica e a nomeação de um vigário especial para Caldas Novas devido ao grande crescimento da população, assinada por 20 fiéis moradores antigos de Caldas Novas em 10 de junho de 1937.

FONTES DOCUMENTAIS: Pasta da Secretaria da Igreja Matriz de Caldas Novas contendo documentos antigos.

REF. BIBLIOGRAFICA: Entrevista com moradores antigos de Caldas Novas como: Prof. Bretas , Profª. Hélia Rodrigues e o Sr. Oscar Santos.

CONCLUSÃO:

Havia a necessidade de ampliar a Matriz para abrigar os fiéis que aumentavam de acordo com o aumento da população, mas não mudar a estrutura da Igreja o que realmente aconteceu.

De acordo com a pesquisa, a Igreja Matriz de Caldas Novas foi judiada, depedrada, modificada e continua com mudanças, coisa que nem todos queriam que acontecesse como, por exemplo; o Sr. Oscar Santos e a Profª. Hélia Rodrigues.

ANEXO 3 – Jornal Folha de Goiaz de 29 de setembro de 1981 retratando Caldas Novas – A Demolição da Igreja Revolta a População – Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores

Goiânia, terça-feira, 29 de setembro de 1981 FOLHA



CALDAS NOVAS

Demolição da igreja revolta a população

De repente, carretas começam a despejar dezenas de milhares de tijolos especiais defronte à Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Caldas Novas. O fato chamou a atenção de todos, que começaram a indagar a razão da compra de tanto material, e um membro do Conselho Paroquial esclareceu que ia ser construída uma nova igreja, ao lado da antiga - primeira edificação da cidade.

Ora, construir uma nova igreja nunca foi novidade e nem motivo para assombro ou contestação. Mas ninguém admite que se construa uma igreja ao lado de outra sem supor que já exista previamente uma intenção de demolição do templo antigo.

Foi pensando assim que o advogado José Pinto Neto telefonou à redação da FOLHA DE GOIAZ. E essa foi a interpretação que toda a população caldas-novense deu ao fato. Sente-se, em cada pessoa ouvida, uma certa dose de revolta, sobretudo porque o exemplo de Morrinhos está ali, bem próximo e recente, isto é, a 56 quilômetros e cerca de quatro anos.

EM MORRINHOS

Em Morrinhos, a bonita Igreja de Nossa Senhora do Carmo, situada numa praça que é passagem obrigatória para todos os que demandam a Caldas Novas, foi demolida sem a anuência da população. Preservou-se apenas a torre - que era central no frontispício do velho templo - e construiu-se ao fundo e separadamente um prédio moderno que mais parece uma lanchonete que uma igreja.

Segundo informações colhidas nas duas cidades, "enquanto o doutor Silvio (de Melo) era vivo, ninguém teve coragem de demolir a velha igreja, mas assim que ele morreu o templo foi demolido, dando muito trabalho porque era uma construção sólida". Este é o destino da Igreja de Caldas Novas, construída entre 1950 e 1953, por iniciativa de Luiz Gonzaga de Menezes e que deu origem ao núcleo de povoamento da cidade.

No argumento de Ulisses Naves Ferreira, presidente do Conselho Paroquial de Caldas Novas, "o templo perdeu seu valor histórico a partir do momento em que uma de suas torres foi demolida". Este foi o argumento que o padre - que mora em Morrinhos e semanalmente celebra em Caldas Novas - usou para o prefeito José Onofre de Carvalho "quando lhe falou de um projeto para a nova Igreja.

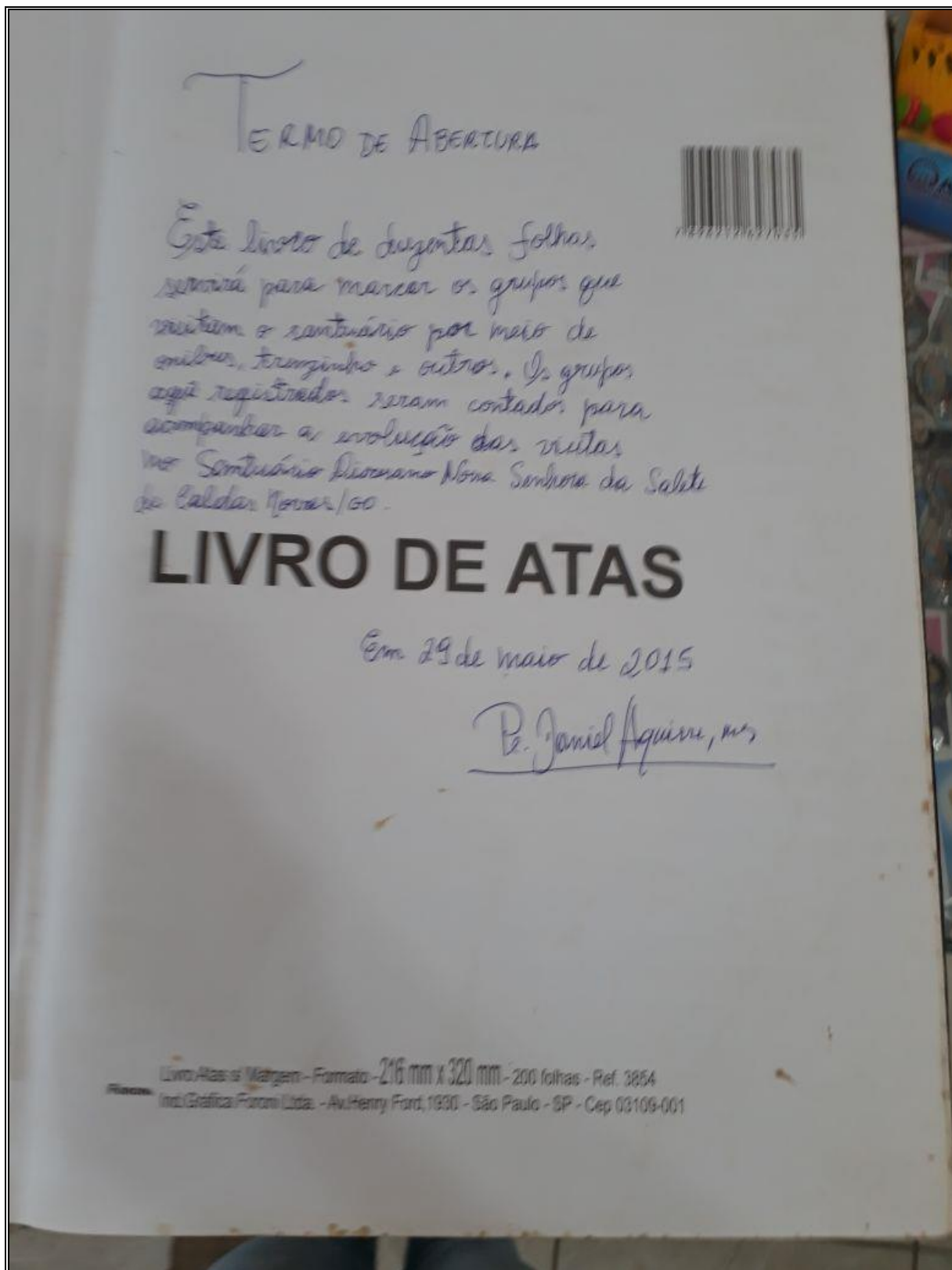
O prefeito disse ao padre que apresentasse o seu projeto "pelos canais competentes", e o mesmo seria estudado com os critérios da Lei. Embora evite fazer comentários a respeito, em virtude da natureza de seu cargo, percebe-se que o prefeito José Onofre de Carvalho não é favorável à demolição do marco histórico que é a Igreja: "Se eles (o padre e os conselheiros) se decidirem por construir a nova Igreja em outro local, a Prefeitura mesmo poderá doar-lhes um terreno no novo bairro que está nascendo nas imediações da estação rodoviária" diz o prefeito.

De um modo geral, ninguém aprova a demolição do antigo edifício e evocam-se os mais variados exemplos de velhos templos e outras edificações que os governos Estadual e Federal cuidam de restaurar. Alega Ulisses Naves Ferreira que "o prédio da Igreja não oferece segurança", mas dona Amância Augusta de Moraes contesta: "O madeiramento é todo de aroeira e bálamo, madeira muito resistente". Não se notam, no prédio, rachaduras ou sinais de desabamento, como argumenta o presidente do Conselho Paroquial.

Em todos, uma dúvida: "É preciso saber o que há por trás disso. Afinal, todos os membros do Conselho Paroquial são forasteiros que aqui chegaram há alguns anos, não têm raízes e nem interesse pela memória da cidade; se lhes é oferecido um terreno para edificar um novo templo, qual a razão que os leva a insistir na demolição da velha Igreja?". Alguns, mais inflamados, falam até em violência: "Numa situação desta, ninguém condenaria a violência, e tem gente aqui capaz de tudo para evitar que se destrua o patrimônio histórico que é a nossa Igreja".

Amanhã, no Segundo Caderno, FOLHA DE GOIAZ publica uma ampla reportagem sobre o assunto, com entrevistas a pessoas do local e importantes informações sobre a história da igreja de Nossa Senhora das Dores, primeira edificação da cidade de Caldas Novas. De importante, contudo, é a luta que a população caldas-novense está disposta a encetar: tudo será feito para impedir que o templo seja destruído pelos forasteiros.

ANEXO 4 – Livro de Atas criado no dia 29 de maio de 2015 pelo então Pe. Daniel Aguirre (MS), no Santuário de Nossa Senhora da Salette, para anotações de dados dos visitantes, como: Cidade, Estado, mês, dia, ano, veículo e quantidade de pessoas.



ANEXO 5 – Jornal Cidades E+ Notícias e Classificados, de 26 de junho de 2017, contendo aprovação da Lei que Inclui a Romaria da Salete no Calendário do Estado de Goiás.

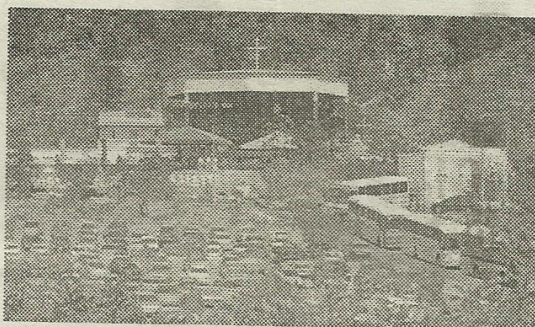
02 Goiás, segunda-feira, 26 de junho de 2017

Lei que inclui a Romaria da Salete no calendário do Estado é aprovada

A Assembleia Legislativa aprovou em segunda votação, na última quarta-feira (21), o projeto de lei nº 375 que inclui no Calendário Oficial de Eventos do Estado a Romaria de Nossa Senhora da Salete. A data deverá ser comemorada anualmente na última semana de setembro, no município de Caldas Novas. Autor do projeto de lei, o deputado estadual Marquinho Palmerston (PSDB), representante de Caldas Novas na Assembleia Legislativa, afirmou que a proposta foi um reconhecimento do evento religioso, que "se transformou numa grande manifestação

de fé dos cristãos católicos de Caldas Novas e de cidades vizinhas de Goiás e também de outros estados". Uma das manifestações da romaria é a procissão em louvor a Nossa Senhora de Salete, que percorre cinco quilômetros e reúne milhares de fiéis que caminham à pé até o Santuário. "É uma forte demonstração religiosa, de fé e também de tradição cultural que deve ser reconhecida e valorizada", destaca o parlamentar.

O Reitor do Santuário Diocesano da Nossa Senhora de Salete, Padre Daniel Aguirre, comemorou a aprovação do projeto. "Essa lei reconhece o trabalho



A data deverá ser comemorada anualmente na última semana de setembro, em Caldas Novas

hora porque o Santuário está concluindo as obras para a inauguração da igreja e isso soma ainda mais para termos um trabalho cada vez mais satisfatório para receber todos os fiéis", declara. Segundo o Padre, essa era uma demanda antiga do bispo

de. "Porém ninguém nunca tinha apostado no projeto. O deputado Marquinho gentilmente acreditou e apresentou a proposta, que agora foi aprovada", diz. O projeto agora segue para a sanção do governador de Goiás, Marconi Pe-

ANEXO 6 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 19 de outubro de 2004, contendo matéria sobre o início do Turismo Religioso em Caldas Novas, com a primeira Romaria de Nossa Senhora da Salette.

Romaria Diocesana reuniu milhares de devotos

*CNN-Notícias
Caldas Novas
19/10/2004 p. 4*

Aconteceu no dia 17 de outubro, a 1ª Romaria Diocesana organizada pela Diocese de Ipameri com a presença do Bispo Dom Guilherme Erlang. A organização e mobilização da comunidade foram de responsabilidade da igreja local e seus movimentos pastorais, que conseguiram mobilizar a comunidade católica de Caldas Novas e região.

A Romaria teve início nas primeiras horas da manhã com

a recepção das caravanas das dezenove cidades que compõem a Diocese de Ipameri. O cerimonial do evento fez os agradecimentos ao prefeito Evandro Magal e ao Diretor de operações da Agetur Leônidas Barros, que estava representando o Governador Marconi Perillo.

Mais de 1.300 pessoas caminharam da Praça Mestre Orlando até a área onde vai ser construído o Santuário a Nossa

Senhora da Salette, no setor Recanto da Serra, uma distância aproximada de seis mil metros. No local foi instalado um altar que aconteceu a cerimônia da missa campal.

A baixa temperatura favoreceu o princípio da caminhada. O calor intenso aconteceu no momento da missa campal. Foi feita a implantação de uma cruz de aroeira, além do simbolismo da fé cristã, simboliza o renascimento do cerrado que

foi devastado pela cultura da soja, conforme citou padre Fernando.

No final da solenidade o Secretário de Obras Milton Galvão que representou o prefeito Evandro Magal, que estava em viagem no Rio de Janeiro, entregou um documento simbolizando a escritura do terreno ao representante da Diocese, da área onde será construído o Santuário Nossa Senhora da Salette.

O início do turismo religioso em Caldas Novas



Essa 1ª Romaria Diocesana não representa apenas um momento de fé cristã de devotos que acreditam na mensagem profética de Maria, baseada no Evangelho de seu Filho Jesus de ter um encontro com Deus. Significa o primeiro passo para construção do Turismo Religioso.

Nossa Senhora da Salette apareceu na França em 19 de setembro de 1846. Em lágrimas, a Virgem Maria re-

vela seu sofrimento por causa das injustiças de seu povo. Através de duas pobres crianças Melânia e Maximo, faz o apelo à conversão, em nome de seu filho Jesus Cristo.

Com o sucesso do primeiro evento, a segunda Romaria Diocesana já tem data marcada para acontecer será no dia 04 de Setembro de 2005, cumprindo o mesmo trajeto com fiéis de todas as regiões, como também os turistas

que freqüentam as águas termais.

Os cristãos poderão encontrar-se consigo mesmo, com o próximo, com a natureza e com Deus, como afirma o Padre Fernando que é um dos grandes entusiastas da idéia de edificação do Santuário.

Para o Leônidas Barros diretor da Agetur e representante oficial do Governador Marconi Perillo, essa romaria é o primeiro passo para a im-

plantação do Turismo Religioso, como acontece no Paraná, Santa Catarina, Aparecida do Norte em São Paulo e Trindade em Goiás dentre tantas outras cidades brasileira.

Para Dom Guilherme esta Romaria Diocesana é primeiro passo para se chegar a concretização o sonhado Santuário Diocesano, este é um evento de grande significado para Caldas Novas.

ANEXO 7 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas.



ANEXO 8 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas e a Consciência Ecológica durante a realização da Romaria.



ANEXO 9 – Jornal CNN – Notícias de Caldas Novas, de 26 de outubro de 2004, contendo matéria sobre a inauguração do Santuário de Nossa Senhora da Salette em Caldas Novas, demonstrando a gratidão de uma moradora da cidade durante a realização da Romaria.

CARTA DO LEITOR

Minha gratidão

Quase não acreditei, mas eu estava caminhando ao lado de tanta gente na I Romaria da Senhora de Salette em Caldas Novas, domingo passado, 17. Logo atrás, meu marido me acompanhava de carro, porque nós tínhamos que eu não conseguiria caminhar 5km a pé, subindo e descendo ruas e experimentando desafios a cada instante. Constantemente eu sinto incômodas dores e quase nunca estou com disposição para andar.

Tendo constantes dores ciáticas, uma perna quebrada com prótese e esporão no calcanhar, comecei a caminhada com a intenção de chegar até o Hotel Hot Springs. Porém isso aconteceu. Fui além.

Cheguei no local onde será construído o Santuário Saletino junto com todos os caminhantes, participei da celebração de pé e testemunhei o fenômeno solar bem sob nossas cabeças, chamando a atenção de todos nós.

Ao iniciar a celebração da Santa Missa, os raios do sol se abriram sobre nossas cabeças de forma muito especial; um círculo luminoso foi percebido sob o olhar atento de todos os presentes. Dom Guilherme Werlang, arcebispo de Ipameri entre outros celebrantes, foi o primeiro a perceber esta incomum claridade, chamando nossa atenção para o fato. Sim, havia mesmo um círculo lumi-

noso em volta do sol. Foi bonito e emocionante. Um momento compartilhado por todos os presentes - e não apenas por mim - foi sentido como uma presença acalentadora e confortante da Senhora de La Salette. Muitos de nós não pudemos conter as lágrimas de gratidão e reconhecimento.

No final, pude concluir que a caminhada feita até o local do futuro santuário foi uma experiência maravilhosa de certeza e de auto-confiança; agora eu sei que sou capaz de caminhar sem medo, principalmente voltando outras vezes até mesmo sozinha no local do Santuário em forma de agradecimento a Nossa Senhora da Salette.

Eu tenho certeza de que a vinda de Nossa Senhora da Salette significa tudo de bom para nós, de Caldas Novas, e todos os que por aqui passarem.

Carinhosamente, D^a Lu.



No dia seguinte D^a Lu agradece o bem-estar da caminhada

CNN - Notícias - Caldas Novas, 26/10/2004, p. 2

ANEXO 10 – Projetos de Lei Ordinária da Câmara Municipal de Caldas Novas, alterando nomes das ruas próximas ao Santuário de Nossa Senhora da Salete, no Setor Mansões Recanto da Serra, pelos nomes de Missionários Saletinos.



CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS

Honestidade e Transparência!

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA 043/2016 DE 13 DE ABRIL DE 2016

AUTOR: VEREADOR WANDERSON NUNES

“Dispõe sobre a alteração de nome de Rua Pública Municipal e determina outras providências.”

A CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, APROVOU, E EU, PREFEITO MUNICIPAL, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art.1º - Fica instituída pela presente Lei a alteração do nome da Rua 20, no Setor Mansões Recanto da Serra, que passará a chamar **RUA PADRE JACINTHO PASIN. (Pe. Jacintho Pasin)**

Art.2º - Caberá ao Poder Executivo municipal, através de seus órgãos competentes, a instalação de placa alusiva ao referido nome.

Art.3º- Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 4º- Revogam-se as disposições em contrário.

PLENÁRIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, AOS TREZE DIAS DO MÊS DE ABRIL DE 2016.




WANDERSON NUNES
VEREADOR

64 3453.1188 | www.camaradecaldas.go.gov.br | contato@camaradecaldas.go.gov.br

PAÇO LEGISLATIVO MARTINHO PALMERSTON: Avenida Tiradentes, S/N - Setor Itanhangá I - Caldas Novas - GO



CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS

Honestidade e Transparência!

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA 041/2016 DE 13 DE ABRIL DE 2016

AUTOR: VEREADOR WANDERSON NUNES

“Dispõe sobre a alteração de nome de Rua Pública Municipal e determina outras providências.”

A CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, APROVOU, E EU, PREFEITO MUNICIPAL, SANCIONO A SEGUINTE LEI:


Art.1º - Fica instituída pela presente Lei a alteração do nome da Rua 18, no Setor Mansões Recanto da Serra, que passará a chamar **RUA MISSIONÁRIO ALOÍSIO BRUXEL**.

Art.2º - Caberá ao Poder Executivo municipal, através de seus órgãos competentes, a instalação de placa alusiva ao referido nome.

Art.3º- Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 4º- Revogam-se as disposições em contrário.

PLENÁRIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, AOS TREZE DIAS DO MÊS DE ABRIL DE 2016.

PROTOCOLADO	
Em	13/04/2016 às 16:31 hs.
Nº	2016.000712
 Marilene Pereira Câmara Municipal de Caldas Novas-GO	


WANDERSON NUNES
 VEREADOR

64 3453.1188 | www.camaradecaldas.go.gov.br | contato@camaradecaldas.go.gov.br

PAÇO LEGISLATIVO MARTINHO PALMERSTON: Avenida Tiradentes, S/N - Setor Itanhanga I - Caldas Novas - GO



CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS

Honestidade e Transparência!

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA 042/2016 DE 13 DE ABRIL DE 2016

AUTOR: VEREADOR WANDERSON NUNES

“Dispõe sobre a alteração de nome de Rua Pública Municipal e determina outras providências.”

A CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, APROVOU, E EU, PREFEITO MUNICIPAL, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

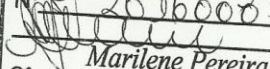
Art.1º - Fica instituída pela presente Lei a alteração do nome da Rua 19, no Setor Mansões Recanto da Serra, que passará a chamar **RUA DOS SALETINOS**.

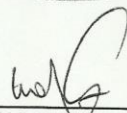
Art.2º - Caberá ao Poder Executivo municipal, através de seus órgãos competentes, a instalação de placa alusiva ao referido nome.

Art.3º- Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 4º- Revogam-se as disposições em contrário.

PLENÁRIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS, AOS TREZE DIAS DO MÊS DE ABRIL DE 2016.

PROTOCOLADO	
Em	4/04/16 às 16:30hs.
Nº	2016000710
 Marilene Pereira Câmara Municipal de Caldas Novas-GO	


WANDERSON NUNES
 VEREADOR

64 3453.1188 | www.camaradecaldas.go.gov.br | contato@camaradecaldas.go.gov.br

PAÇO LEGISLATIVO MARTINHO PALMERSTON: Avenida Tiradentes, S/N - Setor Itanhangá I - Caldas Novas - GO